

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**PROCESSOS EXISTENCIAIS
EM REPORTAGENS DE CAPA
DA REVISTA *SUPERINTERESSANTE***

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Lauro Rafael Lima

**Santa Maria, RS, Brasil
2013**

**PROCESSOS EXISTENCIAIS
EM REPORTAGENS DE CAPA
DA REVISTA *SUPERINTERESSANTE***

Lauro Rafael Lima

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Letras

Orientadora: Dr^a. Sara Regina Scotta Cabral

**Santa Maria, RS, Brasil
2013**

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Lima, Lauro Rafael
Processos Existenciais em Reportagens de Capa da
Revista Superinteressante / Lauro Rafael Lima.-2013.
137 p.; 30cm

Orientadora: Sara Regina Scotta Cabral
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação
em Letras, RS, 2013

1. Gramática Sistêmico-Funcional 2. Sistema de
Transitividade 3. Processos Existenciais 4. Gênero
Reportagem I. Scotta Cabral, Sara Regina II. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**PROCESSOS EXISTENCIAIS
EM REPORTAGENS DE CAPA
DA REVISTA SUPERINTERESSANTE**

elaborada por
Lauro Rafael Lima

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Letras

COMISSÃO EXAMINADORA:



Dr^a. Sara Regina Scotta Cabral
(Presidente/Orientadora)



Dr^a. Nina Célia Almeida de Barros (UFSM)



Dr. Raymundo da Costa Olioni (FURG)

Santa Maria, 01 de março de 2013.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Miriam e Lauro Samuel, e à minha irmã, Raquel, que participaram direta e indiretamente do processo de construção dessa pesquisa, tiveram muita paciência e muita sabedoria para me acalmar nos momentos mais difíceis da pesquisa e comemoraram juntos a cada página escrita.

À minha namorada, Stefania, que me acompanhou durante todo o processo de pesquisa, auxiliou-me em diversas etapas, confortou-me nos momentos de dificuldade e compreendeu os vários momentos de ausência proporcionados pela elaboração da dissertação somada ao trabalho como professor.

Aos meus amigos – que são muitos – que ouviram com empolgação as minhas descobertas, mesmo sem entender direito do que se tratava, e com desânimos as minhas frustrações, mesmo sem entender direito o porquê de aquilo ser frustrante.

À minha orientadora, Sara, que demonstrou não só a capacidade intelectual que se espera de uma pesquisadora, mas a capacidade humanitária da compreensão e do apoio, instruiu-me de maneira ímpar e foi fundamental para a conclusão deste e de tantos outros trabalhos realizados nos dois anos de Mestrado.

À Dani, colega de aulas e de orientações, que além de inúmeras conversas teóricas, nas quais incorporávamos o espírito de pesquisadores, não me permitiu esquecer nenhum prazo, atrasar nenhuma entrega, nem faltar a nenhum evento.

Aos colegas do NELP e do LABPORT, que leram partes do texto, ouviram apresentações e deram sugestões para que hoje esta pesquisa estivesse concluída com êxito.

A todas as pessoas que de alguma forma participaram do meu processo de construção como aluno, professor e pesquisador, seja com conversas informais que resultaram em ideias e realizações, seja com discussões teóricas que permitiram o amadurecimento de teorias que foram aqui colocadas em prática.

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria

PROCESSOS EXISTENCIAIS EM REPORTAGENS DE CAPA DA REVISTA *SUPERINTERESSANTE*

Autor: Lauro Rafael Lima

Orientadora: Dr^a. Sara Regina Scotta Cabral

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 01 de março de 2013.

Esta dissertação tem como tema o estudo dos processos existenciais do sistema de transitividade da gramática sistêmico-funcional (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004). Esta abordagem funcionalista entende a linguagem como um sistema que pode ser estratificado e categorizado. Tendo em vista essa possibilidade, realizamos uma pesquisa quantitativa e qualitativa, que trabalha ao mesmo tempo com dados numéricos e com análise e interpretação dos achados em um determinado contexto. O principal objetivo desta pesquisa é identificar verbos que podem constituir processos existenciais em língua portuguesa, tanto os prototípicos quanto outros verbos, em um *corpus* de dezesseis (16) reportagens de capa da revista *Superinteressante*, sendo oito (8) reportagens com temática científica e oito (8) com temática histórica. Inicialmente, criamos uma lista de palavras com o auxílio da ferramenta Word Smith (SCOTT, 2008), selecionamos todos os verbos que poderiam funcionar como processos existenciais e analisamos todas as suas ocorrências. Foram analisados os quinze (15) verbos mais frequentes na pesquisa realizada. Os resultados apontam para a prevalência dos verbos “haver” e “existir” em reportagens científicas, e “morrer” e “nascer” em reportagens históricas. Os Existentes, mais frequentemente funcionando em posição temática, constituem, em sua maioria, seres não conscientes. Poucos são os Existentes referidos a pessoas. O verbo “ter”, típico da linguagem falada brasileira, é empregado com sentido de “existir” e tem seu Existente sempre em posição remática. Esses resultados podem contribuir para a descrição das orações existenciais na perspectiva hallidayana. A partir disso, interpretamos a contribuição dos processos existenciais para o gênero reportagem (BONINI, 2003; LAGE, 1987; MELO, 1994) de acordo com as temáticas da revista *Superinteressante*.

Palavras-chave: Gramática Sistêmico-Funcional. Sistema de Transitividade. Processos Existenciais. Gênero Reportagem.

ABSTRACT

Master's Degree Dissertation
Post-Graduation Program in Letters
Federal University of Santa Maria

EXISTENTIAL PROCESSES IN COVER REPORTS OF THE *SUPERINTERESSANTE* MAGAZINE

Author: Lauro Rafael Lima
Advisor: Dr^a. Sara Regina Scotta Cabral
Date and Local of the Defense: Santa Maria, march 1st, 2013.

This dissertation has as theme the study of the existential processes from the transitivity system of the systemic-functional grammar (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004). This functionalist approach understands language as a system that can be stratified and categorized. In view of this possibility, that works at the same time with numerical data and with analysis and interpretation of the findings in a given context. The main objective of this research is to identify the verbs that can constitute existential processes, both prototypical as other verbs, in a *corpus* of sixteen (16) cover reports of the *Superinteressante* magazine, been eight (8) reports with a scientific thematic and eight (8) with a historical thematic. In the beginning we created a wordlist, with the assistance of the tool Word Smith (SCOTT, 2008), selected all the verbs that may function as existential processes and analyzed all the occurrences. The fifteen (15) most frequent verbs were analyzed in this research. The results point to the prevalence of the verbs "there is" and "to exist" in science reports, and "to die" and "to born" in historical reports. The Existents, more frequently function in thematic position, are mostly not conscious beings. Few are the Existents that refer to persons. The verb "to have", typical of the Brazilian spoken language, is used with the sense of "to exist" and has it's Existent always in rhematic position. These results can contribute to the existential processes description in the Halliday's perspective. From this, we interpreted the contribution of the existential processes to the report genre (BONINI, 2003; LAGE, 1987; MELO, 1994) according to the *Superinteressante* magazine's thematics.

Keywords: Systemic-Functional Grammar. Transitivity System. Existential Processes. Report Genre.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estratificação.....	14
Figura 2 – Metafunção.....	16
Figura 3 – Transitividade.....	22
Figura 4 – Tipos de Processos.....	27
Figura 5 – Exemplos de verbos servindo como processo em orações existenciais.....	28
Figura 6 – Resultados parciais: Processos existenciais–Texto: Recomendar.....	33
Figura 7 – Resultados parciais: Processos existenciais–Texto: Relatar.....	34
Figura 8 – Tipos de Sujeitos.....	48
Figura 9 – Exemplo de <i>Wordlist</i>	70
Figura 10 – Exemplo de <i>Concord</i>	71

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Ocorrências, em porcentagem, dos quinze verbos analisados como processos existenciais e como outros processos.....	79
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tipos de processos, seus significados e participantes característicos.....	29
Quadro 2 – Tipos de processo material: criativo/transformativo.....	38
Quadro 3 – Orações atributivas e identificadoras.....	42
Quadro 4 – As principais categorias da oração “relacional”.....	43
Quadro 5 – Reportagens de capa da revista <i>Superinteressante</i> , com temática científica, selecionadas como <i>corpus</i> da pesquisa.....	64
Quadro 6 – Reportagens de capa da revista <i>Superinteressante</i> , com temática histórica, selecionadas como <i>corpus</i> da pesquisa.....	65
Quadro 7 – Resultados numéricos do <i>corpus</i>	66
Quadro 8 – Ocorrências de Processos Existenciais por reportagem na revista <i>Superinteressante</i>	72
Quadro 9 – Número e porcentagem de ocorrências dos verbos analisados.....	76
Quadro 10 – O Existente nas reportagens científicas e nas reportagens históricas do <i>corpus</i>	110
Quadro 11 – Posição do Existente em reportagens científicas.....	114
Quadro 12 – Posição do Existente em reportagens históricas.....	115
Quadro 13 – Contagem dos processos presentes no <i>corpus</i>	116
Quadro 14 – Proposta de categorização para os verbos que funcionam como processos existenciais no <i>corpus</i> da pesquisa.....	117
Quadro 15 – Números total e percentual de ocorrências como processos existenciais.....	117
Quadro 16 – Processos existenciais separados por reportagem do <i>corpus</i>	118
Quadro 17 – Ocorrência de processos existenciais em reportagens científicas e históricas.....	119

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. A LINGUAGEM E O SISTEMA DE TRANSITIVIDADE	13
1.1 Linguagem	13
1.2 Metafunções	15
1.3 Transitividade	21
1.4 Processos existenciais	27
1.5 Agentividade.....	36
1.6 Processos existenciais: fronteira entre os processos materiais e os processos relacionais	37
1.6.1 Processos materiais	37
1.6.2 Processos relacionais	41
1.7 Identificação do Sujeito na metafunção interpessoal.....	46
2 O GÊNERO REPORTAGEM DE REVISTA	50
2.1 Gêneros discursivos	50
2.2 Gênero reportagem.....	53
2.3 Popularização da ciência	60
3 METODOLOGIA	63
3.1 Constituição do <i>corpus</i>	63
3.2 Critérios para seleção do <i>corpus</i>	67
3.3 Passos da análise	68
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	75
4.1 Processos existenciais e reportagens da <i>Superinteressante</i>	75
4.1.1 “Haver”	79
4.1.2 “Existir”	82
4.1.3 “Acontecer”	84
4.1.4 “Morrer”	85
4.1.5 “Nascer”	87
4.1.6 “Ter”	89
4.1.7 “Aparecer”	91
4.1.8 “Surgir”	93
4.1.9 “Vir”	95
4.1.10 “Começar”	97
4.1.11 “Acabar”	99
4.1.12 “Continuar”	101
4.1.13 “Ocorrer”	105
4.1.14 “Permanecer”	106
4.1.15 “Terminar”	107
4.2 Participante do processo existencial	109
4.2.1 Existentes conscientes e não conscientes	109
4.2.2 Posição do Existente no <i>corpus</i>	113
4.3 Dados finais do <i>corpus</i>	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
REFERÊNCIAS	130

INTRODUÇÃO

Este trabalho está vinculado à linha de pesquisa Linguagem no Contexto Social do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), nível Mestrado, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Também está ligado ao Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa (NELP), UFSM, que realiza estudos em linguística sistêmico-funcional no âmbito da língua portuguesa.

A pesquisa apresentada nesta dissertação é fruto de trabalhos e leituras realizados acerca dos diferentes processos que compõem o sistema de transitividade na gramática sistêmico-funcional. Sabemos que estudar a língua sob essa perspectiva significa entender a linguagem como um sistema que realiza uma função em um determinado contexto. Sendo assim, percebemos que a descrição do sistema de transitividade está longe de ser uma classificação que não permita variações em diferentes contextos.

É o que acontece ao analisarmos, em textos reais, algumas ocorrências de processos que oscilam entre as categorias dos *materiais*, dos *relacionais* e dos *existenciais*. Afinal, Halliday & Matthiessen (1994) estabelecem que os processos *existenciais* estão diretamente ligados aos processos *materiais* e *relacionais*, já que estabelecem limites de fronteira com eles. Além disso, Matthiessen (1995) afirma que os processos existenciais constituem um caso-limite do processo de ser, numa relação com os processos relacionais.

Em discussões no nosso grupo de estudos, percebemos que os processos existenciais representam a categoria sobre a qual os alunos e professores menos têm se interessado pela sua identificação. Assim, existem diversos trabalhos que já aprofundaram outros processos, ou do sistema de transitividade, como BÁRBARA & GOMES, 2010; BÁRBARA & MACEDO, 2009; CABRAL, 2006; CABRAL & FUZER, 2010; FURTADO DA CUNHA & SOUZA, 2007; FUZER, 2012; GOUVEIA, 2009, LIMA-LOPES & VENTURA, 2008; SOUZA & DIONISIO 2008.

Entretanto, a bibliografia pouco nos fornece em relação aos processos existenciais. Eles são sempre os últimos a serem descritos e contêm informações básicas, com exemplos com “*haver*” (*there + be*) e “*existir*”, que são prototípicos,

além de alguns outros mais. Halliday & Matthiessen (2004) destacam que a pouca importância dada aos processos existenciais se deve justamente ao fato de serem os menos recorrentes, já que correspondem a apenas 3 ou 4 por cento das ocorrências em textos, em média.

Um levantamento inicial realizado na literatura estrangeira mostrou que Halliday (1994) já apontava os processos existenciais representando que algo existe ou acontece. Matthiessen (1995) inclui os processos existenciais como um subtipo dos processos relacionais, dadas as semelhanças entre ambos. Halliday & Matthiessen (2004) separam os processos do sistema de transitividade em seis tipos, garantindo um lugar aos existenciais, embora sejam os últimos descritos e com a afirmação de que somente cerca de 3 ou 4% dos processos são existenciais em um texto. Martin, Matthiessen & Painter (2010) destacam que os processos existenciais se assemelham aos processos relacionais por ambos envolverem a construção de um participante no processo de “ser”, mas diferem pelo fato de que os primeiros apresentam apenas um participante, o Existente. Outros trabalhos da literatura estrangeira, como INSÚA (2002), foram utilizados para um levantamento acerca do conceito de processos existenciais e para a investigação da possibilidade de outros verbos funcionarem como processos existenciais. No entanto, a maioria destes prioriza o estudo do item léxico-gramatical “*there*”, o qual antecede os processos existenciais em língua inglesa e para o qual não há tradução específica.

A partir disso, começamos a observar que alguns trabalhos em língua portuguesa, como CABRAL (2006), LIMA-LOPES & VENTURA (2008), SOUZA & DIONISIO (2008), CABRAL, FUZER & OLIONI (2011), FERREGUETTI (2011), FIGUEREDO (2011), FUZER (2012), começam a se preocupar com os processos existenciais, e citam outros verbos, não prototípicos, que são empregados em nossa língua. Assim, acreditamos poder contribuir com os estudos sistêmico-funcionais em língua portuguesa e colaborar com a bibliografia existente.

Em discussões promovidas no grupo, percebemos que a identificação de processos existenciais, além dos listados como tal pela maioria da bibliografia, tem causado dúvida entre os pesquisadores. Com isso, sentimos a necessidade de investigar mais a fundo esse tema, partindo dos conceitos de Halliday & Matthiessen (2004).

Além disso, sempre entendemos que os estudos da linguagem na perspectiva sistêmico-funcional contribuem para o trabalho em sala de aula, atividade que exercemos já há alguns anos. Temos observado que, utilizando os fundamentos da linguística sistêmico-funcional em sala de aula, mesmo sem a nomenclatura utilizada por essa abordagem, os alunos compreenderam melhor o uso que fazem da língua portuguesa no seu dia a dia. Assim, acreditamos que essa abordagem pode também auxiliar o professor de língua portuguesa no seu trabalho diário.

Este estudo pretende analisar os verbos que podem servir como processos existenciais, tanto os prototípicos quanto os não prototípicos, em um *corpus* de vinte reportagens de capa da revista *Superinteressante*.

Além do objetivo geral, citamos como objetivos específicos:

- Mapear os processos existenciais que ocorrem em vinte reportagens de capa da revista *Superinteressante*, distinguindo-os dos demais processos que compõem o sistema de transitividade.
- Identificar, dentre os processos que foram mapeados, os verbos que são considerados tipicamente existenciais pela gramática sistêmico-funcional, isto é, que estão assim indicados na maioria das obras consultadas;
- Buscar outros verbos que funcionam como processos existenciais de acordo com os estudos da Linguística Sistêmico-Funcional, em relação à sua função no contexto, embora não sejam prototípicos;
- Discutir os resultados da análise realizada em relação à concepção de linguagem como sistema, foco da linha de pesquisa Linguagem no Contexto Social.

Para cumprir tais objetivos, primeiramente, fizemos uma Lista de Palavras e analisamos o número de ocorrências de verbos funcionando como processos existenciais em relação ao número total de palavras do *corpus*, com o auxílio do *Wordsmith Tools 5.0* (SCOTT, 2008). Após isso, separamos os processos descritos pela bibliografia utilizada como prototipicamente existenciais daqueles que, embora não descritos, pensamos pertencerem a essa categoria, tendo em vista o contexto. Nesse ponto, buscamos ressaltar os limites entre os processos existenciais e os processos materiais-criativos e os processos relacionais. Por fim, discutimos os resultados em relação ao emprego dos processos existenciais tanto em reportagens

científicas quanto em históricas, assim como a função do participante Existente nos textos do *corpus*.

O trabalho está organizado em quatro capítulos, além desta Introdução. Nos Capítulo 1, de Revisão de Literatura, discutimos primeiramente a linguagem sob a perspectiva sistêmico-funcional e o sistema de transitividade. A seguir, destacamos, dentre as metafunções da linguagem, a ideacional, como o campo de abrangência desta pesquisa. A partir disso, citamos os conceitos e principais exemplos de cada um dos processos que o compõem. Após, no Capítulo 2, apresentamos uma leitura sobre os gêneros discursivos e aprofundamos o gênero reportagem de temática da popularização da ciência. No Capítulo 3, de Metodologia, descrevemos as etapas que seguimos para a realização do estudo: a seleção do *corpus* de dezesseis (16) reportagens de capa da revista *Superinteressante*, a separação do *corpus* em reportagens científicas (C#1 a C#8) e históricas (H#1 a H#8), a análise dos dados com o uso da ferramenta computacional *Wordsmith Tools 5.0*, análise dos processos existenciais desempenhados pelos quinze (15) verbos selecionados como mais frequentes no *corpus* e análise das ocorrências identificadas como outros processos (não existenciais). No Capítulo 4, de Resultados e Discussão, apresentamos os resultados obtidos com o *corpus*, com os verbos dispostos por ordem de frequência, juntamente com algumas observações que fizemos durante o processo de análise. Por último, nas Considerações Finais, apresentamos a pertinência dos resultados obtidos, com sugestões para novas pesquisas e utilização de tais conceitos no ensino de língua portuguesa.

1 A LINGUAGEM E O SISTEMA DE TRANSITIVIDADE

Neste capítulo, dedicamo-nos a apresentar as categorias utilizadas para o estudo realizado, contemplando a noção de linguagem bem como o conceito das metafunções. Centramo-nos primeiramente no conceito de linguagem, conforme a perspectiva sistêmico-funcional, para posteriormente fazermos referência às três metafunções da linguagem, aprofundando a que será mais utilizada aqui, a metafunção ideacional. A partir disso, destacamos, dentro da metafunção ideacional, os processos existenciais, e apresentamos exemplos em língua portuguesa.

1.1 Linguagem

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) entende a linguagem como um sistema, motivo pelo qual esta pode ser estratificada e categorizada. Para Halliday & Matthiessen (2004), “a linguagem é um sistema semiótico complexo, que apresenta vários níveis, ou estratos” (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004). Sendo assim, os estudos sistêmico-funcionais também abordam a linguagem de acordo com diferentes níveis ou estratificações: no plano da expressão, a linguagem apresenta as categorias da fonética e da fonologia (o sistema sonoro); no plano do conteúdo, estão a léxico-gramática e a semântica; no plano do contexto, encontram-se as três variáveis (campo, relações e modo), importantes nas escolhas do falante. A Figura 1 ilustra essa estratificação.

Portanto, é essencial que partamos da noção de linguagem como sistema e da participação do contexto como um influente determinante para a apresentação da pesquisa realizada para esta dissertação. Além disso, podemos destacar o conceito que Martin, Matthiessen & Painter (2010) apresentam, respondendo à pergunta “O que é gramática funcional?”:

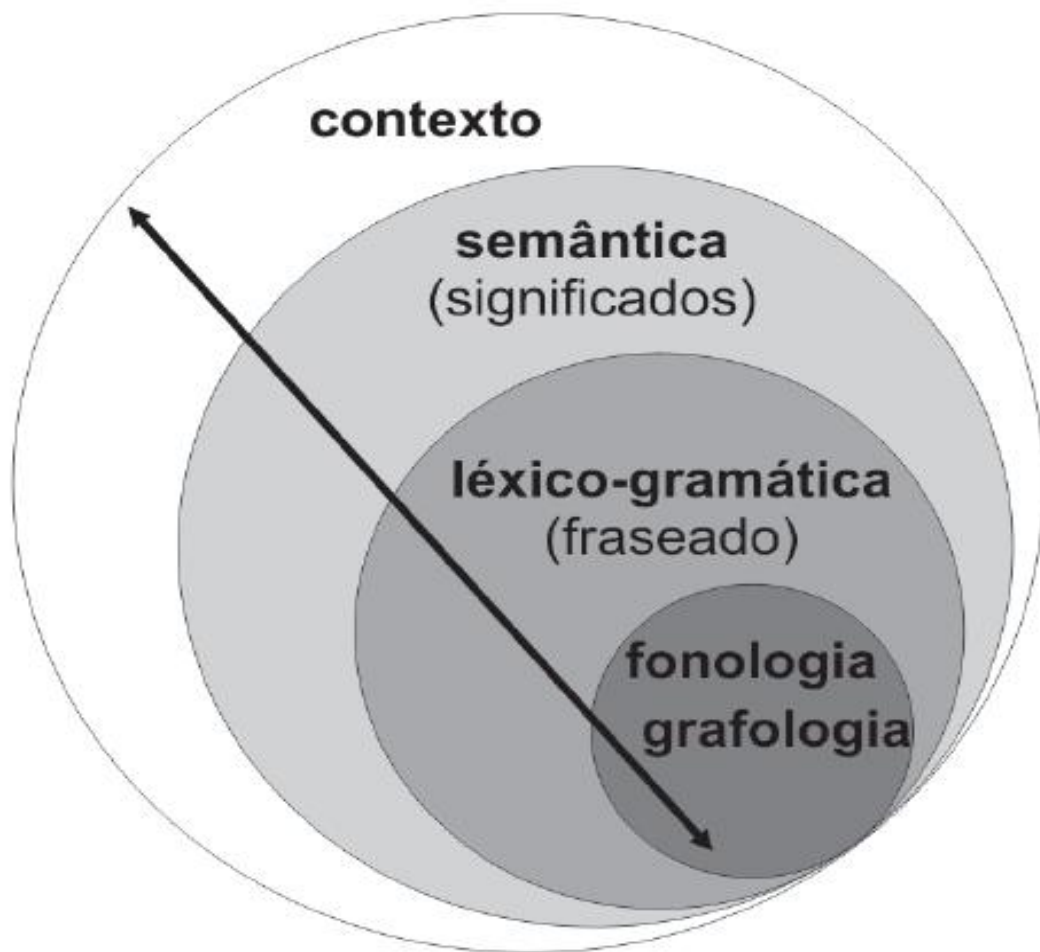


Figura 1 – Estratificação (Fonte: adaptado de Halliday & Matthiessen, 2004, p.25).

A gramática funcional é uma teoria de gramática. É um recurso para um envolvimento com a gramática de qualquer língua; é um meio de olhar para a gramática de uma língua em termos de como ela é utilizada. Ela interpreta a gramática de uma língua como um sistema – como um sistema que permite as pessoas interagirem uma com a outra e fazerem sentido da sua experiência de mundo. Ela explora a gramática como sendo moldada, ao mesmo tempo em que desempenha um papel significativo nesse molde, pela maneira que levamos nossas vidas. (MARTIN, MATTHIESSEN & PAINTER, 2010, p.1).¹

¹ Todos os trechos citados nesta dissertação que estão originalmente escritos em língua inglesa (como, por exemplo, excertos de Halliday & Matthiessen, 2004; Martin, Matthiessen & Painter, 2010, e outros) foram traduzidos livremente por nós, motivo pelo qual assumimos a responsabilidade da transcrição do inglês para o português.

Notamos, a partir dessas informações, que as categorias que são aqui analisadas tratam da linguagem como sistema e da linguagem em uso. Uma observação pertinente para o nosso trabalho é o fato de que, segundo Martin, Matthiessen & Painter (2010), a gramática sistêmico-funcional pode ser aplicada a “qualquer língua existente”. Em virtude disso, tentamos, neste trabalho, transpor para a língua portuguesa categorias dadas prioritariamente para a língua inglesa.

1.2 Metafunções

Martin, Matthiessen & Painter (2010) entendem que estudar a linguagem sob uma perspectiva sistêmico-funcional é focar a análise sobre a oração em vez de sobre a sentença. Para fazer isso, eles afirmam que existem três maneiras. Ao explicar que as três maneiras são “ideacional, interpessoal e textual”, percebemos que é feita uma clara referência às metafunções. Portanto, concluímos que as metafunções representam, em um primeiro momento, as maneiras com as quais se pode observar a linguagem sob uma perspectiva sistêmico-funcional.

No prefácio de *An Introduction to Functional Grammar* (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004), os autores afirmam que a metafunção é um dos conceitos que compõem o que pode ser chamado de “arquitetura” da linguagem. Sendo assim, para fins didáticos, torna-se essencial separarmos as metafunções ideacional, interpessoal e textual, aprofundando posteriormente a de nosso maior interesse, a metafunção ideacional.

Segundo os autores, a linguagem funciona como uma teoria da experiência humana, afinal não há nada na experiência humana que não possa ser transformado em sentido, o que é chamado de *metafunção ideacional*, dividida em dois segmentos: o experiencial e o lógico. Paralelamente a isso, destacamos que sempre que a linguagem é utilizada, alguma coisa está acontecendo.

Uma oração não é somente um processo com participantes e circunstâncias, ela é também interação. É a partir da linguagem que os seres humanos podem

interagir trocando informações, bens e serviços. Essa característica é chamada de *metafunção interpessoal*, o que sugere sua interatividade e pessoalidade.

O terceiro componente da linguagem refere-se ao modo como ela constrói os textos, isto é, como as sequências são organizadas no discurso, estabelecendo coesão e continuidade. Esse componente é o que os autores denominam *metafunção textual*. Dessa forma, as três metafunções podem ser ilustradas de acordo com a Figura 2.

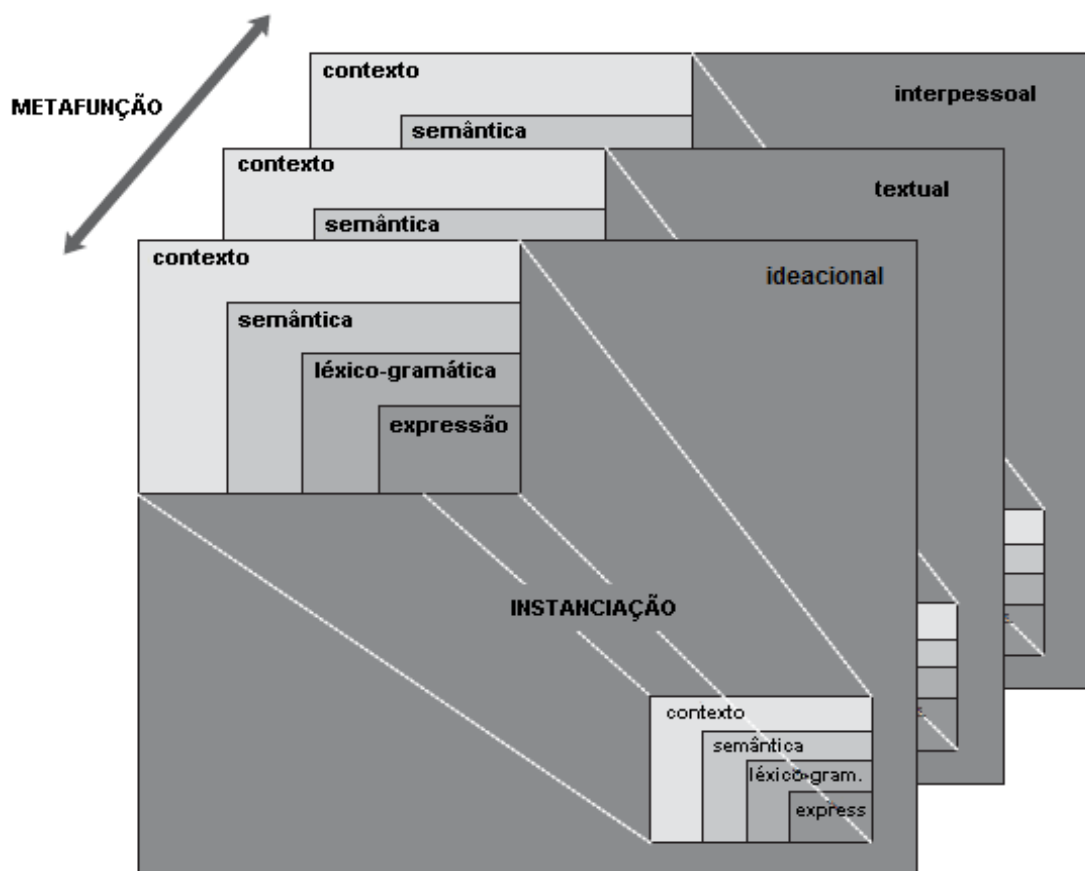


Figura 2 – Metafunção (Fonte: adaptado de Halliday & Matthiessen, 2004, p.30).

Halliday & Matthiessen (2004) alertam ainda para o porquê de classificar esses três componentes como “metafunções”, e não simplesmente “funções”. Afinal, existe uma clássica tradição de se referir à noção de “função” como simplesmente

“objetivo” ou “meio” de uso da linguagem. Assim, eles destacam o fato de que a análise sistemática demonstra que a funcionalidade é intrínseca à linguagem. Então, “o termo ‘metafunção’ foi adotado para sugerir que a função é um componente integral dentro da teoria como um todo.” (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p.31).

Ao analisar a oração como uma mensagem, partimos do pressuposto de que ela possui certa organização. Assim, a estrutura que carrega o sentido principal da oração é chamada de estrutura temática. Na língua inglesa, Halliday & Matthiessen (2004) afirmam que é considerado o Tema da oração o ponto de partida da mensagem. O restante da mensagem, isto é, aquilo que se desenvolve a partir do Tema é nomeado o Rema. Nos exemplos 1 a 4, retirados do *corpus*, ilustramos o Tema e o Rema de algumas orações:

1	Em 589 a.C.,	Jerusalém foi arrasada pelos babilônios...
	Tema	Rema

(H#1². Quem escreveu a Bíblia, 12/2008)

No exemplo 1, o Tema é indicado pela Circunstância “Em 589 a.C.”, enquanto o Rema é composto pelos demais participantes, além do processo identificado como a locução verbal “foi arrasada”.

2	Você	é um sundae polvilhado com Ovomaltine.
	Tema	Rema

(C#4. Donos do mundo, 08/2009)

Nesse exemplo, o Tema corresponde ao participante “Você”, que corresponde ao Portador do processo relacional “é”.

² Os exemplos retirados do corpus estão identificados por códigos de acordo com sua temática. Os que contêm a letra C correspondem à temática científica, assim como os que contêm a letra H, à temática histórica. Essa relação está mais bem especificada no capítulo destinado à Metodologia.

3	Há	excursões toda semana saindo de São Paulo...
	Tema	Rema

(H#5. Uma investigação: Chico Xavier, 05/2010)

No exemplo 3, é o próprio processo existencial “Há” que corresponde ao Tema da oração.

4	Igualzinho aos adultos, eles	tendem a olhar por mais tempo para as coisas...
	Tema	Rema

(C#7. Nasce Sabendo, 08/2010)

Por último, no exemplo 4, o Atributo “Igualzinho aos adultos”, seguido do seu referente “eles”, desempenham a função textual de Tema da oração. Segundo Halliday (1994), o Tema é representado por um processo, uma circunstância ou um participante. No exemplo 4, consideramos o Tema como representado pelo Atributo seguido do Portador, porque para que aquele exista, é necessário estar relacionado a um participante que o referencie. Olioni (2010) já considera a possibilidade de inserir o Atributo juntamente com o Portador como Tema de oração.

Segundo os autores, existe uma tendência maior de que grupos nominais assumam a posição temática, mas isso pode depender de outros fatores, como o Modo da oração (indicativo, interrogativo ou imperativo). Nas orações do Modo indicativo, o tema mais frequente é quando o Sujeito assume a posição temática. Assim, dizemos que, neste caso, o Tema é não marcado. O Tema será marcado quando outros termos, como Complementos ou Adjuntos, assumirem a posição temática. Observemos alguns exemplos de Tema não marcado e Tema marcado encontrados no *corpus*, nos exemplos 5 a 8:

Nos exemplos 5 e 6, temos a ocorrência de Temas não marcados, já que são desempenhados pelos grupos nominais “Ela” e “O número”, os quais correspondem, respectivamente, ao Ator dos processos “intensificou” e “leva”.

5	Ela [a destruição do templo]	intensificou a rivalidade entre as facções judaicas.
	Tema	Rema

(H#8. Os anos ocultos de Jesus,06/2011)

6	O número	leva em conta o faturamento de setores variados...
	Tema	Rema

(C#2. Dieta sem segredo, 05/2009)

Já nos exemplos 7 e 8, temos a ocorrência de Temas marcados, visto que correspondem a Circunstâncias que norteiam os processos das locuções verbais “começamos a entender” e “foi parar”.

7	Pela primeira vez,	começamos a entender...
	Tema	Rema

(C#1. Memória – Esquecer para lembrar, 04/2009)

8	Em 2003,	o vigilante recifense Alberty J. da Silva(...) foi parar...
	Tema	Rema

(H#3. Máfia, 02/2009)

Quanto à metafunção interpessoal, a oração é vista como uma mensagem, uma troca. Assim, esta metafunção está relacionada à interação entre quem fala ou escreve com quem escuta ou lê, além de todos os fatores que podem influenciar nesta interação. Desse modo, quando pensamos em comunicação, não podemos considerar apenas o conteúdo da mensagem, mas sim o fato de que as pessoas se comunicam com o objetivo de interagir em sociedade.

Nesse aspecto, estabelece-se a noção de Modo que contém as opções de realização da mensagem de acordo com as categorias de oferta ou demanda, de informações ou de bens e serviços. Ainda, o Modo de uma oração pode ser dividido em imperativo ou indicativo, sendo este ainda subdivido em interrogativo ou declarativo. O Modo consiste de duas categorias: Sujeito (elemento que carrega o significado interpessoal da oração) e Finito (operador verbal). O Finito corresponde ao elemento que pode carregar em si três perspectivas: tempo, polaridade e modalidade.

A categoria que abrange os termos que não são identificados como pertencendo ao Modo recebe o nome de Resíduo, na qual encontramos categorias como o Predicador (que corresponde ao grupo verbal – ou elemento nominal, em português – à exceção do verbo que desempenhar a noção de Finito), Complemento (elemento que tem potencial para ser sujeito, mas não é) e Adjuntos.

Nos exemplos 9 e 10, visualizamos a identificação dos elementos de acordo com a metafunção interpessoal em ocorrências do *corpus*.

9	Você	pode	ser	imortal
	Sujeito	Finito	Predicador	Complemento
	Modo		Resíduo	

(C#5. Você pode ser imortal, 02/2010)

Neste exemplo, temos o participante “Você” identificado como o Sujeito da oração, o verbo “pode” funciona atribuindo modalidade à oração, o que nos permite afirmar que não existe um grau de possibilidade em relação ao processo “ser”.

10	Os caras	não	procuravam	briga
	Sujeito	Finito	Predicador	Complemento
	Modo		Resíduo	

(H#4. A nova 2ª Guerra Mundial, 09/2009)

No exemplo 10, “Os caras” funciona como Sujeito e o Finito “não” estabelece uma polaridade negativa à oração, atribuindo ao processo “procuravam” o seu sentido exatamente oposto.

Por último, torna-se necessário aprofundar os conceitos daquela que é mais pertinente para o nosso trabalho, a metafunção ideacional. Enquanto as metafunções interpessoal e textual apresentam, respectivamente, a oração como troca e como mensagem, a metafunção ideacional apresenta a oração como representação, isto é, o processo que ocorre, quais são os seus participantes e as circunstâncias envolvidas.

Martin, Matthiessen & Painter (2010) apresentam uma explicação abrangente e comparativa com a gramática tradicional sobre a metafunção ideacional:

isso envolve olhar para os processos em um texto – processos nomeando eventos tomando lugar (‘ir’, ‘cozinhar’, ‘pensar’, ‘dormir’ e assim por diante) ou relações entre coisas (‘ser’, ‘parecer’, ‘ter’ e assim por diante). Então você divide o texto em processos e qualquer coisa que “vá com” eles (quem fez o quê com quem, onde, quando, como, por quê, etc). Se você tem alguma ideia do que é um verbo, você pode pensar em procurar por processos como se procura por verbos. Alguns de vocês talvez se lembrem da noção da gramática tradicional escolar de que verbos são palavras de “ação”. Isso pode ser útil, contanto que você mantenha em mente que muitos verbos (como “ser” e “ter”) referem-se a relações, não ações. (MARTIN, MATTHIESSEN & PAINTER, 2010, p.5)

Sendo assim, entendemos a metafunção ideacional como a responsável pela identificação dos processos na gramática sistêmico-funcional (GSF). O sistema que a GSF propõe para analisar a metafunção ideacional é o sistema de transitividade, o que será desenvolvido na seção a seguir.

1.3 Transitividade

Em primeiro lugar, destacamos a noção de transitividade de acordo com a gramática sistêmico-funcional da língua inglesa, buscando adaptações em língua portuguesa. Cada um dos processos que podem ser realizados apresenta diferentes tipos de participantes, que são nomeados de acordo com sua função no processo.

Podem ainda fazer parte do sistema de transitividade as circunstâncias, que indicam significados acessórios de tempo, lugar, modo e causa, dentre outros. A Figura 3 apresenta, em termos apropriados, a rede de relações que se estabelecem na metafunção ideacional:

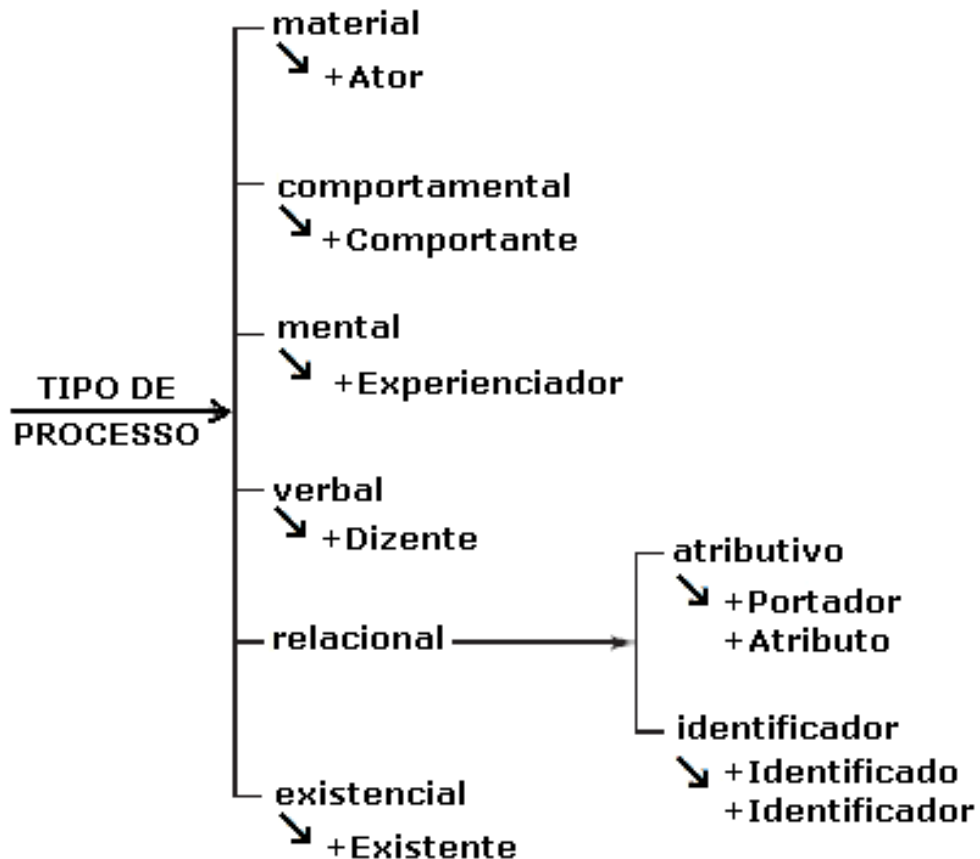


Figura 3 – Transitividade (Fonte: adaptado de Halliday & Matthiessen, 2004, p.173).

Existem seis tipos de processos categorizados e cada um desses processos envolve diferentes tipos de participantes. A seguir, fazemos um breve resumo da função de cada um deles e destacamos exemplos de nosso *corpus* para ilustrar os tipos de processos.

Os três principais processos são o *material*, o *mental* e o *relacional*. Os processos *materiais* são os processos do “fazer” e “acontecer” e correspondem à construção (materiais-criativos) ou à modificação de alguma coisa (materiais-

transformativos) no mundo material. O único participante obrigatório é o Ator (quem pratica a ação material), mas também podem estar presentes a Meta (o que é feito) e, às vezes, um Beneficiário (quem se beneficia da ação verbal). Como exemplos de verbos servindo como processos materiais no *corpus* desta pesquisa, citamos:

11	As bactérias	fizeram	Você
	Ator	processo material	Meta

(C#4. Donos do mundo, 08/2009)

12	a domesticação	aumentou	Muito	a população desses animais
	Ator	processo material	Circunstância	Meta

(C#4. Donos do mundo, 08/2009)

O exemplo 11 apresenta o verbo “fizeram” servindo como processo material-criativo, já que a Meta (você) é “criada” pelo Ator (as bactérias). O exemplo 12 tem o verbo “aumentou” funcionando como processo material-transformativo, pois o participante “a domesticação” (o Ator) sofre uma transformação quanto ao seu tamanho.

Os processos *mentais* referem-se a experiências emocionais por parte do indivíduo falante, envolvem os processos de “pensar”, “querer”, “sentir”, “ver”, entre outros. O participante obrigatório é o Experienciador que, como o próprio nome denuncia, experiencia o processo que pode apresentar, ou não, o fenômeno que é percebido. Convém observar que esse fenômeno pode ser qualquer entidade, concreta ou abstrata. Temos a seguir verbos servindo como processos mentais, nos exemplos 13 e 14.

13	(Você)	Não	pense	nos mafiosos dos filmes de Hong Kong
	Experienciador	Circunstância	processo mental	Fenômeno

(H#3. Máfia, 02/2009)

14	a Colômbia	viu	nessa demanda estratosférica	uma oportunidade de ouro
	Experienciador	processo mental	Circunstância	Fenômeno

(H#3. Máfia, 02/2009)

Os processos *relacionais* são utilizados de duas diferentes maneiras, que envolvem duas categorias determinadas a partir de atribuições diferentes aos seus participantes. Para identificar um indivíduo, um objeto ou um fenômeno, temos o processo relacional-identificador, com os participantes “Identificado” e “Identificador”. Para atribuir uma característica às mesmas entidades, temos o processo relacional-atributivo, que envolve os participantes “Portador” e “Atributo”. Nos próximos exemplos, temos verbos servindo como processos relacionais, nos quais o primeiro (exemplo 15) é relacional identificador, e o segundo (exemplo 16) é relacional atributivo.

15	Entre os índios tupis,	os trovões	são	a raiva do deus Tupã.
	Circunstância	Identificado	processo relacional	Identificador

(H#7. Deus – Uma biografia, 11/2010)

16	a pessoa	está	infeliz	no trabalho
	Portador	processo relacional	Atributo	Circunstância

(C#6. O segredo do sucesso, 07/2010)

Os outros três tipos de processos, que estão situados nas fronteiras entre os três já apresentados são o *comportamental*, o *verbal* e o *existencial*. Os processos *comportamentais* situam-se em uma fronteira entre os processos materiais e mentais, representando os estados de consciência e estado fisiológico. Caracterizam-se como processos comportamentais os verbos que denotam o comportamento humano. Os processos comportamentais destacam a capacidade de falar, pensar, ver, ouvir, cheirar, etc. O seu participante obrigatório é nomeado Comportante.

Como exemplos de verbos servindo como processos comportamentais no *corpus*, temos:

17	(ele)	olhou	para mim	com carinho de assustado
	Comportante	processo comportamental	Circunstância	Circunstância

(C#7. Nasce sabendo, 08/2010)

18	Crianças novinhas	não	falam
	Comportante	polaridade negativa	processo comportamental

(C#7. Nasce sabendo, 08/2010)

Os processos *verbais* estão situados na fronteira entre os processos mentais e relacionais; eles correspondem aos processos de “dizer” e “construir sentido”. Sendo assim, temos como participante obrigatório o Dizente que é o ser que se comunica (aquele que fala ou escreve), e podemos ter como participantes eventuais a Verbiagem (aquilo que é dito) e, ainda, o Receptor (aquele que recebe a ouve ou lê). Como exemplos de verbos servindo como processos verbais, apresentamos:

19	Chico	perguntou	a minha mãe	detalhes da morte e nomes de parentes.
	Dizente	processo verbal	Receptor	Verbiagem

(H#5. Uma investigação: Chico Xavier, 04/2010)

20	Nessas andanças,	(Che)	pediu	comida e abrigo	em beira de estrada
	Circunstância	Dizente	processo verbal	Verbiagem	Circunstância

(H#2. A verdade sobre Che, 01/2009)

Por último, os processos *existenciais*, que são reconhecidos simplesmente como os processos de “existir” ou “acontecer”, estão na fronteira entre os processos relacionais e materiais. O único participante que se percebe em processos existenciais é aquele que é trazido à existência, ou seja, o Existente. Introduzimos aqui alguns verbos servindo como processos existenciais, além dos que serão apresentados na análise dos resultados. Por ora, restringimo-nos aos verbos prototipicamente existenciais, isto é, os verbos “haver” e “existir”.

21	A imortalidade	existe	na natureza
	Existente	processo existencial	Circunstância

(C#5. Você pode ser imortal, 02/2010)

22	não	havia	homens suficientes
	polaridade negativa	processo existencial	Existente

(H#4. A nova 2ª Guerra Mundial, 09/2009)

Diante disso, é pertinente observarmos as fronteiras entre os processos principais e secundários. Afinal, essas fronteiras são os elementos que permitem estabelecer a proximidade de sentido entre os processos e, portanto, as confusões estabelecidas entre alguns processos em determinados contextos. Percebemos, portanto, que os processos *existenciais* (objeto de estudo deste trabalho) ora se aproximam em sentido dos processos materiais, ora dos processos *relacionais*. A relação dos processos e de suas fronteiras pode ser identificada de acordo com a Figura 4.

Com isso, após um resumo dos seis processos do sistema de transitividade da gramática sistêmico-funcional, além de uma breve apresentação de algumas orações do *corpus* que exemplificam tais processos, aprofundaremos os conceitos analisados sobre os processos existenciais, objeto de estudo desta pesquisa, trazendo mais exemplos.



Figura 4 – Tipos de Processos (Fonte: adaptado de Halliday & Matthiessen, 2004, p.172).

1.4 Processos existenciais

Segundo Halliday & Matthiessen (2004), os processos existenciais “representam que algo existe ou acontece”. Os autores destacam que não são muito comuns no discurso e que somente cerca de 3 ou 4 por cento dos processos em língua inglesa são existenciais. No entanto, eles têm uma importante contribuição para alguns gêneros textuais. Na Figura 5, há exemplos de verbos em inglês que ocorrem em orações existenciais.

Type		Verbs
neutral	exist	exist, remain
	happen	arise; occur, come about, happen, take place
+ circumstantial feature	time	follow, ensue
	place	sit, stand, lie; hang, rise, stretch, emerge, grow
abstract		erupt, flourish, prevail

Figura 5 – Exemplos de verbos servindo como processo em orações existenciais. (Fonte: Halliday & Matthiessen, 2004, p.258).

Na versão de 1994 de *An Introduction to Functional Grammar*, Halliday (1994) explicita a figura acima, da seguinte maneira:

Um grupo (processos neutros) é uma pequena quantidade de verbos proximamente relacionados ao sentido de “existir” ou “acontecer”: existir, permanecer, surgir, ocorrer, vir à tona. O outro grupo (processos circunstanciais) envolve alguma característica circunstancial: de tempo (...) ou lugar (...). Porém um número considerável de outros verbos pode ser usado na série de orações existenciais abstratas (...). (HALLIDAY, 1994, p.142)

Os exemplos apresentados pelo autor são muito diferentes dos que ocorrem em português, já que se realizam, em inglês, com as formas de *there + to be*, creditando uma classificação específica para o item “*there*”. Além da abordagem de Halliday e Matthiessen para os significados existenciais, o trabalho de Insúa (2002) apresenta algumas diferenças entre as construções inglesas com *there be* e *there non-be* em termos estruturais, pragmáticos e discursivos.

Quanto aos participantes, a oração em que ocorre um processo existencial apresenta apenas um, o Existente. “Em princípio, pode “existir” qualquer tipo de fenômeno que pode ser construído como “coisa”: pessoa, objeto, instituição ou abstração” (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004). Ressaltamos nesse ponto que essa é uma das diferenças dos processos existenciais em relação aos outros dois

processos que estabelecem limites com ele (materiais e relacionais, conforme Figura 4): ambos os processos podem possuir um participante secundário, além do(s) principal(is), enquanto os processos existenciais possuem sempre apenas o Existente, o que fica claro no Quadro 1:

Tipos de oração	Significado da categoria	Exemplos de processos	Participantes
Material Transformativa Criativa	fazer acontecer	<i>fazer, beber, praticar, aparecer, pagar, exercer, ocorrer</i>	Ator Meta Escopo Beneficiário (Cliente e Recebedor)
Relacional Intensiva Possessiva Circunstancial	caracterizar identificar	<i>ser, ter, estar</i>	Portador Atributo Identificado Identificador
Existencial	existir	<i>haver, existir</i>	Existente

Quadro 1 – Tipos de processos, seus significados e participantes característicos (Fonte: adaptado de Cabral, Fuzer & Olioni, 2011, p.190).

Quanto ao sentido, os autores destacam a proximidade com os processos materiais-criativos. Segundo eles, existe uma pequena diferença entre ambos, como nos exemplos “há um roubo” (existencial) e “um roubo acontece” (material-criativo). Assim, observam no último exemplo que o tempo presente sugere que “o roubo está acontecendo”. Pelo que percebemos, o primeiro exemplo sugere uma clara relação

existencial, colocando “o roubo” como algo que existiu no mundo em um passado recente ou não – sendo, portanto, identificado como existencial –, enquanto o segundo exemplo sugere o processo de criação desse “roubo”, ou seja, um processo material do tipo criativo. Halliday & Matthiessen (2004) não citam outros exemplos e encerram a discussão sobre o assunto nesse ponto.

Na obra *Deploying Functional Grammar* (MARTIN, MATTHIESSEN & PAINTER, 2010) a principal referência feita pelos autores aos processos existenciais é a semelhança destes com os processos relacionais:

Orações existenciais assemelham-se às relacionais pelo fato de que elas constroem um participante envolvido em um processo de “ser”, mas diferem-se delas pelo fato de que existe apenas um participante, o Existente, que é introduzido no texto. (MARTIN, MATTHIESSEN & PAINTER, 2010, p. 108)

Como exemplo de trabalhos em língua portuguesa que apresentem a discussão sobre os processos existenciais, temos, primeiramente, o texto de Lima Lopes & Ventura (2008), que ratifica o que já foi apresentado sobre os processos existenciais. Segundo eles, o

último tipo de processo é o existencial, que se encontra entre os processos relacionais e os materiais. Proposições existenciais são realizadas tipicamente pelos processos haver, existir e ter (em português brasileiro), sendo que outros processos, como emergir, surgir e ocorrer podem ser considerados existenciais em alguns contextos. Nesse processo, há apenas um tipo de participante, o Existente. (LOPES & VENTURA, 2008, p.13)

Assim, destacamos o fato de os autores apresentarem o verbo “ter” como existencial, especificamente para o português brasileiro. No *corpus*, encontramos, entre outros, o seguinte exemplo:

23	Tem	a dieta de Beverly Hills
	processo existencial	Existente

(C#2. Dieta sem segredo, 05/2009)

O exemplo 23 apresenta o Existente fraseado como “a dieta de Beverly Hills”, participante que é trazido à existência por meio do processo “Tem”. Percebemos que

o sentido do verbo “ter” é associado diretamente aos verbos “haver” ou “existir”, denotando, portanto, a existência de um participante. Essa característica é comum na linguagem coloquial brasileira.

Além disso, é pertinente a observação de que Lopes e Ventura (2008) consideram a presença de verbos como “emergir” e “surgir” com possibilidade de atuarem como processos existenciais. Nos exemplos 24 e 25, notamos a presença do verbo “surgir” funcionando como processo existencial. O verbo “emergir”, por outro lado, não apresenta ocorrências em nosso *corpus*.

24	logo depois	surgiu	um vírus bem pior: o H1N1
	Circunstância	processo existencial	Existente

(C#4. Donos do mundo, 08/2009)

25	também	surgiram	versões do Antigo Testamento	no idioma aramaico
	Circunstância	processo existencial	Existente	Circunstância

(H#1. Quem escreveu a Bíblia?, 12/2008)

Em outro texto, Souza e Dionísio (2008) limitam-se a resumir os processos existenciais a suas características básicas. Para eles, os autores resumem o processo existencial como sendo “a representação de algo que existe ou acontece. Têm (os processos existenciais) um único participante, o Existente.” (SOUZA & DIONISIO, p.9)

Já Figueredo (2011) apresenta, curiosamente, os verbos “raiou” e “chegou” como processos existenciais para introduzir a existência dos participantes “o dia” e “o sol”, respectivamente, nas orações “Raiou o dia. Chegou o sol”. No mesmo texto, o autor destaca que “chegou” também pode ser processo material, quando apresenta o termo “você” como participante, na oração “Mas você não chegou”, já que indica um ato não realizado pelo participante. De acordo com os exemplos apresentados, há uma aproximação entre as categorias de processos materiais e existenciais, o que já pudemos também perceber em outros exemplos.

Não há exemplos no *corpus* para o verbo “raiar” servindo como processo existencial, mas há para o verbo “chegar”.

26	a vida	chegasse	ao fim
	Existente	processo existencial	Circunstância

(C#1. Memória - Esquecer para lembrar, 04/2009)

Na busca por processos existenciais em língua portuguesa, Ferregueti (2011) apresenta uma quantidade maior de verbos servindo como processos existenciais (principalmente se comparado com a quantidade daqueles apresentados pela bibliografia estrangeira). A autora destaca em um dos textos de seu corpus os verbos “existir”, “haver” e “ter” como existenciais (já apresentados em outros textos) e o verbo “dar”, em exemplos como “já deu a maior confusão”, em que percebemos a relação de sentido muito próxima à do verbo “ocorrer” (“já ocorreu a maior confusão”). No outro texto de seu corpus, os exemplos abrangem um número ainda maior de verbos: dezoito. Além dos já citados aqui, temos ainda os verbos “ser”, “rolar”, “restar”, “pintar”, “morrer”, “ficar”, “faltar”, “começar”, “aparecer”, “acontecer” e “acabar”. Após apresentar exemplos das ocorrências encontradas, a autora destaca que os verbos com maior número de ocorrências foram “haver”, “ter”, “existir”, “acontecer” e “aparecer”.

A Figura 6 mostra os resultados obtidos por Ferregueti (2011) ao analisar o texto intitulado *Recomendar*, do *corpus* CALIBRA (Catálogo da Língua Brasileira).

Percebemos, primeiramente, nos resultados de Ferregueti (2011), dez (10) ocorrências do verbo “haver” e duas (2) do verbo “existir”, ambos considerados prototipicamente existenciais. Além disso, há também seis (6) ocorrências do verbo “ter” funcionando como processo existencial, o qual já destacamos como uma ocorrência típica do português brasileiro. O principal destaque dado ao texto “Recomendar” (de Clarice Lispector), analisado por Ferregueti (2011), é a possibilidade de o verbo “dar” servir como processo existencial, o que ocorreu quatro (4) vezes.

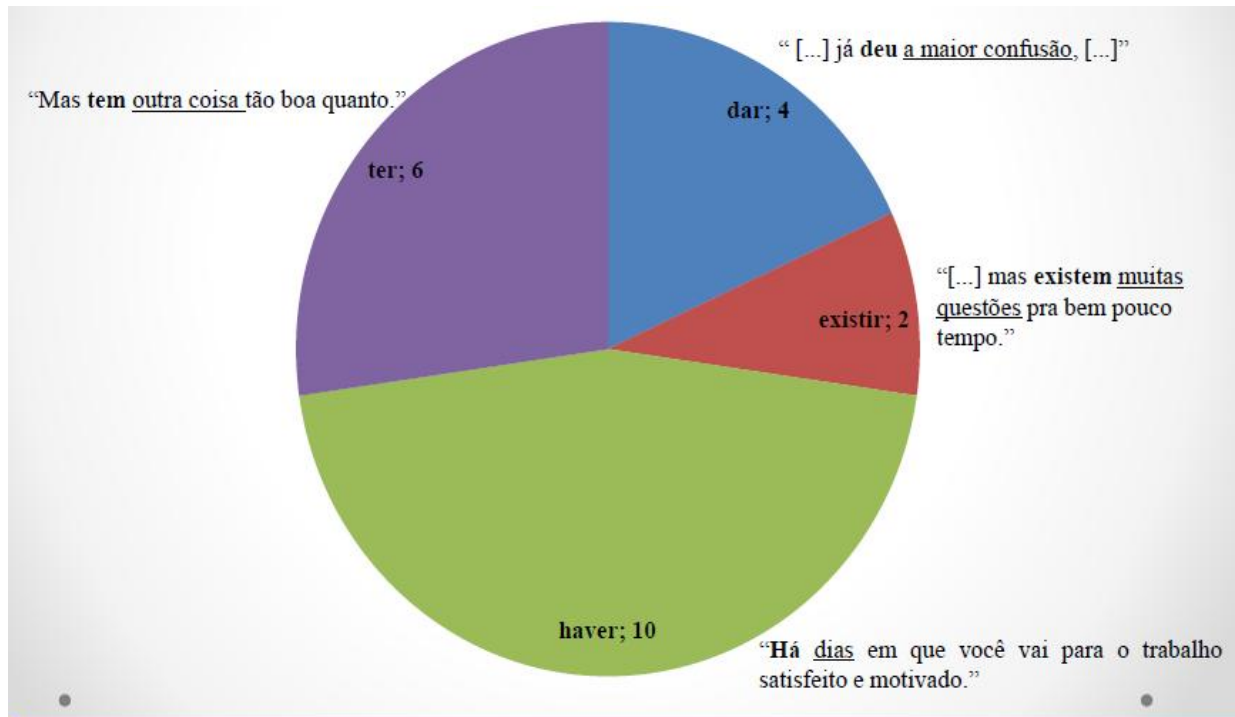


Figura 6 – Resultados parciais – Processos existenciais – Texto: Recomendar (FERREGUETTI, 2011,p.6)

A Figura7 ilustra os resultados obtidos na análise feita pela autora em um segundo texto (“Relatar”, também de Clarice Lispector) com o uso da mesma metodologia, no qual foram encontrados mais verbos que podem funcionar como processo existencial em língua portuguesa.

Primeiramente, os verbos “haver”, “existir” e “acontecer” ocuparam o maior número de ocorrências como processo existencial. O verbo “dar”, que já estava presente no texto anterior, aparece novamente com essa possibilidade. Outros verbos encontrados são: “acabar”, “acontecer”, “aparecer”, “começar”, “surgir”, “morrer”, “chegar”, “faltar”, “ficar”, “ser”, “rolar”, “restar”, “pintar” e “jazer”. Com isso, destacamos que alguns textos em língua portuguesa já trabalham com a possibilidade de diferentes verbos servindo como processos existenciais no português brasileiro. É o caso, além de Ferregueti (2011), de Lima-Lopes & Ventura (2008) e de Cabral, Fuzer & Olioni (2011). Percebemos que, entre eles, vários utilizam uma linguagem coloquial, como é o exemplo do verbo “ter” com o sentido de existência e de tantos outros como “pintar” e “rolar”.

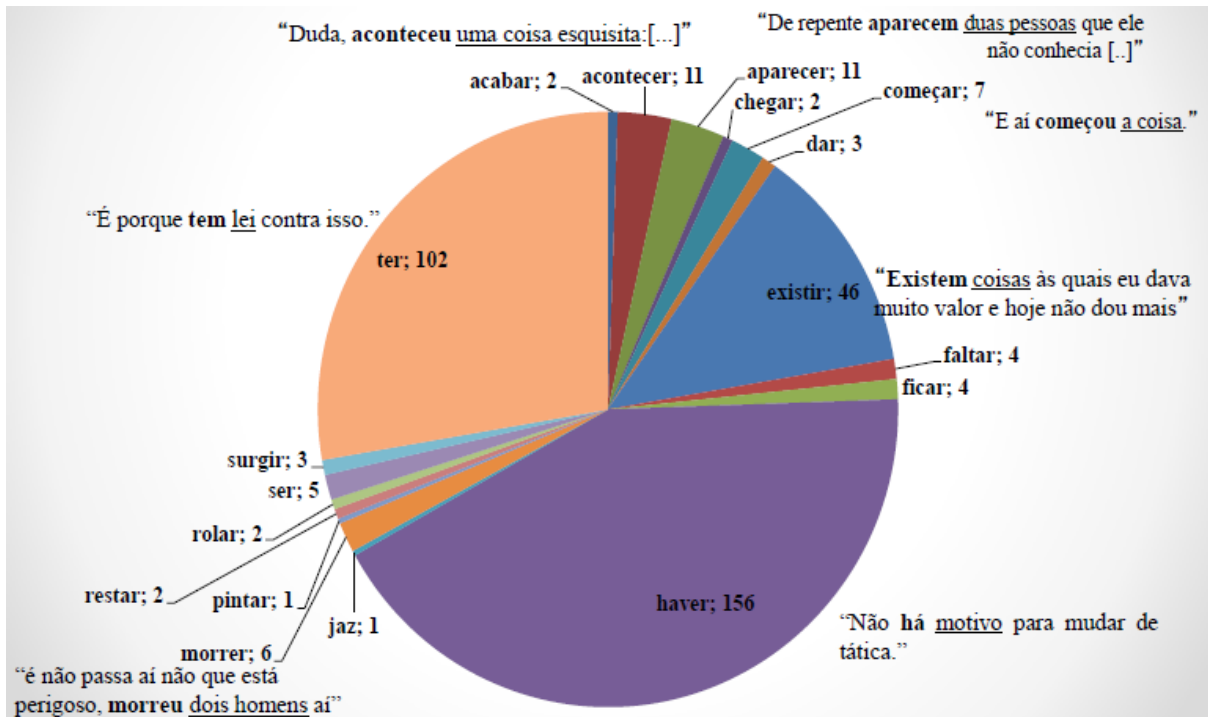


Figura 7 – Resultados parciais – Processos existenciais – Texto: Relatar (FERREGUETTI, 2011, p.6)

Uma última observação pertinente para a classificação dos processos existenciais é o conceito que Halliday & Matthiessen (1999) trazem de “figuras de existência”. Os conceitos foram utilizados no capítulo que se refere à construção de uma base ideacional, mais especificamente na parte que se refere à linguagem do tempo. Segundo eles, “existir inclui estar em existência, vir à existência (emergir) e permanecer na existência (persistir); com ou sem uma causa externa.” (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 1999, p. 336).

Diante disso, os autores separam as figuras existenciais em quatro tipos: (1) *estar existindo*, (2) *vir a existir*, (3) *permanecer existindo* e (4) *deixar de existir*. De acordo com essa distribuição, as representações não são tomadas como existentes somente quando são trazidas à existência ou destacadas como existente por algum processo, e sim sempre que ocorrerem em qualquer dessas quatro situações. Desses quatro tipos, é importante destacar os dois últimos (*permanecer existindo* e *deixar de existir*), os quais os autores destacam como mais raros de ocorrerem no estudo feito. As noções das figuras existenciais podem ser um dos critérios

utilizados para a categorização de outros verbos que sirvam, em contextos específicos, como processos existenciais.

Os exemplos 27 a 30 mostram como essas diferentes noções apareceram em nosso *corpus*.

27	Hoje	há	1 bilhão de porcos	no mundo.
	Circunstância	processo existencial	Existente	Circunstância

(C#4. Donos do mundo, 08/2009)

Esse exemplo mostra a figura de *estar existindo*, denotada pelo processo “há”, o qual destaca que o participante “1 bilhão de porcos” está existindo sob duas Circunstâncias, de tempo (Hoje) e de Lugar (no mundo).

28	A versão final do Pentateuco	Surgiu	por volta de 389 a.C.
	Existente	processo existencial	Circunstância

(H#1. Quem escreveu a Bíblia?, 12/2008)

O exemplo 28 mostra a possibilidade de o Existente “A versão final do Pentateuco” *ter vindo à existência* a partir do processo “surgiu”. Pelo fato de o próprio processo ter trazido à existência um participante, o qual não age diretamente sobre o processo, permite-nos a classificá-lo como existencial, conforme veremos mais detalhadamente no capítulo destinado a Resultados e Discussão.

29	o vírus	Continua	lá.
	Existente	processo existencial	Circunstância

(C#4. Donos do mundo, 08/2009)

O exemplo acima apresenta o participante “o vírus” que *permanece existindo* em função do processo “continua”, em determinado local (lá).

30	Os panteões divinos	acabaram.
	Existente	processo existencial

(H#7. Deus – Uma biografia, 11/2010)

Ainda, o processo “acabaram” contribui para que o participante “Os panteões divinos” *deixe de existir*. Destacamos que um dos motivos para que este processo seja existencial é o fato de que o Existente não promove o próprio fim de sua existência, isto é, ele não é o Agente dessa ação. Na seção 1.5, introduziremos a noção de agentividade.

1.5 Agentividade

Os estudos em gramática sistêmico-funcional (MATTHIESSEN, 1995; HALLIDAY E MATTHIESSEN, 2004) introduzem um conceito importante para a compreensão do papel dos participantes nas orações. Para os autores, há dois modelos através dos quais as orações são construídas: a transitividade e a ergatividade. Enquanto o primeiro é um caso de extensão, o segundo configura-se como um caso de aprofundamento da oração. Se vista sob o ângulo da transitividade, a oração pode ser transitiva ou intransitiva; se analisada sob o ponto da ergatividade, aflora a questão de Agência.

Assim, de acordo com o modelo ergativo, existem duas noções importantes para a análise: o Meio e o Agente. O Meio representa o participante pelo qual o processo é realizado; o Agente é o causador externo do processo. Sendo assim,

a diferença entre “fazer” e “acontecer” deriva de um princípio diferente do transitivo de extensão e impacto: “acontecer” significa que a realização do processo é representada como sendo gerada por si própria, enquanto “acontecer” significa que a realização do processo é representada como sendo causada por um participante que é externo à combinação Processo + Meio. (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p.284)

Nosso trabalho não tem por objetivo analisar a ergatividade de *per si*, embora o conceito de agentividade seja de grande importância para nossa investigação. Afinal, percebemos que nos processos existenciais o Existente está diretamente relacionado ao meio, já que não representa o Agente do processo.

Matthiessen (1995) ainda considera a categoria de Efetivo, que representa a combinação sendo causada por este agente externo. Com isso, destacamos que, segundo o autor, as orações efetivas constroem uma combinação que possuem uma causa externa, o Agente (por exemplo, “Henrique abriu a porta”, em que “Henrique” é o Agente), enquanto as orações mediais não a possuem (por exemplo, “A porta abriu”).

Essa relação de o participante obrigatório do processo não ser o Agente da ação nos processos existenciais, mas ser em outros processos, permite-nos aproximar os processos existenciais dos processos materiais. A partir dessa aproximação, introduziremos a próxima seção.

1.6 Processos existenciais: fronteira entre os processos materiais e os processos relacionais.

Na Figura 4 (presente na página 28), percebemos que os processos existenciais são relacionados como processos secundários que estão situados em uma fronteira entre dois processos principais: processos materiais e processos relacionais. Por isso, faz-se necessário aprofundar os conceitos pertinentes a esses dois processos, para posteriores constatações de similaridades ou diferenciações.

1.6.1 Processos materiais

Os processos materiais, conforme já destacado, caracterizam-se pelas ações de “fazer” e “acontecer” e possuem os participantes “Ator” (obrigatório), “Meta”,

“Beneficiário” (podendo ser este um Cliente ou Receptor) e, ainda, o “Escopo”, uma entidade que existe de forma independente no processo.

Aprofundando os conceitos utilizados para definir os processos materiais, Halliday & Matthiessen (2004) destacam que esses processos podem ser intransitivos – quando denotarem um acontecimento (*a happening*)– ou transitivos – quando denotarem uma ação (*a doing*). Assim, o processo material intransitivo ocorre quando houver apenas o participante obrigatório, isto é, o Ator. Já o processo material transitivo possui, além do Ator, pelo menos uma Meta. A partir disso, os processos materiais também podem ser divididos em materiais-criativos ou materiais-transformativos, como mostra o Quadro 2.

	intransitivo	transitivo
criativo	<i>Ator + acontecer</i>	<i>Ator + fazer</i>
	<i>O que aconteceu? Gelos se formaram.</i>	<i>O que eles fizeram? Eles construíram uma casa</i>
transformativo	<i>Acontece com Ator; Ator faz</i>	<i>Acontece com Meta; Ator faz com Meta</i>
	<i>O que aconteceu com os blocos de gelo? - Eles derreteram</i>	<i>O que aconteceu com os blocos de gelo? - O sol derreteu-os.</i>
	<i>O que o Henry fez? - Ele correu.</i>	<i>O que eles fizeram com o Henry? Eles perseguiram-no.</i>

Quadro 2 – Tipos de processo material: criativo/transformativo (adaptado de Halliday & Matthiessen, 2004, p.184).

Assim, concluímos, a partir do quadro, que os processos materiais-criativos e os processos materiais-transformativos podem tanto ser intransitivos quanto transitivos. Consideramos que o processo material-criativo é intransitivo quando algo acontece com o Ator, e que ele é transitivo quando o Ator faz alguma coisa, isto é, cria outro participante. Da mesma forma, consideramos que o processo material-transformativo é intransitivo quando algo acontece com o Ator ou o Ator pratica uma

ação intransitiva, e que ele é transitivo quando acontece alguma coisa com a Meta ou quando o Ator pratica uma ação com a Meta.

Para ilustrar o que foi dito até aqui, apresentamos exemplos do *corpus* de pesquisa deste trabalho, um para cada uma das situações apresentadas no quadro. Sendo assim, os exemplos 31 e 32 representam processos materiais-criativos (intransitivos e transitivos, respectivamente)

31	Ali	se formaram	algumas das primeiras civilizações da história
	Circunstância	processo material-criativo	Ator

(H#7. Deus – uma biografia, 11/2010)

32	(nós)	vamos fazer	uma escala
	Ator	processo material-criativo	Meta

(H#2. A verdade sobre Che, 01/2009)

Diante disso, os exemplos 33 e 34 apresentam verbos servindo como processos materiais-transformativos e, à semelhança do modo como foram apresentados os processos materiais-criativos, também são, respectivamente, intransitivos e transitivos.

33	o grupo	saiu	da floresta
	Ator	processo material-transformativo	Circunstância

(H#4. A nova 2ª Guerra Mundial, 09/2009)

34	as galinhas	bebiam	água contaminada pelas fezes
	Ator	processo material-transformativo	Meta

(C#4. Donos do mundo, 08/2009)

Destacamos desde já a similaridade dos processos existenciais (processos de “existir” e “acontecer”) com os processos materiais intransitivos, tanto criativos quando transformativos. Afinal, os três processos (existenciais, materiais-criativos e materiais-transformativos) podem ser entendidos como algo que “acontece”.

Martin, Matthiessen & Painter (2010) destacam dois recursos que podem servir como teste para verificar se um processo é ou não é material. Segundo eles, o primeiro teste é verificar o tempo verbal. Se o verbo estiver no presente contínuo (formado, em português com verbo auxiliar + verbo no gerúndio), ele é favoravelmente material, já que dos três processos principais, o material é o que prefere este tipo de construção (esse teste pode ser visualizado no exemplo 35). Outro teste sinalizado como crucial pelos autores é considerar a possibilidade de esse verbo projetar uma nova oração (exemplo 36). Afinal, verbos servindo como processos materiais não podem projetar uma nova oração.

35	você	não	está fazendo	nada
	Ator	polaridade negativa	processo material	Meta

(C#1. Memória – Esquecer para lembrar, 04/2009)

No exemplo 35, verificamos que o verbo está no presente contínuo, já que é formado pelo verbo auxiliar “está” e pelo verbo no gerúndio “fazendo”. O ator “você” é responsável pela “não criação” (em função do elemento de polaridade negativa) da Meta “nada”.

36	Você	chega	cedo	ao trabalho
	Ator	processo material	Circunstância	Circunstância

(C#6. O segredo do sucesso, 07/2010)

O exemplo 36 mostra o verbo “chegar” funcionando como processo material e, nele, percebemos a impossibilidade de projetar uma nova oração a partir do processo “chegar”.

Além disso, Martin, Matthiessen & Painter (2010) ainda afirmam que devemos observar o fato de que, em alguns textos, os processos materiais podem apresentar um caráter abstrato.

1.6.2 Processos relacionais

Os processos relacionais foram brevemente introduzidos como processos que estabelecem relação entre dois participantes obrigatórios, que variam conforme a identificação do tipo de processo relacional. Os processos relacionais atributivos apresentam um Atributo que destaca uma característica atribuída a um Portador. Já os processos relacionais identificadores apresentam um Identificador que destaca algum aspecto que caracterize um Identificado. No entanto, devemos agora aprofundar como essas duas relações se estabelecem e, principalmente, diferenciam-se.

Segundo Halliday & Matthiessen (2004), os processos relacionais servem para caracterizar e identificar. Sendo assim, os processos denotam uma relação de “ser”, na qual sempre há dois participantes, aquele que caracteriza (Atributo ou Identificador) e aquele que é caracterizado (Portador ou Identificado). Sobre a questão da obrigatoriedade de dois participantes, os autores destacam este processo como se diferenciando dos demais por ser o único (em relação aos demais cinco processos – materiais, mentais, comportamentais, verbais e existenciais) em que não é apenas um o participante obrigatório, mas dois. Afinal,

enquanto nós podemos ter uma oração “material” com somente um participante, como em *ela está caminhando* ou *ela estava caminhando para a sala*, nós não podemos ter uma oração “relacional”, como em *ela estava*, com somente um participante; nós temos que ter dois: *ela estava na sala*. Semelhantemente, uma oração “mental” com um participante, como em *ela se alegrou* é possível; mas a oração “relacional” mais equivalente precisa ter dois participantes – *ela estava feliz*, e não *ela estava*. (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p.213)

Diante disso, destacamos que uma primeira diferença a ser feita que é pertinente para a nossa pesquisa é o fato de que processos existenciais podem ser identificados com somente um participante, o Existente, enquanto para os processos relacionais essa possibilidade não existe. Os autores destacam que a construção do processo de “ser” é uma construção de processo entre dois participantes, no qual o verbo serve apenas como ligação entre ambos.

Para conceituar as diferenças entre processos atributivos e identificadores, Martin, Matthiessen & Painter (2010) destacam que a

diferença fundamental entre atributivo e identificador é a diferença entre membro de uma classe (atributivo) e simbolização (identificador). Portador e Atributo são da mesma ordem de abstração, mas diferem em geral como membros de uma classe, subtipo de um tipo (*elefantes são mamíferos; elefantes são gigantes*). Identificador e Identificado são de diferentes ordens de abstração; eles são relacionados simbolicamente (*elefantes são meus animais favoritos*). (MARTIN, MATTHIESSEN & PAINTER, 2010, p.105)

No Quadro 3, apresentamos mais exemplos da diferenciação feita entre os dois tipos de processos relacionais. Além disso, destacamos a possibilidade de reversão dos processos identificadores, enquanto para os atributivos não há essa possibilidade.

atributivo (não reversível)	identificador (reversível)
Judy é / parece / soa (como) uma estrela	Judy é a estrela do filme de Cukor A estrela do filme de Cukor é Judy
Ele é um amigo	Ele é o amigo que você conheceu ontem O amigo que você conheceu ontem é ele
Está quente	É quarta-feira
Hoje está quente	Hoje é quarta-feira Quarta-feira é hoje
É tarde	São três horas. O horário é três horas; Três horas é o horário.

Quadro 3 – Orações atributivas e identificadoras (adaptado de Martin, Matthiessen & Painter, 2010, p.105).

Para destacar as particularidades de cada um dos tipos de processos relacionais já mencionados, convém observar que “o sistema do inglês opera com três tipos principais de relação – ‘intensivo’, ‘possessivo’ e ‘circunstancial’; e cada um deles vem com dois modos distintos de ser – ‘atributivo’ e ‘identificador’”. (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p.215). Essas categorias operam ao mesmo

tempo no sistema de TRANSITIVIDADE, e o Quadro 4 exemplifica essa simultaneidade.

A partir disso, percebemos outra característica que auxilia na discriminação entre os processos relacionais atributivos dos identificadores. Enquanto este pode ter invertida a ordem dos participantes (Identificado + processo + Identificador ou Identificador + processo + Identificado), aquele não pode, sendo a ordem sempre Portador + processo + Atributo.

	(i) atributivo 'a é um atributo de x'	(ii) identificador 'a é a identidade de x'
(1) intensivo 'x é a'	<i>Sara é sábia</i>	<i>Sara é a líder; A líder é Sara</i>
(2) possessivo 'x tem a'	<i>Peter tem um piano</i>	<i>O piano é de Peter; De Peter é o piano</i>
(3) circunstancial 'x está em a'	<i>A feira é na terça-feira</i>	<i>Amanhã é o dia 10; O dia 10 é amanhã</i>

Quadro 4 – As principais categorias da oração “relacional” (adaptado de Halliday & Matthiessen, 2004, p.216).

Para melhor ilustrar tais possibilidades, apresentamos agora seis exemplos do *corpus* que correspondem a verbos servindo como processos relacionais, à semelhança do que foi apresentado até aqui. Os exemplos 37, 38 e 39 destacam verbos servindo como processos relacionais atributivos, sendo respectivamente intensivos, possessivos e circunstanciais:

37	esses contrabandistas	não	são	bandidos
	Portador	Circunstância	processo relacional atributivo	Atributo

(H#3. Máfia, 02/2009)

38	Todos nós	temos	lembranças falsas ou distorcidas
	Portador	processo relacional atributivo	Atributo

(C#1. Memória - Esquecer para lembrar, 04/2009)

39	Deus	está	em todos os lugares
	Portador	processo relacional atributivo	Atributo

(H#7. Deus – uma biografia, 11/2010)

Os exemplos 40, 41 e 42 procedem da mesma maneira, (processos relacionais intensivos, possessivos e circunstanciais, respectivamente). No entanto, apresentam processos relacionais identificadores.

40	segundo a tradição judaico-cristã,	o autor da Bíblia	é	o próprio Todo-Poderoso
	Circunstância	Identificado	processo relacional identificador	Identificador

(H#1. Quem escreveu a Bíblia?, 12/2008)

41	o feito	é	da equipe do laboratório
	Identificador	processo relacional identificador	Identificador

(C#3. Mundo Paranormal, 07/2009)

42	Outra ocasião (...)	foi	em 2006 e 2007
	Identificado	processo relacional identificador	Identificador

(H#3. Máfia, 02/2009)

Destacamos ainda que Matthiessen (1995) considera os processos existenciais como um subtipo dos processos relacionais. Segundo o autor, os processos relacionais são divididos em dois subtipos: Existenciais e Expandidos,

sendo estes novamente subdivididos em Atributivos e Identificadores. Assim, ele considera o processo existencial como um caso-limite do processo “ser”, ou seja, um modo de “ser” com apenas um participante, o Existente. Para ele, nesse processo, o Existente é instanciado como um membro de uma classe geral, a qual, se for das coisas, faz com que o Existente exista, se for dos processos, faz com que o Existente ocorra, aconteça, tome lugar.

Matthiessen (1995) e Halliday & Matthiessen (2004) também consideram que o Existente é o Meio, segundo o conceito de agentividade, que envolve duas categorias: o Efetivo e o Meio. Nesse sistema, o Efetivo representa a ação sendo causada por um agente externo, enquanto o Meio não representa este tipo de agentividade. Entendemos, portanto que o processo existencial apresenta um participante (o Existente) que não apresenta uma agentividade.

Com isso, procuramos fazer um levantamento dos principais subtipos de processos relacionais para que pudéssemos destacar as semelhanças e diferenças destes com os processos existenciais. Percebemos, assim, que a principal semelhança entre processos relacionais e existenciais ocorre quando nos deparamos com processos relacionais circunstanciais, sejam atributivos, sejam identificadores. Afinal, existe uma relação de sentido muito próxima entre classificar um termo como mera Circunstância ou como participante que indica também uma circunstância. Matthiessen (1995) afirma que “ao mesmo tempo, processos existenciais são relacionados a certas orações relacionais expandidas, em particular as orações ascriptivas (atributivas) circunstanciais” (MATTHIESSEN, 1995, p.300).

Para isso, acrescentamos aqui a noção que Halliday & Matthiessen (2004) aplicam às circunstâncias. Segundo eles, as circunstâncias podem ocorrer em qualquer tipo de processo, livremente. No entanto, há casos em que as aplicações são pouco prováveis, gerando diferentes interpretações. Por exemplo,

circunstâncias de Modo são mais comuns em processos “mentais” e “verbais”, mas raras com os outros processos, exceto algumas orações “comportamentais”. E numa oração atributiva, circunstâncias de Modo são pouco usuais, e circunstâncias de Lugar frequentemente carregam uma noção de Tempo também, por exemplo em *Eu fico faminto na praia* “quando eu vou à praia”, (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p.260)

Sendo assim, existe uma continuidade entre as categorias de participantes e as circunstâncias. “A distinção entre participante e circunstância é provavelmente relevante em todas as línguas” (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p.260). Os autores acrescentam ainda que, em algumas línguas, a diferença é clara, enquanto, em outras, é confusa. No caso da língua inglesa, Halliday & Matthiessen (2004) consideram que a diferença é confusa, estando um tanto quanto “sombreada”.

Ainda segundo os autores, as circunstâncias podem ser vistas sob três perspectivas. Primeiramente, sob a perspectiva do sentido, usa-se a expressão “circunstâncias associadas a” referente às noções de tempo, espaço, modo ou causa; essas noções de “quando, onde, como e por que” permitem que se liguem as circunstâncias a essas perguntas, que são preferencialmente advérbios. Em segundo lugar, sob a perspectiva da oração em si, os participantes funcionam, na metafunção interpessoal, como Sujeito ou Complemento, enquanto as circunstâncias situam-se como Adjuntos. Em outras palavras, as circunstâncias não têm potencial para se tornarem Sujeitos. Por último, sob a perspectiva da oração vista de baixo, as circunstâncias são expressas não por grupos nominais, mas sim por grupos adverbiais ou sintagmas preposicionais.

Na próxima seção, fazemos uma abordagem da metafunção interpessoal, com as noções de Sujeito gramatical, Sujeito lógico e Sujeito psicológico.

1.7 Identificação do Sujeito na metafunção interpessoal.

A noção de Sujeito adotada pela gramática sistêmico-funcional apresenta-se como uma etiqueta para uma função gramatical determinada. No entanto, não é simples determinar um conceito para Sujeito, já que a própria tradição gramatical, ao longo do tempo, apresentou dificuldades para especificar o papel dessa função.

A partir disso, várias interpretações surgiram para o que poderia ser a noção de sujeito. Dentre essas, destacamos três definições que são sumarizadas da seguinte maneira:

- (i) o núcleo da mensagem (para quem a mensagem se volta);
- (ii) aquilo sobre o que algo está sendo predicado;
- (iii) o agente da ação (quem pratica a ação desempenhada pelo verbo).

Obviamente, essas três noções não são sinônimas. Sendo assim, a pergunta que fica é se existe a possibilidade de a definição de sujeito agrupar essas três definições ao mesmo tempo. Para ilustrar essa possibilidade, Hallyday & Matthiessen (2004) apresentam o exemplo “o duque deu este bule à minha tia”, no qual “o duque” assume o papel de sujeito de acordo com as três noções acima destacadas. Afinal, “o duque” é o termo para o qual a mensagem se volta, é o termo sobre o qual algo se predica e é o agente da ação denotada pelo verbo “dar”.

Diante disso, os autores afirmam:

Se todas as orações fossem como essa, tendo um elemento servindo para as três funções, não haveria problemas em identificar e explicar o Sujeito. Nós poderíamos usar o termo para se referir à soma dessas três definições e atribuir esta etiqueta para qualquer elemento que compreendesse todas as funções em questão. Mas isso assume que, em todas as orações, há apenas um elemento no qual as três funções estão combinadas; e este não é o caso. (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p.55)¹

Para exemplificar o fato de que este não é o caso, os autores apresentam outra versão para a mesma frase: “a minha tia recebeu este bule do duque”¹. Segundo Halliday & Matthiessen (2004), a classificação de Sujeito não é mais clara, pois, se considerarmos as três noções até então apresentadas, a mensagem está voltada para “este bule”, está sendo predicado algo sobre “a minha tia”, e o agente da ação é “do duque”. A partir de exemplos como esses, os gramáticos passaram a considerar que existem, na verdade, diferentes “tipos” de sujeitos. Os termos que foram utilizados para designar esses “tipos” foram: Sujeito psicológico, Sujeito gramatical e Sujeito lógico, cada um referente, respectivamente, a uma das noções já destacadas, conforme resume a Figura 8.

¹ Em inglês, a oração “my aunt was given this teapot by the duke” é possível, o que não ocorre em português. Portanto, há necessidade de tradução livre.

SUJEITO PSICOLÓGICO → O TERMO PARA O QUAL A MENSAGEM SE VOLTA

SUJEITO GRAMATICAL → O TERMO SOBRE O QUAL ALGO ESTÁ SENDO PREDICADO

SUJEITO LÓGICO → O TERMO O QUAL AGE SOBRE O VERBO

Figura 8 – Tipos de Sujeito. (Fonte: elaborada pelo autor.)

Assim, o Sujeito psicológico recebe esse nome porque representa o termo que o falante tinha em mente para iniciar a produção da sua oração; o Sujeito gramatical retrata a relação existente entre Sujeito e Predicado, que – quando construída – foi considerada puramente gramatical; o Sujeito lógico relaciona-se com a relação lógica entre os termos de uma oração, não com a relação gramatical.

Após essa classificação, poderíamos resumir como fica a análise do sujeito nos dois exemplos mostrados, retirados de Halliday & Matthiessen (2004) e traduzidos livremente.

<i>O DUQUE</i>	<i>DEU</i>	<i>ESTE BULE</i>	<i>À MINHA TIA</i>
SUJEITO PSICOLÓGICO SUJEITO GRAMATICAL SUJEITO LÓGICO	processo material	Meta	Cliente

<i>ESTE BULE</i>	<i>FOI DADO</i>	<i>PELO DUQUE</i>	<i>À MINHA TIA</i>
SUJEITO PSICOLÓGICO	processo material	SUJEITO LÓGICO	SUJEITO GRAMATICAL

Portanto, enquanto nos preocuparmos somente com orações simples, nas quais os conceitos dos três tipos de Sujeito coincidem, não haverá dificuldades em identificar o Sujeito da oração. No entanto, quando estudamos a linguagem em funcionamento, percebemos que nem todos os exemplos se encaixam nesse modelo. Baseados nisso, Halliday & Matthiessen (2004) afirmam que “não existe um

conceito geral de Sujeito, do qual existem três variedades diferentes”, isto é, as três categorias são completamente diferentes.

A inclusão da noção de Sujeito, nesta dissertação, fez-se necessária tendo em vista que essa categoria pode auxiliar a identificação dos processos existenciais, principalmente nos casos em que há confusão com os conceitos dos demais processos.

2 O GÊNERO REPORTAGEM DE REVISTA

Neste capítulo, apresentamos algumas considerações acerca do gênero reportagem de revista. Para isso, partimos de uma breve explanação do conceito de gênero discursivo que será por nós utilizado.

2.1 Gêneros discursivos

Segundo Bakhtin (1997), qualquer atividade humana estará sempre relacionada à utilização da língua. Sendo assim, essa utilização é efetuada em formas de enunciados, os quais refletem as condições e as finalidades de cada esfera da atividade humana. Diante disso, “qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos de *gêneros do discurso*.” (BAKHTIN, 1997, p.279).

A partir disso, destacamos que a riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois o número de atividades humanas é inesgotável (BAKHTIN, 1997); portanto a determinação do número de gêneros do discurso é proporcional ao número de atividades realizadas: quanto mais atividades, mais gêneros do discurso.

Alertamos para a pertinência do estudo dos gêneros, também de acordo com Bakhtin (1997), quando afirma que “o estudo da natureza do enunciado e dos gêneros do discurso têm uma importância fundamental para superar as noções simplificadas acerca da vida verbal”. Além disso, o autor defende que só nos comunicamos, falamos e escrevemos por meio de gêneros do discurso, os quais estão no dia a dia dos falantes, com um repertório infindável de gêneros, como as conversas mais informais, por exemplo. Tais gêneros, segundo Bakhtin (1997, p. 271), são-nos dados “quase da mesma forma com que nos é dada a língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo da gramática”. Dessa

perspectiva, são consideradas gêneros discursivos as produções de linguagem cotidianas, como telefonemas, bilhetes, listas de compras. Além disso, também são consideradas gêneros discursivos as produções mais elaboradas, como romances, palestras, contratos.

Outra observação pertinente é a de que os gêneros do discurso transformam-se. A este respeito, Bakhtin (1997, p. 106) afirma que “o gênero sempre é e não é ao mesmo tempo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo.” Essa passagem explica o fato de, assim como a sociedade, os gêneros também se modificarem, atendendo aos anseios do grupo social.

Diante disso, destacamos também a necessidade de explicitar a concepção de gênero de acordo com outros autores. Bazerman, Dionisio & Hoffnagel (2006) aconselham que não se utilize o conceito de gêneros apenas pelos traços específicos textuais que determinam sua especificação. Segundo ele, existe uma necessidade de ampliação do conceito que define a noção de gênero. Afinal, definir gêneros como um conjunto de traços textuais é ignorar o papel dos indivíduos que usam e constroem os sentidos do texto. Todas as diferenças que envolvem a compreensão, bem como o uso da comunicação em novos contextos, devem estar inseridos no conceito de gênero. De acordo com o autor, os

gêneros nos ajudam a navegar dentro de complexos mundos da comunicação escrita e da atividade simbólica, porque, ao reconhecer uma espécie de texto, reconhecemos muitas coisas sobre a situação social e institucional, as atividades propostas, os papéis disponíveis do escritor e do leitor, os motivos, as idéias, as ideologias e o conteúdo esperado do documento e o lugar onde isso tudo pode caber em nossa vida (BAZERMAN, DIONISIO & HOFFNAGEL, 2006, p. 84).

Sendo assim, gêneros são fatos sociais que emergem nos processos em que as pessoas tentam compreender umas às outras a fim de compartilhar significados. Com isso, o reconhecimento de um gênero permite ao leitor/ouvinte inserir-se neste universo social como parte dele.

Para Marcuschi (2005), é impossível comunicar-se verbalmente sem ser por algum gênero. Tal visão ratifica o uso da língua como atividade interativa. Quanto à circulação dos gêneros como atividade social e interativa, ele explica:

A circulação dos gêneros textuais na sociedade é um dos aspectos mais fascinantes, pois como a própria sociedade se organiza em todos os seus aspectos (...) os gêneros são a manifestação mais visível desse funcionamento que eles ajudam a constituir, envolvendo crucialmente a linguagem, atividades enunciativas, intenções e outros aspectos. (MARCUSCHI, 2005)

A partir desta definição, Marcuschi (2005) cita os principais gêneros que podem compor uma sociedade de falantes/ouvintes ou leitores/escritores. São eles: “telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, *outdoor*, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante.” (MARCUSCHI, 2005).

Além disso, o autor apresenta uma diferença conceitual entre gêneros e tipos textuais. Enquanto os gêneros representam estruturas linguístico-sociais que vão surgindo e se transformando e, portanto, são inumeráveis e mutáveis; os tipos textuais são relativamente estáveis e de número reduzido, organizando-se especificamente em narração, descrição, argumentação, injunção e exposição. Em outras palavras, o autor conclui a diferença básica entre gêneros e tipos textuais:

Gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas constituindo em princípio listagens abertas. (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Meurer (2000) apresenta basicamente a mesma visão dos dois autores anteriores, porém por um caminho mais amplo, propondo que o aprendizado da linguagem humana deve ser feito com base na utilização dos gêneros textuais. Para isso, ele explicita a diferença entre gêneros textuais e tipos textuais, isto é, as estruturas tradicionalmente citadas acima, que compõem a modalidade retórica dos textos.

Como entendemos o texto como uma prática discursiva, e não meramente como uma peça de linguagem falada ou escrita, utilizamos, nesta dissertação, a denominação de *gêneros do discurso* ou *gêneros discursivos*. Ademais, nossa preocupação diz respeito à prática realizada pela mídia em forma de reportagem, o que será focado na seção a seguir.

2.2 Gênero reportagem

Ao abordar os gêneros jornalísticos, Bonini (2001) trabalha com a noção desses textos voltados para a perspectiva da publicação em jornal, não em revista. Assim, o autor entende:

Há uma carência de trabalhos que tratem do todo, de modo que fenômenos de textualização como as seções e as páginas de jornal permanecem praticamente uma incógnita quanto ao tratamento genérico que devamos dar-lhes, pois se, por um lado, apresentam certos comportamentos relativos à noção de gênero que detemos no momento, por outro, se distanciam bastantes dos padrões próprios de membros como notícia e reportagem (BONINI, 2001, p. 1)

Diante disso, partimos das informações acerca do gênero reportagem em jornais, para posteriormente fazermos adaptações ao suporte revista. Para Bonini (2003), a reportagem está situada, assim como a notícia e a entrevista, como unidade textual independente, por ser predominante num bloco de textos. Assim, o autor destaca que a reportagem não engloba aspectos específicos que a caracterizem como gênero, pelo menos não que a diferenciem dos demais gêneros do jornal, como a notícia.

Kindermann & Bonini (2006) consideram que a reportagem possa ser caracterizada como notícia ampliada ou como gênero autônomo. Assim, na primeira noção, temos a reportagem como uma grande notícia. O salto da reportagem para a notícia acontece quando se faz necessário ir além da notificação (KINDERMANN & BONINI, 2006). Já na segunda noção, percebemos a reportagem como um gênero específico, com características que abrangem dissertação, narração e descrição.

Em pesquisa com corpus de 32 reportagens selecionadas, os autores encontraram não apenas uma estrutura retórica que caracterizasse o gênero reportagem, mas quatro subgêneros que se classificam por movimentos e passos diferenciados: reportagem de aprofundamento da notícia, reportagem a partir de entrevista, reportagem de pesquisa, reportagem retrospectiva.

Sendo assim, Kindermann & Bonini (2006) destacam que a introdução dos quatro tipos de reportagem é idêntica, pois a reportagem inicia fornecendo pistas para o leitor identificar a reportagem. Após esse primeiro passo, as reportagens divergem quanto a suas características. A reportagem de aprofundamento da notícia é aquela que, entre outras características, introduz o desdobramento dos fatos e apresenta eventos relacionados a esse desdobramento. A reportagem a partir de entrevista apresenta o relato da entrevista seguido de pormenores e da descrição dos entrevistados. A reportagem de pesquisa introduz o relato da pesquisa, apresenta a própria pesquisa, seguida do seu fechamento. Por último, a reportagem de retrospectiva introduz a retrospectiva histórica comentando os fatos relatados.

Diante do fato de o primeiro subgênero da reportagem ter sido o mais frequente (com 46,88% das ocorrências), os autores sugerem a possibilidade de que essa frequência seja um indicativo de por que os jornalistas costumam caracterizar a reportagem simplesmente como uma “notícia ampliada”. Além disso, eles destacam que “já se pode adiantar que os escritores jornalistas não seguem um esquema do gênero para produzirem a reportagem” (KINDERMANN & BONINI, 2006, p. 51)

Melo (1994) faz uma revisão de literatura sobre os gêneros jornalísticos em vários países europeus, além das classificações norte-americana, hispano-americana e brasileira. Quanto à classificação brasileira, o autor informa que o único pesquisador a se preocupar com o assunto foi Luiz Beltrão, que classificou os gêneros jornalísticos em três categorias (informativo, interpretativo e opinativo), com as funções de, respectivamente, informar, explicar e orientar o público leitor. Esta é extremamente semelhante à utilizada por Duarte (2011) para classificar as reportagens.

Para Melo (1994), Luiz Beltrão não se deteve à natureza singular de cada gênero, mas obedeceu ao senso comum que guia a própria atividade profissional, estabelecendo limites e distinções entre as matérias. É a partir disso, que o autor

propõe uma classificação dos gêneros jornalísticos brasileiros: gêneros informativos (nota, notícia, reportagem e entrevista) e gêneros opinativos (editorial, comentário, artigo, resenha/crítica, coluna, crônica, caricatura e carta).

Para elaborar tal classificação, o autor obedece a dois critérios específicos: o agrupamento dos gêneros em categorias correspondentes à intencionalidade dos relatos e a identificação dos gêneros jornalísticos a partir da natureza estrutural dos relatos. No primeiro critério, são identificadas, nas categorias duas vertentes: a *reprodução do real*, através da qual o jornalista comunica os fatos noticiosos (jornalismo informativo), descrevendo-os a partir do atual e do novo; e a *leitura do real* (jornalismo opinativo), que corresponde à identificação do valor do atual e do novo na conjuntura que nutre e transforma os processos jornalísticos, ou seja, uma versão dos fatos que seja construída por meio de argumentações, em favor de determinadas ideias e/ou valores. O segundo critério refere-se inclusive à articulação existente do ponto de vista entre os acontecimentos, sua expressão e sua apreensão pela coletividade.

Existem consideráveis estudos em relação ao gênero reportagem. No entanto, a maioria destes situa a reportagem como específica da produção textual jornalística, que encontra diferentes objetivos da produção de revistas como a *Superinteressante*. Segundo Faria & Zanchetta (2002), a reportagem tem como finalidade recuperar informações apresentadas no dia a dia, mas não somente apresentando-as, e sim aprofundando o assunto, ou seja, além de informar pontualmente sobre um fato, a reportagem observa as suas raízes e o desenrolar dos fatos a partir do que foi selecionado como tema. Lage (1987) complementa afirmando que a reportagem aproxima-se do artigo de opinião, já que existem traços que evidenciam a relevância da autoria do texto.

Melo (1994, p. 49) entende a reportagem como “um relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social”. Assim, a reportagem visa a um maior detalhamento dos fatos, tendo estes sido já noticiados ou não. Afinal, o objetivo da reportagem é aprofundar e interpretar o tema, não simplesmente informá-lo.

Para Sodré e Ferrari (1986), a reportagem ganha destaque entre os gêneros jornalísticos: “Seja no jornal nosso de cada dia, na imprensa não-cotidiana ou na

televisão, ela se afirma como o lugar de excelência da narração jornalística”. (SODRÉ e FERRARI, 1986, p.9). Os autores também especificam a necessidade de a reportagem estar inserida num contexto de manifestação de opinião, bem como sugestão de formação de opinião no leitor, no seguinte trecho:

Um episódio de restrito interesse só ultrapassará o mero registro se envolto em circunstâncias que conduzirão o leitor a um posicionamento crítico, revelando-lhe ângulos insuspeitados, salientando outros apenas entrevistos – enfim, iluminando e ampliando a visão sobre determinado assunto. (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 36).

Além disso, Sodré e Ferrari (1986) apresentam três modelos de reportagem, considerados fundamentais na área jornalística: reportagem de fatos, reportagem de ação e reportagem documental. A reportagem de fatos é semelhante à notícia, já que apresenta um relato objetivo dos acontecimentos sendo os fatos narrados numa ordem sucessiva de informações relevantes. A reportagem de ação se assemelha a uma narrativa, apresentando as informações mais relevantes primeiramente, seguidas dos acontecimentos sequenciadamente, com a presença de um clímax. A reportagem documental se assemelha a um relato expositivo, com a apresentação de um tema polêmico ou atual; essa apresentação é feita de modo objetivo, acompanhada de citações que reforçam o assunto tratado. Sodré e Ferrari (1986) salientam ainda que esses modelos não são rígidos, podendo haver combinações entre eles.

Ainda estes autores, numa tentativa de expansão do conceito de reportagem jornalística, fazem uma comparação do gênero com o gênero conto literário, como se a reportagem fosse uma espécie de “conto jornalístico”. Segundo os autores, “as duas formas muito se assemelham: pode-se dizer que a reportagem é o conto jornalístico – um modo especial de propiciar a personificação da informação ou aquilo que também se indica como ‘interesse’ humano”. (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 75).

Outra conceitualização, bem como uma classificação da reportagem em três diferentes tipos é feita por Coimbra (1993). Segundo este, a reportagem tem como modelo de estrutura três dos tipos textuais já referidos anteriormente: dissertação, narração e descrição. Assim, o autor sugere que a reportagem dissertativa é a que

se baseia no sentido lógico de causa e efeito, exemplificação, dados estatísticos, isto é, ela se apoia em um raciocínio explicativo por meio de afirmações seguidas de fundamentação. Já a reportagem narrativa refere-se aos fatos organizados dentro de uma sequência de anterioridade e posterioridade. Assim, este tipo de reportagem permite ao autor mostrar mudanças progressivas nos estados das pessoas e/ou das coisas. Por último, a reportagem descritiva caracteriza-se por mostrar as coisas e as pessoas num momento estático, ou seja, descrevendo-as sem progressão no tempo. Assim sendo, observamos que essa divisão parece muito mais didática do que propriamente teórica, já que é estabelecida pela dominância de um tipo textual sobre outro.

Além disso, podemos citar a reportagem como um gênero prioritariamente jornalístico – embora também presente em revistas, como as do *corpus* deste trabalho - que permite maior criatividade de quem a escreve. Contudo, a sua relevância está na profundidade e na abrangência em relação aos temas trabalhados. Para Dittrich (2003), a reportagem enfatiza o seu caráter informativo, interpretativo, sem se isentar da proposta de opinião através do ângulo de abordagem escolhido, dos fatos relevantes e das expressões que escolhe para que a referência seja estabelecida.

Nesse sentido, a reportagem se diferencia da notícia, que é um texto marcado pela concretude e síntese. A reportagem é um gênero que indaga, descreve, explica, relata, interpreta e compara; enquanto a notícia, simplesmente, informa. Em virtude disso, a reportagem apresenta um discurso de pesquisa ampliada sobre um acontecimento, com detalhamento e contextualização da temática desenvolvida. Conforme Faria & Zanchetta (2005), a reportagem se aproxima dos assuntos complexos da esfera humana, dando ênfase ao aspecto social do evento comunicativo e, por isso, ganha contorno especial entre os gêneros jornalísticos. De acordo com leituras de reportagens de revista e de jornal, consideramos que essa característica é também aplicada às reportagens de revista. É pertinente ressaltar que os autores citam como características da constituição deste gênero aspectos como: causa e efeito do que aconteceu; detalhamento do fato; soma de versões; indícios claros de personalização; narrativa com inquérito e entrevista; retrato a partir de ângulo pessoal.

Destacamos, ainda, que a reportagem é um dos gêneros mais representativos do jornalismo moderno (DITTRICH, 2003), visto que ela não somente faz o trabalho da notícia, isto é, o trabalho de informar e noticiar, mas também ultrapassa os limites da apresentação dos fatos. Além disso, os assuntos normalmente se relacionam com temáticas de cunho complexo, daí tamanha importância e destaque do gênero. É válido dizer que, em função das características mencionadas, a reportagem privilegia o leitor, já que ele recebe um texto que facilita a compreensão através de recursos de contextualização, de linguagem simples, de assuntos interessantes.

Partindo disso, os estudos do gênero reportagem parecem residir na comparação direta com o gênero notícia, em função de suas semelhanças, em função de ambas apresentarem aspectos convergentes e divergentes ao mesmo tempo, como já afirmaram Dittrich (2003), Sodré & Ferrari (1986), Faria & Zanchetta (2002) e Lage (1987), entre outros. Por isso, no estudo do gênero reportagem, normalmente se dá ênfase não somente às características inerentes à reportagem, mas também à notícia, no intuito de se compreender efetivamente as peculiaridades desse gênero.

Duarte (2011) escreve que os pontos em que ambos os gêneros convergem estão relacionados aos aspectos estruturais, ou seja, é comum identificarmos elementos constituintes das notícias em reportagens. Dentre tais elementos, a autora destaca: título ou manchete, que tem por objetivo atrair a atenção do público-alvo para o que se deseja comunicar; título auxiliar, que se trata, como o nome já diz, de um complemento do título principal, que alguns chamam também de subtítulo; lide, que corresponde ao primeiro parágrafo e apresenta resumidamente todos os aspectos relevantes do assunto que está sendo tratado e, por último, o corpo da reportagem, que se caracteriza pelo desenvolvimento em si, aprofundando os elementos citados na lide.

A partir disso, a autora formula um conceito para o gênero reportagem:

Partindo-se de tais premissas, é importante ressaltarmos também sobre como se materializa o tema proferido pela reportagem, podendo este ser narrado de forma expositiva – na qual o repórter se at m à apresentação simples e objetiva dos fatos; interpretativa – modalidade em que se estabelece conexão com acontecimentos já decorridos; e a opinativa – em que há um propósito de convencer o interlocutor acerca de uma determinada opinião (DUARTE, 2011, p.1).

A comparação entre notícia e reportagem se justifica de acordo com Lage (1987, p. 6), para quem “cada um de nós conceitua as coisas por comparação e contraste”. Com isso, no caso da reportagem, o caso mais comum é o da aproximação com a notícia, como já havia destacado Pena (2005). Outra diferença em relação aos dois gêneros diz respeito à sequência temporal da narrativa em cada um. A notícia, segundo Lage (1987), prioriza a sequência de um fato entendido como o mais importante e, posteriormente, a parte mais importante dos outros fatos relacionados, enquanto a reportagem prioriza uma sequência lógica e/ou temporal dos fatos, como uma narrativa destes.

Sodré e Ferrari (1986) destacam a atualidade do tema tratado também como item de diferenciação entre a notícia e a reportagem. De acordo com os autores, a notícia depende diretamente do tempo, já que o fato relatado deve ser recente, mas a reportagem, embora se relacione indiretamente com o tempo, não tem a mesma dependência dele, afinal ela oferece um detalhamento e uma contextualização para algo que já fora noticiado. Sob essa perspectiva, a linha de separação entre os dois gêneros é tão tênue que, segundo Bahia (1990), uma notícia pode se transformar em reportagem a partir do momento em que adquirir detalhes e interpretação:

O salto da notícia para a reportagem se dá no momento em que é preciso ir além da notificação – em que a notícia deixa de ser sinônimo de nota - e se situa no detalhamento, no questionamento de causa e efeito, na interpretação e no impacto adquirindo uma nova dimensão narrativa e ética (BAHIA, 1990, p. 39).

Considerando que o gênero reportagem relaciona-se diretamente ao gênero notícia, com aproximações e distanciamentos, entendemos que as principais características das reportagens são as próprias características das notícias somadas às características que diferenciam ambos os gêneros.

Por último, ressaltamos a relação que pode ser feita entre as características do gênero reportagem com a questão das marcas autorais. Charaudeau (2009) afirma que a reportagem trata de um fenômeno social, isto é, uma série de fatos que se reproduzem no espaço público. Assim, mesmo que não esteja ancorado na

atualidade, não está diretamente ligado a ela. Afinal, a reportagem necessita da preexistência de uma notícia, para que esta a explique e a aprofunde.

Por isso, “a reportagem deve adotar um ponto de vista distanciado e global e deve propor ao mesmo tempo um questionamento sobre o fato tratado” (CHARAUDEAU, 2009). Diante disso, observa-se que a postura do autor da reportagem deve ser de distanciamento, apesar de ser seu objetivo questionar e aprofundar o assunto em questão. É esse o ponto se que permite afirmar que a reportagem pode ser uma armadilha da falsa imparcialidade, já que obriga o autor a ter objetivos opostos: distanciar-se do texto e aprofundá-lo ao mesmo tempo. Sobre isso, Charaudeau (2009) afirma:

espera-se do autor de uma reportagem que ele esteja o mais próximo possível da suposta realidade do fenômeno, pois esse não faz parte da ficção, e também se espera que demonstre imparcialidade, isto é, que sua maneira de perguntar e de tratar as respostas não seja influenciada por seu engajamento, por se tratar de um jornalista (CHARAUDEAU, 2009, p. 222).

É justamente essa posição desconfortável que dificulta a questão de deixar transparecer a opinião do autor da reportagem, pois não há como questionar ou aprofundar um assunto sem que se possa fazer uso do pensamento crítico, de encontro a ou ao encontro de outros pontos de vista. Diante disso, observamos que “isso é impossível (toda construção de sentido depende de um ponto de vista particular) e necessário (todo procedimento de análise implica tomadas de posição)” (CHARAUDEAU, 2009, p. 222)

2.3 Popularização da ciência

O processo de popularização da ciência (PC) é entendido como uma prática social que visa a permitir uma proximidade entre a sociedade e o discurso dos avanços da ciência (GERMANO, 2005, p. 4). A partir disso, dizemos que a PC se desenvolve com o apoio de várias atividades e vários atores, tais como os elaboradores de políticas públicas, jornalistas, técnicos, historiadores e sociólogos

da ciência, além, é claro, do público (HILGARTNER,1990, p. 533). Portanto, o acesso por parte da sociedade à experiência científica é feito por meio de textos sobre ciência, produzidos por cientistas, jornalistas e escritores, tendo em mente uma audiência formada por leigos e não por especialistas (MYERS, 1990, p.145, 2003, p. 265; CERRATO, 2002, p. 1). Essa noção do processo de popularização da ciência é ratificada por vários autores. Segundo Calsamiglia e Van Dijk, (2004, p. 370), podemos entender a PC como um processo cujo principal propósito é divulgar o conhecimento científico para o público leigo, transformando o conhecimento especializado em conhecimento acessível a leitores não especialistas.

É importante destacar que, dentro da PC, existem características de textos tanto do gênero jornalístico quanto do científico. Afinal, os textos de PC surgem de uma interseção entre ambos, sendo, assim, composto por suas características, isto é, a objetividade da ciência de um lado e, por outro, um registro menos formal, mais fluido e próximo da linguagem coloquial (LEIBRUDER, 2000, p. 234).

Segundo Motta-Roth (2009, p. 134-135), a PC se apoia em dois momentos: na passagem sequencial de um conjunto de gêneros que segue da publicação de um artigo científico na mídia especializada e na transferência de textos de um contexto a outro até chegar à popularização na mídia de massa. Sendo assim, dentro do processo de PC, existem vários gêneros, e a reportagem de popularização da ciência é um deles. Diante disso, podemos concluir que os textos de popularização científica assumem um caráter autoexplicativo, já que o autor procura traduzir os termos específicos da pesquisa científica com palavras mais próximas do leitor leigo.

Na bibliografia atual, existe pouca informação a respeito do gênero reportagem de PC, mas muita sobre notícia de PC. O gênero notícia de PC é concebido como um texto que reescreve e reporta uma pesquisa científica em uma linguagem simples, de fácil compreensão ao leigo, com foco na metodologia experimental, nos resultados centrais e no significado desses resultados (MOREIRA; MOTTA-ROTH, 2008, p. 4).

A reportagem de popularização da ciência (PC) foi entendida, segundo Moreira & Motta-Roth (2008), como um gênero que apresenta temáticas, problemas ou tendências correntes na sociedade em um texto mais longo, cuja função consiste

em reportar interpretações de pesquisas científicas, com foco na contextualização, apresentação de conceitos e procedimentos científicos, resultados de pesquisa, assim como sugestões ou conselhos ao leitor não especialista.

Por último, destacamos ainda que, atualmente, a popularização da ciência vem ganhando um estatuto de maior complexidade. Segundo Lovato & Motta-Roth (2009), “as pesquisas sobre PC têm apontado novos usos da linguagem e suas implicações para a população de diferentes comunidades.” Para Hilgartner (1990, p. 519), a PC nada mais é do que uma simplificação do conteúdo científico. Segundo o autor, a verdadeira pesquisa científica é inacessível para o público não especialista. Corroborando essa visão, Paul (2004, p.32) classifica a popularização da ciência como uma “tradução de pesquisas científicas para a audiência leiga”.

No capítulo a seguir observaremos os passos seguidos para a realização desta pesquisa, desde a seleção do *corpus* até as considerações formuladas a partir dos dados obtidos.

3 METODOLOGIA

Este estudo insere-se nos trabalhos relacionados ao sistema de transitividade da gramática sistêmico-funcional, mais especificamente no que se refere ao exame dos processos existenciais em amostras de um gênero discursivo específico: reportagens de capa da revista *Superinteressante*. Sabemos que hoje as pesquisas com os processos existenciais em língua portuguesa são escassas (FERREGUETTI, 2011; FIGUEREDO, 2011) e ainda necessitam de mais aprofundamento, por se situarem na fronteira entre os processos materiais e relacionais.

Pesquisas relacionadas à Linguística Sistêmico-Funcional têm sido realizadas no Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa (NELP), como Cabral (2006), Fuzer (2012), Rodrigues & Cabral (2012) e Silva (2009). Entretanto, observamos que a identificação dos processos existenciais nem sempre é tão simples de ser realizada, especialmente quando trabalhamos com formas verbais diferentes dos prototípicos “haver” ou “existir”.

Sendo assim, nossa principal pergunta de pesquisa é: “Quais são e que particularidades apresentam os verbos que constituem processos existenciais em um *corpus* de dezesseis reportagens científicas e históricas de capa da revista *Superinteressante*?”. Objetivamos, com nossa investigação, contribuir um pouco para preencher a lacuna que existe, em estudos em língua portuguesa, em relação aos processos existenciais, embora nos detenhamos mais no exame desses processos em um gênero específico.

3.1 Constituição do *corpus*

O primeiro passo para a realização do estudo foi a seleção do *corpus*. Foram reunidas dezesseis (16) reportagens de capa da revista *Superinteressante* durante os anos de 2008, 2009, 2010 e 2011, conforme sua disponibilidade via *web*. As reportagens foram selecionadas de acordo com sua temática, totalizando oito (8)

reportagens com temática científica e oito (8) reportagens com temática histórica. Na ocasião, foram descartadas duas delas, por não se encaixarem no critério que utilizamos.

A SUPER tem periodicidade mensal, mas não disponibiliza *online* aos leitores (no site <http://super.abril.com.br>) todas as reportagens de capa na internet, apenas as de algumas edições. Outras edições apresentam diferentes reportagens, mas não as de capa. Sendo assim, das revistas publicadas nesses quatro anos, selecionamos dezesseis que apresentavam a reportagem de capa com uma temática científica ou histórica e que estavam disponíveis online. As reportagens selecionadas com as datas de publicação podem ser visualizadas no Quadro 5 – reportagens científicas – e no Quadro 6 – reportagens históricas.

Título da reportagem de capa	Código	Data de publicação
Memória – Esquecer para lembrar	C#1	Abril / 2009
Dieta sem segredo	C#2	Maior / 2009
Mundo paranormal	C#3	Julho / 2009
Donos do mundo	C#4	Agosto / 2009
Você pode ser imortal	C#5	Fevereiro / 2010
O segredo do sucesso	C#6	Julho / 2010
Nasce sabendo	C#7	Agosto / 2010
A genética fracassou?	C#8	Setembro / 2010

Quadro 5 – Reportagens de capa da revista *Superinteressante*, com temática científica, selecionadas como *corpus* da pesquisa.

Título da reportagem de capa	Código	Data de publicação
Quem escreveu a Bíblia?	H#1	Dezembro / 2008
A verdade sobre Che	H#2	Janeiro / 2009
Máfia	H#3	Fevereiro / 2009
A nova 2ª Guerra Mundial	H#4	Setembro / 2009
Uma investigação: Chico Xavier	H#5	Abril / 2010
A nova história do Brasil	H#6	Junho / 2010
Deus – Uma biografia	H#7	Novembro / 2010
Os anos ocultos de Jesus	H#8	Junho / 2011

Quadro 6 – Reportagens de capa da revista *Superinteressante*, com temática histórica, selecionadas como *corpus* da pesquisa.

Para facilitar a indicação dos textos no *corpus*, etiquetamos cada reportagem com uma letra – **C** para as científicas e **H** para as históricas – e atribuímos um número a cada uma delas. Por exemplo, a indicação C#3 deve ser lida como a “reportagem científica de número três” e H#8 deve ser lida como a “reportagem histórica de número 8”.

As reportagens selecionadas abordam temas tanto de cunho científico quanto de cunho histórico, como descobertas em relação ao cérebro humano, esclarecimentos sobre o funcionamento do corpo humano, novidades nos estudos genéticos, curiosidades sobre religião e personagens espirituais ou da história nacional e mundial.

O *corpus* apresenta um total de 56.337 palavras e 11.175 *types* (palavras diferentes), assim distribuídas: 27.150 nas científicas (com 5.429 *types*) e 30.236 nas históricas (com 6.694 *types*). Em média, as reportagens que constituem o

corpus apresentam 1889 palavras por texto, dentre as quais 22 (em média) são processos existenciais.

O Quadro 7 apresenta os resultados numéricos do *corpus*.

Reportagem	Nº de palavras	Nº de processos	Nº proc. existenciais	%
C# 1	3.944	539	31	5,75%
C #2	3.902	385	25	6,49%
C# 3	4.256	638	29	4,55%
C #4	3.395	484	41	8,47%
C# 5	2.470	359	17	4,87%
C# 6	3.308	437	35	8,01%
C# 7	2.295	307	11	3,58%
C# 8	3.580	422	20	4,73%
Sub total	27.150	3571	209	5,85%
H# 1	3.860	433	19	4,38%
H# 2	3.634	474	11	2,32%
H# 3	3.948	424	19	4,48%
H# 4	3.647	467	22	4,71%
H #5	4.380	569	24	4,21%
H #6	3.512	321	12	3,74%
H# 7	3.579	403	22	5,45%
H #8	3.676	428	18	4,20%
Subtotal	30.236	3519	147	4,17
TOTAL	57.386	7.090	356	5,02%

Quadro 7. Resultados numéricos do *corpus*.

A seguir, apresentamos os critérios utilizados para a seleção do *corpus*.

3.2 Critérios para seleção do *corpus*

Decidimos trabalhar com a revista *Superinteressante* por ser uma revista com linguagem simples e mais próxima do coloquial, em função de tentar uma proximidade com o seu público-alvo, jovens adultos. Nas palavras do próprio editor da revista, Sérgio Gwercman, “o que faz a *SUPER* diferente de todas as outras revistas do mundo são os nossos leitores. Jovens adultos bem-informados, mas que sabem que conhecer mais é importante”.

Segundo pesquisa realizada em 2010 pela Ipson Marplan / EGM (Estudo Geral de Meios), o leitor da *Superinteressante* vira referência na sua roda de amigos e é composto por 54% de leitores com 20 a 39 anos, dos quais 48% são mulheres e 52%, homens. É, portanto, uma audiência formada por leigos e não por especialistas (MYERS, 1990, p.145, 2003, p. 265; CERRATO, 2002).

Quanto às temáticas de maior interesse na revista, a pesquisa apontou: atualidades, saúde, medicina, entretenimento, tecnologia, meio ambiente e ciência. Embora só um dos tópicos temáticos seja intitulado “ciência”, todos os temas são agrupados no que se refere à temática científica, o que nos fez inserir este trabalho na área da popularização da ciência, já que o principal propósito é divulgar o conhecimento científico para o público leigo, transformando o conhecimento especializado em conhecimento acessível a leitores não especialistas (CALSAMIGLIA e VAN DIJK, 2004; MOREIRA e MOTTA-ROTH, 2008).

São doze (12) os autores que escrevem as dezesseis (16) reportagens de capa selecionadas. Algumas reportagens são escritas por mais de um autor, e alguns autores escrevem mais de uma reportagem. Os autores são jornalistas que escrevem, prioritariamente, matérias relacionadas ao jornalismo científico e, na maioria dos casos, escrevem não apenas para a revista *Superinteressante*, mas também para outras revistas com a mesma temática.

Em relação a outros critérios, a escolha por temas científicos e históricos foi feita por serem esses os temas mais comumente abordados pelas reportagens de capa. A escolha pelas datas das reportagens foi feita mediante disponibilidade via *web*, já que a revista não disponibiliza todas as edições em seu endereço eletrônico.

A seguir, explicitamos os procedimentos utilizados para a análise do *corpus*.

3.3 Passos da análise

Para proceder à análise, utilizamos uma pesquisa ao mesmo tempo quantitativa e qualitativa. É qualitativa porque trabalha com a linguagem em uso, dado que não pode ser estatisticamente medido. É quantitativa porque visa a determinar o número específico de processos existenciais que ocorrem nas dezesseis reportagens de capa.

Primeiramente, realizamos a coleta do *corpus* de dezesseis (16) reportagens de capa, a partir do endereço eletrônico da revista *Superinteressante*. Após, separamos o *corpus* em dois grupos de oito (8) textos: reportagens científicas, no qual constam as reportagens de capa em que a temática está relacionada a descobertas no mundo científico, e reportagens históricas, no qual estão as reportagens de capa em que a temática se relaciona a acontecimentos históricos que não receberam muito destaque ao longo dos tempos. Assim, destacamos desde já que, tanto em reportagens científicas quanto em reportagens históricas, a *SUPER* objetiva apresentar reportagens que pressupõem o desconhecimento por parte do leitor.

A seguir, partimos para a análise do *corpus*, com o objetivo de mapear os processos existenciais utilizados pelos autores nas reportagens. Nessa etapa, contamos com o auxílio da ferramenta computacional *Wordsmith Tools 5.0* (SCOTT, 2008), de modo a facilitar a investigação. O *Wordsmith Tools 5.0* (SCOTT, 2008) é uma ferramenta que representa a inovação da utilização da tecnologia na análise linguística. Segundo Sardinha (2004), existe uma tendência natural dos pesquisadores em linguagem a realizarem as análises à mão, limitando-se, por isso,

a poucos exemplos. A razão para isso, em muitos casos, é a falta de conhecimento dos instrumentos disponíveis. De acordo com o autor, tendo o conhecimento da existência de tais instrumentos, há dois principais motivos para os pesquisadores utilizarem-nos: eles

(...) são consistentes. Os computadores não se cansam, e assim podem fazer tarefas tediosas (como contar palavras, identificar todas as ocorrências de um termo, classificar a ordem dos itens listados) de modo eficiente e confiável. Em segundo lugar, permitem maior abrangência na quantidade de dados que se pode lidar. O exame de um *corpus* de 1 milhão de palavras é uma tarefa quase impossível para o ser humano, mas para um computador, (...) é algo que se faz em poucos segundos. (...) A incorporação do computador à análise da linguagem pode ser comparada à introdução do microscópio nas ciências (SARDINHA, 2004, p. 85).

Assim, o segundo passo consistiu na elaboração de uma Lista de Palavras (*Wordlist*), ordenando – por ordem de frequência – todas as ocorrências no *corpus*. Esse trabalho permitiu a realização do terceiro passo, ocasião em que fizemos a seleção, na Lista de Palavras, de todos os verbos do *corpus*, eliminando todas as ocorrências de outras classes gramaticais (artigos, substantivos, advérbios, preposições, etc.)

A quarta etapa consistiu em separar, em uma lista à parte, todas as formas verbais que tinham potencial para funcionarem como processos existenciais nas vinte reportagens. o que denominamos “processo de limpeza”. Destacamos aqui que a criação dessa nova *Wordlist* levou em conta formas verbais diferentes para o mesmo verbo, as quais foram posteriormente agrupadas as formas *tem*, *ter*, *tinha*, *tinham*, *teve*, *teria*, *tenha* e *tivesse*, por exemplo, foram agrupados sob a forma verbal “ter”. Uma amostra deste trabalho consta na Figura 8, que apresenta as vinte principais ocorrências de verbos que podem funcionar como processos existenciais.

Em seguida, com o uso das linhas de concordância (contexto), verificamos cada uma das formas verbais (com potencial para constituírem orações existenciais), a fim nos assegurarmos do status de cada um (se prototípico, se não prototípico, se material criativo ou se relacional), já que, segundo a bibliografia estudada, são esses dois últimos os processos mais próximos dos existenciais em relação ao sentido. Os três critérios que utilizamos, nesta etapa, para a determinação das figuras de existir, foram:

File	Edit	View	Compute	Settings	Windows	Help		
N			Word	Freq.	%	Texts	% Lemmas	Set
1			TEM	84	0.15	1	100.00	
2			TER	80	0.14	1	100.00	
3			TINHA	80	0.14	1	100.00	
4			HÃ	72	0.12	1	100.00	
5			TINHAM	43	0.07	1	100.00	
6			HAVIA	39	0.07	1	100.00	
7			TÊM	36	0.06	1	100.00	
8			COMEÇOU	30	0.05	1	100.00	
9			TEVE	28	0.05	1	100.00	
10			ACONTECEU	27	0.05	1	100.00	
11			TERIA	22	0.04	1	100.00	
12			ACABOU	19	0.03	1	100.00	
13			NASCEU	19	0.03	1	100.00	
14			TENHA	18	0.03	1	100.00	
15			ACONTECE	17	0.03	1	100.00	
16			EXISTE	17	0.03	1	100.00	
17			VEM	17	0.03	1	100.00	
18			TIVESSE	15	0.03	1	100.00	
19			COMEÇAR	14	0.02	1	100.00	
20			EXISTEM	13	0.02	1	100.00	

Figura 9. Exemplo de *Wordlist*.

- a) ocorrência de processo que signifique uma das figuras a seguir:
- um ente ou mais de um existe;
 - um ente ou mais de um vem à existência;
 - um ente ou mais de um permanece existindo;
 - um ente ou mais de um deixa de existir.
- b) ocorrência de forma verbal que constitui o verbo principal da oração, eliminando-se todos os casos em que essa forma faz parte de compostos ou de locuções verbais;
- c) existência do traço “não agentividade”, em que o Existente não é o Ator do processo e, portanto, não é o sujeito lógico. A literatura aponta que o Existente é sempre o participante que vem à existência movido por um agente externo (HALLIDAY e MATTHIESSEN 2004; MATTHIESSEN, 1995). Nesta fase, também identificamos quais processos acontecem em

reportagens de cunho científico e quais em reportagens de cunho histórico.

A Figura 9 traz uma amostra das linhas de concordância analisadas com o auxílio do *Concord*.

File Edit View Compute Settings Windows Help													
N	Concordance	Set	Tag	Word #	Sen	Para	Para	lead	lead	Sec	Sec	File	%
1	ainda quer descobrir. A imortalidade existe na natureza. Não tem nada de			31,025,90	57%	054%				054%		ENS_DE_CAPA	54%
2	. Estrela do xife Dentro dos guetos, existia a instituição da policia judia,			29,081,80	50%	050%				050%		ENS_DE_CAPA	50%
3	remédios. Seria suicídio. É isso: não existe fórmula mágica para derrotar			27,111,69	50%	047%				047%		ENS_DE_CAPA	47%
4	em breve. "Em 50 anos não vai mais existir definição para expectativa de vida			31,216,91	52%	054%				054%		ENS_DE_CAPA	54%
5	espíritos, considerado prova material da existência do além. Os personagens			35,658,22	38%	032%				052%		ENS_DE_CAPA	62%
6	corpo para arrumar qualquer defeito. Já existem experimentos na Rice			32,962,03	33%	057%				057%		ENS_DE_CAPA	57%
7	da Sirtris. Na uva, a substância existe em concentrações muito baixas.			32,309,99	50%	056%				056%		ENS_DE_CAPA	56%
8	não é a panacea, já que a mera existência dos antibióticos na farmácia			27,084,69	48%	047%				047%		ENS_DE_CAPA	47%
9	para outro tipo de célula, a aids não existiria , ele provavelmente seria um			25,144,55	39%	044%				044%		ENS_DE_CAPA	44%
10	mais renomados de hoje, se existisse uma enciclopédia de 30			24,451,50	44%	042%				042%		ENS_DE_CAPA	42%
11	menos do ponto de vista dos micróbios. Existem mais bactérias pastando pela			24,241,49	41%	042%				042%		ENS_DE_CAPA	42%
12	vírus. Como o corpo sabe quais vírus existem por aí? Ele não sabe. Então			25,347,57	30%	044%				044%		ENS_DE_CAPA	44%
13	desenvolvam resistência aos remédios. Existem iniciativas para combater isso,			27,027,68	25%	047%				047%		ENS_DE_CAPA	47%
14	porcos não morrem de gripe, então não existe uma vigilância sistemática", diz			26,702,66	52%	046%				046%		ENS_DE_CAPA	46%
15	vida. Péssimo negócio. "Não que não existissem vírus violentos na época.			25,759,60	56%	045%				045%		ENS_DE_CAPA	45%
16	como o Deus único. Hoje, cogitar a existência de outras divindades que			51,489,13	22%	039%				039%		ENS_DE_CAPA	90%
17	poderão ter certeza de que tudo o que existe só no DNA da célula doente está			50,022,04	58%	037%				037%		ENS_DE_CAPA	87%
18	era preciso guardar o dinheiro que ainda existia . (A empresa acabou vendida em			48,917,97	30%	035%				035%		ENS_DE_CAPA	85%
19	for, mesmo se o casamento ainda existisse , Javé logo optaria por um			52,990,22	33%	032%				032%		ENS_DE_CAPA	92%
20	os pesquisadores. Para alguns, porém, existem semelhanças entre a dos			54,852,36	15%	035%				035%		ENS_DE_CAPA	95%
21	buscando um sentido para a existência . Nesse aspecto,			53,877,29	30%	034%				034%		ENS_DE_CAPA	94%
22	israelistas diziam que só Javé tinha existência , vida e poder; os outros			53,467,26	44%	033%				033%		ENS_DE_CAPA	93%
23	uma doença que pode nem mesmo existir . E inclusive tomar remédios			48,695,96	30%	035%				035%		ENS_DE_CAPA	85%
24	. "Não há nenhuma evidência de que exista uma causa genética para o			41,836,59	19%	073%				073%		ENS_DE_CAPA	73%
25	muitas repetições e melodias que já existiam . Os críticos de música, aliás,			41,621,58	30%	072%				072%		ENS_DE_CAPA	72%

Figura 10. Exemplo de *Concord*.

Obtivemos um total de 15 processos realizados em 356 ocorrências de processos existenciais em todo o *corpus*, sendo 209 em reportagens científicas e 147 em reportagens históricas. A explicitação dos resultados dessa fase constam no Quadro 8.

	C # 1	C # 2	C # 3	C # 4	C # 5	C # 6	C # 7	C # 8	H # 1	H # 2	H # 3	H # 4	H # 5	H # 6	H # 7	H # 8	Total
acabar					1				1	1	1				2	1	7
acontecer	9	1	4	7	2	2	1	3	1	4	2	1			5	3	45
aparecer	4	1	2	4	1	2		4	1		1		3			1	24
começar				3			1	1		1		3			3		12
continuar				1		2				1			1				5
existir	8		13	9	3	4	3	1	2		3	2	1	1	2	1	53
haver	5	16	4	3	3	14		4	3	1	3	1	3	7	2	2	71
morrer				2	6					1	4	8	7	2	3	1	34
nascer	1					4	5		4	2	3	1	2	1	3	8	34
ocorrer		1							1			2			1		5
permanecer							1										1
surgir		2		7				4	4		1	2	3		1		24
ter	1	4	6	2	1	3		1	1		1	1	3	1			25
terminar									1								1
vir	3			3		4		2				1	1			1	15
TOTAL	31	25	29	41	17	36	11	20	19	11	19	22	24	12	22	18	356

Quadro 8 – Ocorrências de Processos Existenciais por reportagem na revista *Superinteressante*.

A título de exemplo, apresentamos quatro orações que ilustram basicamente as possibilidades de análise que encontramos para a maioria dos casos ao longo da pesquisa. Uma ocorrência do verbo “surgir” como *processo existencial*, uma

ocorrência do verbo “terminar” como *processo material*, uma ocorrência do verbo “continuar” como *processo relacional* e uma ocorrência do verbo “começar” como auxiliar de locução verbal. Nenhum verbo obteve as quatro possibilidades de análise, mas todos obtiveram pelo menos duas dessas.

43	Luzes coloridas	surgiram	detrás do pano.
	Existente	processo existencial	Circunstância

(H#5. Uma investigação: Chico Xavier, 04/2010)

44	Aos 12	[Mozart]	terminou	sua primeira ópera.
	Circunstância	Ator	processo material	Meta

(C#6. O segredo do sucesso, 07/2010)

45	a doença	continuou	envolta em mistério.
	Portador	processo relacional	Atributo

(C#4. Donos do mundo, 08/2009)

46	os escritores hebreus	começaram a colocar	essa sopa multicultural	no papel
	Ator	processo mental	Meta	Circunstância

(H#1. Quem escreveu a Bíblia, 12/2008)

Ainda no quinto passo, dividimos as 356 ocorrências de processos existenciais em quatro grupos, de acordo com Halliday e Matthiessen (2004), que configuram a existência de uma entidade, em uma oração, em quatro tipos de significados:

(1) *estar existindo*;

(2) *vir a existir*;

(3) *permanecer existindo;*

(4) *deixar de existir.*

O sexto passo consistiu em uma conferência manual, a partir da primeira Lista de Palavras obtida, de todos os processos empregados pelos autores das reportagens no corpus, bem como do participante Existente. O cômputo final identificou 7.090 processos empregados ao longo dos dezesseis textos e inúmeros Existentes fraseados como grupos nominais, alguns antecedendo e outros seguindo os processos. Esse trabalho nos permitiu verificar a porcentagem de ocorrências dos processos existenciais no corpus em análise.

Por fim, buscamos determinar alguns traços pragmáticos do emprego dos processos existenciais no gênero discursivo escolhido para esta dissertação. Além disso, discutimos também a pertinência da abordagem sistêmico-funcional nos modos de dizer que permeiam o gênero midiático em questão e a relação desta pesquisa com os trabalhos realizados na linha de pesquisa Linguagem no Contexto Social.

Os resultados obtidos e a discussão detalhada dos achados no corpus serão apresentados na seção a seguir.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, mostramos inicialmente alguns dados quantitativos importantes para ancorarmos nossas considerações. A seguir, apresentamos uma análise de cunho geral para, logo após, especificarmos nossos achados quanto às particularidades de cada um dos quinze processos existenciais encontrados no *corpus*, bem como algumas considerações sobre o Existente.

4.1 Processos existenciais e reportagens da *Superinteressante*

Após a elaboração da Lista de Palavras que apresentavam potencial para a configuração de processos existenciais, foram encontradas 802 ocorrências. Após a análise das linhas de concordância, chegamos ao resultado de 356 formas que constituem processos existenciais. Todas as outras 446 ou correspondem a outros processos ou fazem parte de formas compostas de verbos ou de locuções verbais. O Quadro 9 resume os principais resultados obtidos.

Os dados obtidos no Quadro 9 apresentam algumas particularidades importantes. Se compararmos o número de ocorrências de cada um dos verbos, oito (08) verbos apresentaram a maioria das suas ocorrências como processos existenciais. São eles: *acontecer*, *aparecer*, *existir*, *haver*, *morrer*, *nascer*, *ocorrer* e *surgir*. Os demais (07) apresentaram a maioria de suas ocorrências como outros processos: *acabar*, *começar*, *continuar*, *permanecer*, *ter*, *terminar* e *vir*. Quanto à frequência, os verbos que ocorreram com maior frequência funcionando como processos existenciais foram “haver”, “existir”, “acontecer”, “morrer” e “nascer”, tendo, respectivamente, 71, 53, 45, 34 e 34 ocorrências.

Os verbos “ter” e “haver” foram os que tiveram os maiores números de ocorrências no *corpus* – 207 e 114, respectivamente –, o que se deve, principalmente, a possibilidade de tais verbos constituírem locuções verbais tanto na condição de auxiliares quanto na condição de verbo principal.

VERBO	OCORRÊNCIAS COMO PROCESSO EXISTENCIAL	PORCENTAGEM COMO PROCESSO EXISTENCIAL	OCORRÊNCIAS COMO OUTROS PROCESSOS	PORCENTAGEM COMO OUTROS PROCESSOS
HAVER	71	62,3%	43	38,7%
EXISTIR	53	100,0%	–	0,0%
ACONTECER	45	84,9%	08	15,1%
MORRER	34	89,5%	04	11,5%
NASCER	34	87,2%	05	12,8%
TER	25	12,1%	182	87,9%
APARECER	24	70,6%	10	29,4%
SURGIR	24	88,9%	03	11,1%
VIR	15	34,1%	29	65,9%
COMEÇAR	12	13,6%	76	86,4%
ACABAR	07	13,7%	44	86,3%
CONTINUAR	05	13,9%	31	86,1%
OCORRER	05	100,0%	-	0,0%
PERMANECER	01	25,0%	03	75,0%
TERMINAR	01	11,1%	08	88,9%

Quadro 9 – Número e porcentagem de ocorrências dos verbos analisados.

Outro dado interessante sobre esses dois verbos é que, enquanto com o verbo “ter”, encontramos o número de ocorrências funcionando como outros processos extremamente superior ao número de ocorrências funcionando como processo existencial (182 e 25, respectivamente); com o verbo “haver”, encontramos o oposto – o número de ocorrências como processo existencial é maior do que o como outros processos (71 e 43, respectivamente). Sugerimos que isso se deva ao fato de que o verbo “haver” é prototipicamente existencial, já exhaustivamente descrito pela bibliografia, enquanto o verbo “ter” só assume a possibilidade de

funcionar como processo existencial no português brasileiro, em textos que priorizem uma linguagem mais próxima a linguagem oral, como é o caso da revista *Superinteressante*. Como o público leitor da *SUPER* está constituído de jovens, é natural que a revista privilegie a linguagem cotidiana usada por esse grupo ainda não especializado.

Os verbos “permanecer”, “ocorrer” e “terminar” foram os que apresentaram os menores números de ocorrências – 04, 05 e 09, respectivamente. Acreditamos que isso tenha ocorrido em função de os três possuírem sinônimos de frequência muito maior: o verbo “continuar”, sinônimo de “permanecer”, ocorreu 36 vezes; o verbo “acontecer”, sinônimo de “ocorrer”, 53; o verbo “acabar”, sinônimo de “terminar”, 51 vezes. Sendo assim, percebemos que os verbos “continuar”, “acontecer” e “acabar” são mais frequentes nas dezesseis reportagens de capa analisadas do que os seus respectivos sinônimos “permanecer”, “ocorrer” e “continuar”. Esse resultado também vai ao encontro das considerações que fizemos acerca da linguagem utilizada pela revista.

Os verbos “existir” e “ocorrer” foram os únicos que apresentaram somente ocorrências como processos existenciais (100% no *corpus*), o que pode ser explicitado pelo fato de serem prototípicos. Ainda, destacamos os números de ocorrências como processos existenciais dos verbos “aparecer” e “surgir” (24, ambos), o que demonstra uma preferência da revista por temáticas que demonstrem alguma novidade, algo que seja desconhecido pelos leitores. Por outro lado, se compararmos o número de ocorrências dos verbos “morrer” e “nascer”, antônimos, percebemos um número de ocorrências como processos existenciais exatamente igual, o que, numa análise meramente quantitativa, demonstra que não há preferência por um ou por outro.

Dos verbos que apresentaram um maior número de ocorrências como outros processos, destacamos os verbos “continuar” e “permanecer” (05 e 01 como processos existenciais, respectivamente). Acreditamos que isso se deva ao fato de que – como esses verbos denotam algo que não sofre uma considerável mudança, isto é, que continua ou permanece existindo no tempo ou no espaço – não são assuntos pertinentes para uma revista que objetiva apresentar novidades aos seus leitores. Os antônimos “acabar” e “começar” apresentaram apenas 07 e 12

ocorrências (respectivamente) do total, o que se deve ao fato de que tais verbos funcionam preferencialmente como processos materiais criativos. Por último, destacamos a diferença considerável entre as ocorrências do verbo “ter” (apenas 25 ocorrências como processo existencial, das 207 ocorrências no total). Uma explicação plausível é que o verbo “ter” funciona preferencialmente como processo relacional ou como auxiliar de verbos que desempenhem diferentes funções no texto.

Diante disso, é possível fazer uma análise percentual dos dados. Destacamos primeiramente o fato de que apenas quatro verbos ultrapassaram 75% das ocorrências como processo existencial. São eles: *acontecer*, *existir*, *morrer* e *surgir*. Assim, consideramos que o número superior dos dois primeiros se dá justamente pelo fato de serem os dois verbos prototipicamente existenciais. No entanto, os outros nos permitem sugerir uma interpretação: nas reportagens de capa analisadas, há um número significativo de ocorrência de verbos que destacam o surgimento de algo (novidades são notícias interessantes) e de verbos que destaquem a morte de figuras importantes.

Em segundo lugar, destacamos os verbos que não chegaram a 25 % de ocorrências como processo existencial: *acabar*, *começar*, *continuar*, *permanecer*, *ter* e *terminar*. A partir disso, reiteramos que esses verbos tenham uma frequência baixa de ocorrências como processos existenciais por motivos diferentes. Os verbos “ter” e “haver”, como já citado, têm a baixa frequência de ocorrências como existenciais em função da possibilidade de atuarem como auxiliares em locuções verbais; os verbos “acabar”, “começar”, “continuar”, “permanecer” apresentam baixa frequência por não permitirem construções que sejam relacionadas à temática da revista *Superinteressante*. Como o objetivo é apresentar novidades, não se torna propício destacar algo que acabe, comece, continue ou permaneça.

Por fim, destacamos o Gráfico 1, que permite uma melhor visualização das ocorrências, em percentuais, de cada um dos verbos como processos existenciais e como outros processos.

Para diferenciar os processos materiais-criativos com apenas um (1) participante dos processos existenciais, consideramos o critério de agentividade/não agentividade. Enquanto os processos materiais-criativos têm o Ator como o Agente,

os processos existenciais têm o Existente apenas como Meio (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004; MATTHIESSEN, 1999), pois o participante obrigatório nunca carrega a agentividade do processo.

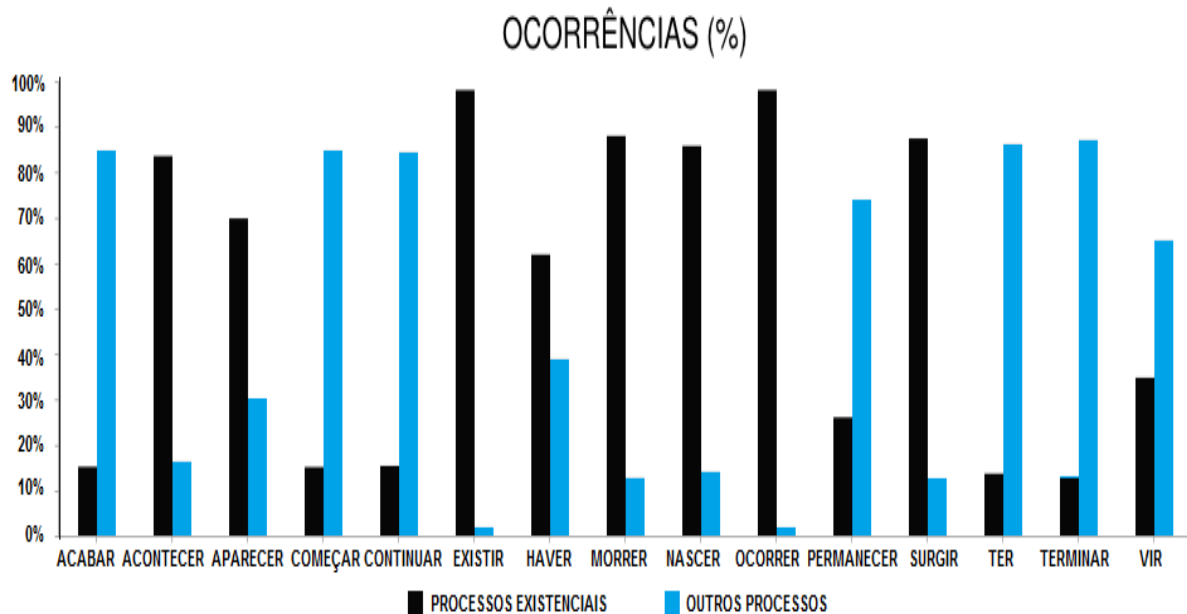


Gráfico 1 – Ocorrências, em porcentagem, dos quinze verbos analisados como processos existenciais e como outros processos.

Nas próximas seções, destacamos a análise de cada um dos verbos, com exemplos de ocorrências tanto como processos existenciais, quanto como outros processos.

4.1.1 “Haver”

O verbo “haver” figura no *corpus* com três (3) diferentes tipos de ocorrências. Assim, primeiramente, analisamos esse verbo funcionando como processo existencial. Em seguida, identificamos a possibilidade de ele funcionar com verbo auxiliar para outros processos. E, por último, não foi identificada nenhuma categoria

do processo de transitividade para a possibilidade de o verbo “haver” indicar tempo transcorrido.

Quando o verbo “haver” serve como processo existencial, ele indica a existência de um participante, mas pode também identificar a não existência.

47	Há	uma boa explicação para isso.
	processo existencial	Existente

(H#1. Quem escreveu a Bíblia?, 12/2008)

Em 47, o participante “uma boa explicação para isso” tem sua existência destacada pelo verbo “haver” e, por isso, funciona como Existente do processo. Além disso, este termo desempenha o papel de Sujeito gramatical, mas não o de Sujeito lógico, pois não possui agentividade. Ainda, destacamos que o processo “haver” pode indicar a não existência de um participante, em função do elemento de polaridade negativa, como ocorre no exemplo 48.

48	Não	há	estimativas do tamanho do mercado de dietas	no Brasil.
	polaridade negativa	processo existencial	Existente	Circunstância

(C#2. Dieta sem segredos, 05/2009)

Nesse exemplo, informa-se a não existência do participante “estimativas do tamanho do mercado de dietas”. Percebemos, ainda, que essa não existência está restrita ao Brasil, em função da Circunstância apresentada. Observemos que, nos exemplos (47) e (48) não podemos afirmar que “uma boa explicação para isso” e “estimativas do tamanho do mercado de dietas” sejam Atores do processo “haver”, pois são entidades que simplesmente “existem”. Não são elas que atuam para que a existência aconteça. O traço determinante, neste caso, é o não agentivo.

Quando o verbo “haver” não funciona como processo existencial, encontramos duas opções de identificação: funcionando como auxiliar de outro

processo verbal ou como indicação de tempo transcorrido. Ilustramos o primeiro caso dessas ocorrências com o exemplo 49, no qual o verbo “haver” é auxiliar do processo mental “imaginar”.

49	João Batista	havia imaginado	uma intervenção unilateral de Deus.
	Experienciador	processo mental	Fenômeno

(H#8. Os anos ocultos de Jesus, 06/2011)

Nesse exemplo, “João Batista” é o Experienciador do processo mental “havia imaginado” – no qual o verbo “haver” atua somente como auxiliar – e o participante “uma intervenção unilateral de Deus” é identificado como o “Fenômeno” realizado pelo processo.

No último caso de ocorrências do verbo “haver”, tivemos a possibilidade de ele funcionar com o sentido de tempo transcorrido, sinônimo do verbo “fazer”. Em tais exemplos, não encontramos, na bibliografia analisada, possibilidades de análise. Afinal, esses exemplos não são sintaticamente correspondentes nas línguas portuguesa e inglesa, o que acreditamos ser o principal motivo de não encontrarmos referência a este caso. O verbo “haver”, indicando tempo transcorrido, é descrito pela gramática tradicional normativa do português como um caso de “oração sem sujeito”, o qual inexistente na língua inglesa. Assim, emprega-se o verbo “haver” como impessoal,

isto é, sem sujeito, quando significa “existir”, “ocorrer”, “acontecer”, “realizar”, ou quando indica tempo decorrido. Nestes casos, em qualquer tempo, conjuga-se tão somente na 3ª pessoa do singular. Quando o verbo “haver” exprime existência e vem acompanhado dos auxiliares “ir”, “dever”, “poder”, etc., a locução assim formada é, naturalmente impessoal. O verbo “haver”, quando sinônimo de “existir”, “acontecer”, “realizar”, não tem sujeito e é transitivo direto: ao contrário destes, que são intransitivos e possuem sujeito. (CUNHA, 2008, p.311)

Sendo assim, apresentaremos alguns dos exemplos encontrados no *corpus* que contêm ocorrências do verbo “haver” indicando tempo transcorrido para os processos a que se referem.

50	McMoneagle trabalha há anos em um experimento inusitado	(C#3. Mundo paranormal, 07/2009)
51	Há 10 mil anos o homem descobriu um modo de vida mais eficiente	(C#4. Donos do mundo, 08/2009)
52	Hilda Braga mantém há 30 anos a carta do filho Eurípedes	(H#5. Uma investigação: Chico Xavier, 04/2010)
53	Há séculos , ele vem sendo citado como prova absoluta	(C#6. O segredo do sucesso, 07/2010)

Destacamos que, nesses exemplos, não podemos classificar o verbo “haver” como processo existencial, já que não existe a ideia de promover a existência de um participante.

4.1.2 “Existir”

O verbo “existir” não apresentou dificuldades de análise por ser considerado existencial em todas as suas ocorrências. Afinal, o processo indicado pelo verbo “existir” sempre apresenta um único participante, o Existente, que é o Meio e não é o Ator. Assim, não ocorre a possibilidade de este processo ser material, nem relacional. É importante ressaltar que, apesar de já termos percebido na análise dos outros verbos que a presença de, pelo menos, uma (1) Circunstância com processos existenciais ser bastante frequente, com o processo “existir” ela é ainda mais frequente, como mostra o exemplo 54.

54	A imortalidade	existe	na natureza.
	Existente	processo existencial	Circunstância

(C#5. Você pode ser imortal, 02/2010)

Também encontramos exemplos em que não há a presença de circunstância, como em 55, em que só há a indicação de que “a telecinesia” não tem uma existência no mundo.

55	A telecinesia	não	existe
	Existente	polaridade negativa	processo existencial

(C#3. Mundo Paranormal, 07/2009)

Outro aspecto interessante observado no *corpus* é a ocorrência de exemplos em que o Existente, com o processo “existir” não corresponde ao Tema da oração, pois está sempre posposto ao verbo. Assim, pudemos perceber que o processo “existir”, no *corpus*, está sempre em posição temática, constituindo Tema marcado, e o Existente (ou Meio) faz parte do Rema.

56	existe	uma memória de curto prazo
	processo existencial	Existente

(C#1. Memória – Esquecer para lembrar, 04/2009)

Em 56, o Existente está posposto ao processo “existe”, e é identificado dessa forma por ser a entidade que é trazida à existência pelo processo. A mesma relação – apesar da presença do elemento “não”, que indica polaridade negativa – aparece no exemplo 57.

57	não	existem	imagens deles anteriores a 1810.
	polaridade negativa	processo existencial	Existente

(H#6. A nova história do Brasil, 06/2010)

Percebemos no exemplo que o participante “imagens deles anteriores a 1810” tem a sua existência negada pelo processo “existem”.

4.1.3 “Acontecer”

O verbo “acontecer” apresenta duas possibilidades de análise. Na primeira, ilustrada pelo exemplo 58, caracteriza-se como um processo existencial, porque indica que um participante existe e porque não há referências a que entidade provoca o processo. Além disso, esse participante obrigatório não corresponde ao Sujeito lógico da oração, analisando-o pela metafunção interpessoal, mesmo correspondendo ao Sujeito gramatical e ao Sujeito psicológico.

58	o auge da mielinização	acontece	durante a infância
	Existente	processo existencial	Circunstância

(C#6. O segredo do sucesso, 07/2010)

Não afirmamos que o processo “acontecer” é material porque, se identificássemos “o auge da mielinização” como Ator do processo, teríamos que considerá-lo o termo praticante da ação verbal, que desencadeia a ação verbal, quando na verdade não é, ele é apenas o Meio e, portanto, o Existente.

O mesmo ocorre no exemplo 33, em que o participante “o encontro” é o Existente do processo “aconteceu”. O contexto especifica que o encontro ocorreu entre Che Guevara e Fidel Castro, que são os Atores, mesmo não estando especificados na oração, pois são eles que verdadeiramente praticam a ação de se encontrarem. Por isso, “o encontro” é o Meio, já que apresenta o traço não agentivo.

59	O encontro	aconteceu	no apartamento da cubana Maria Antonia González
	Existente	processo existencial	Circunstância

(H#2. A verdade sobre Che, 01/2009)

Diferentemente disso, temos o exemplo 60, em que há um termo que desencadeia a ação – o Ator, que também corresponde ao sujeito lógico – e outro

termo que se beneficia dessa ação – o Beneficiário. Em virtude da identificação de dois (2) participantes e da correspondência entre o sujeito gramatical e o sujeito lógico, excluimos a possibilidade de o processo ser existencial.

60	Essa incrível coincidência	acontece	para cerca de 10 mil pessoas	a cada ano
	Ator	processo material	Beneficiário	Circunstância

(C#3. Mundo paranormal, 07/2009)

Assim, percebemos que, quando o verbo “acontecer” funciona como processo existencial – no *corpus* – ele segue sempre o mesmo padrão dos demais: Existente, processo e Circunstância; já quando aparece como processo material, ele apresenta sempre dois (2) participantes: o Ator e o Beneficiário. Essa relação pode ser percebida, mais uma vez, no exemplo 61.

61	Isso	aconteceu	com os descendentes de Arariboia
	Ator	processo material	Beneficiário

(H#6. A nova história do Brasil, 06/2010)

O contexto do exemplo estabelece que “Isso” refere-se ao fato de os índios se mudarem para as cidades e adotarem um nome português. Assim, entendemos que “Isso” é o ator do processo, do qual “os descendentes de Arariboia” se beneficiam. Então, além da noção desempenhada pelo verbo, já que apresenta dois (2) participantes, o processo é considerado material, não existencial.

4.1.4 “Morrer”

O verbo “morrer” é um exemplo de processo existencial que encontramos apenas em Pagano, Figueredo e Ferregueti (2011). Mesmo sendo um caso fronteiro com os processos materiais e, portanto, de difícil identificação, decidimos

categorizá-lo como existencial, em razão das justificativas aqui apresentadas para a análise de outros verbos. Argumentamos que o participante envolvido no processo de “morrer” não é o Agente de sua própria morte (caso diverso constitui o processo “suicidar-se”, que não está em análise neste trabalho). “Morrer” é algo que acontece com o participante e que não é promovido por sua própria vontade; é algo provocado por uma Causa, nem sempre determinada. Diante disso, concluímos que o participante nunca é o Sujeito lógico da oração, mesmo que seja o Sujeito gramatical e/ou o Sujeito psicológico. Assim, aparentemente, existe outra entidade que faz com que o participante deixe de existir, a qual desempenharia o papel do Sujeito lógico. Para ilustrar tais afirmações, apresentamos os exemplos 62 e 63.

62	Chico	morreu	em 2002
	Existente	processo existencial	Circunstância

(H#5. Uma investigação: Chico Xavier, 04/2010)

No exemplo 62, “Chico” é o Existente, porque corresponde ao participante que deixa de existir a partir do processo “morreu”, ainda acrescida de uma Circunstância temporal. Assim, entendemos que não há a possibilidade de esse processo ser material, pois “Chico” não pode ser o Ator do processo. Afinal, o Ator sempre apresenta agentividade. Tal interpretação não pode acontecer nesse exemplo, já que não é o próprio Chico quem promove a sua morte.

A mesma relação foi observada em outros exemplos e pode ser visualizada também no exemplo 63.

63	14 mil judeus	morreram
	Existente	processo existencial

(H#5. Uma investigação: Chico Xavier, 04/2010)

Em (63), o participante que corresponde ao Meio (e não ao Agente) do processo “morreram” é “14 mil judeus”. Por isso, entendemos “14 mil judeus” como o Existente do processo.

Alguns casos fronteiros de processos existenciais com processos comportamentais apresentaram-se em algumas orações com o verbo “morrer”. A título de exemplo, apresentamos o exemplo 64. Embora nosso interesse se volte, nesta dissertação, para a diferença entre os processos existenciais e os processos materiais e relacionais, julgamos conveniente fazer algumas considerações.

64	Os porcos	não	morrem	de gripe
	Comportante	polaridade negativa	processo comportamental	Circunstância

(C#4. Donos do mundo, 08/2009)

Nesse exemplo, identificamos “Os porcos” como Comportante por admitir que, nesse contexto específico, não existe uma ideia de “deixar de existir” que esteja sendo atribuída a este participante, mas sim uma ideia de capacidade. A partir do exemplo, entende-se que “Os porcos” não possuem a capacidade de morrer de gripe. Destacamos ainda que o tempo verbal parece ser bastante influente para determinar se o verbo “morrer” funciona como processo existencial ou comportamental.

4.1.5 “Nascer”

O verbo “nascer” apresenta uma análise muito próxima do verbo “morrer”. A única particularidade a ser destacada é que, em vez de indicar que um participante “deixa de existir”, o verbo “nascer”, funcionando como processo existencial, indica que um participante “vem a existir”. No restante da análise, a justificativa para entender este verbo como existencial é a mesma que a do verbo “morrer”: o Existente não é o responsável por promover a sua existência, mas sim ela é algo que acontece com ele. Portanto, ele não é o Ator e por isso o entendemos como Existente. Destacamos aqui que o Ator é o participante que desempenha, ao mesmo tempo, os papéis de Sujeito gramatical e de Sujeito lógico (e geralmente de Sujeito

psicológico), o que não ocorre com o Existente. Os exemplos 65 e 66, seguidos de suas análises, confirmam essa justificativa.

65	A história de qualquer país	nasceu	no berço do patriotismo.
	Existente	processo existencial	Circunstância

(H#6. A nova história do Brasil, 06/2010)

Nesse exemplo, temos que “A história de qualquer país” é o Existente porque é trazida à existência a partir do processo “nasceu”. Entendemos que o nascimento é algo que acontece com “a história de qualquer país”, provocada por um causador abstrato que não está descrito na oração. Destacamos também a sinonímia entre esse verbo e o verbo “surgir” que será posteriormente analisado.

66	Jesus	nasceu	em Belém	pouco depois
	Existente	processo existencial	Circunstância	Circunstância

(H#8. Os anos ocultos de Jesus, 06/2011)

Em 66, temos o participante “Jesus” do qual temos afirmações acerca das circunstâncias de lugar (“em Belém”) e tempo (“pouco depois”) em que foi trazido à existência, denotadas pelo processo “nasceu”. Interpretamos, assim, esse exemplo também como uma ocorrência de processo existencial. Mais uma vez, destacamos como é frequente encontrarmos uma ou mais Circunstâncias presentes nos processos existenciais.

À semelhança do verbo “morrer”, nos exemplos em que não consideramos o verbo “nascer” servindo como processo existencial, parece haver uma noção comportamental, mas não aprofundamos esses conceitos. Para ilustrar, apresentamos o exemplo 67, em que o processo “nasce” não é existencial.

67	Cada uma das nossas células	já	nasce	com uma bactéria dentro
	Comportante	Circunstância	processo comportamental	Circunstância

(C#4. Donos do mundo, 08/2009)

4.1.6 “Ter”

O verbo “ter” apresentou três possibilidades de análise nas ocorrências encontradas no *corpus*. A primeira refere-se ao fato de o verbo “ter” servir como processo existencial, por indicar a existência de um participante, o que já foi descrito por outras gramáticas como uma característica do português brasileiro. Os exemplos 68, 69 e 70 mostram essa possibilidade.

68	Tem	muito mais espaço livre	aí dentro
	processo existencial	Existente	Circunstância

(C#1. Memória – Esquecer para lembrar, 04/2009)

Nesse exemplo, percebemos a explicitação da existência do participante “muito mais espaço livre”, em um determinado local “aí dentro”. Assim, excluimos a possibilidade de identificar o processo como relacional pela existência de um único participante: o Existente. Destacamos ainda que, em todas as ocorrências do verbo “ter” como processo existencial, o Existente corresponde ao Meio, não representando o Agente que desencadeia a ação. O Tema, nas orações com “ter” existencial, geralmente é o próprio processo; em alguns casos, porém, é precedido de uma circunstância.

69	Tem	a dieta de Beverly Hills
	processo existencial	Existente

(C#2. Dieta sem segredos, 05/2009)

No exemplo 69, analisamos o processo “tem” indicando a existência de “a dieta de Beverly Hills” sem a especificação de circunstâncias. Percebemos essa como a única diferença do exemplo anterior, pois o Existente, aqui, também se caracteriza como Meio (não agentivo), não sendo caracterizado como Ator de “ter”. Pelo mesmo motivo, este participante não desempenha o papel de Sujeito lógico.

70	não	tinha	um Exército estruturado
	polaridade negativa	processo existencial	Existente

(H#4. A nova 2ª Guerra Mundial, 09/2009)

Nesse exemplo, percebemos o processo “tinha” denotando a não existência de “um Exército estruturado”, em função do elemento de polaridade negativa. No restante, temos a mesma análise: o Existente é Meio, que não apresenta o traço agentivo. Ele é trazido à existência por um agente causador que não se encontra especificado na oração e é de difícil identificação.

Em algumas passagens, o processo existencial com verbo “ter” não constitui o Tema textual da oração, o qual é ocupado por circunstâncias (exemplo 71).

71	no meio do caminho	tinha	uma pedra.
	Circunstância	processo existencial	Existente

(H#4. A nova 2ª Guerra Mundial, 09/2009)

O verbo “ter” foi o que mais teve ocorrências descartadas em nossa análise (182), por não constituírem processos existenciais. Isso se deve ao fato de que esse verbo pertence prototipicamente à classe dos relacionais ou também exerce o papel de auxiliar em tempos compostos no português.

Quando relacional, “ter” indica uma relação de posse entre dois (2) participantes. Os exemplos 72 e 73 ilustram ocorrências do processo “ter” relacional.

72	a sua memória	tem	uma capacidade incrível
	Portador	processo relacional	Atributo

(C#1. Memória – Esquecer para lembrar, 04/2009)

Em 72, temos o verbo “ter” atuando como processo relacional entre o participante “a sua memória”, o Portador, e “uma capacidade incrível”, o Atributo. Percebemos claramente a relação de posse entre os dois participantes, em que “a sua memória” é o Possuidor e “uma capacidade incrível” é a Coisa Possuída.

73	Asherah	tem	o mesmo destino trágico.
	Identificado	processo relacional	Identificador

(H#8. Os anos ocultos de Jesus, 06/2011)

Nesse exemplo, o verbo “ter” é o processo relacional que associa o Identificador “o mesmo destino trágico” ao Identificado “Asherah”. Percebemos, nos dois exemplos mostrados e nos demais exemplos analisados no *corpus*, que a relação de posse está sempre explícita pelo processo e que, além disso, a ocorrência de dois participantes nos impossibilita analisá-lo como processo existencial.

Também foi frequente o emprego do verbo “ter” como verbo auxiliar de outros processos do sistema de transitividade. Agora, ocorre com o verbo “ter”, principalmente na forma verbal “tinha”. Como nos demonstra o exemplo 74, o participante “Essa história” tem a sua existência indicada pelo verbo “começado”, não pelo seu auxiliar “tinha”.

74	Essa história	tinha começado	em 1991.
	Existente	processo existencial	Circunstância

(C#1. Memória – Esquecer para lembrar, 04/2009)

4.1.7 “Aparecer”

O verbo “aparecer” apresenta uma análise bastante próxima. Em todos os exemplos encontrados no *corpus*, ele apresenta apenas um (1) participante. A partir disso, surgiu a dificuldade em identificarmos esse processo como existencial, com um Existente, ou material intransitivo, com um Ator. Para isso, utilizamos o conceito de agentividade. Consideramos “aparecer” um processo existencial quando seu único participante, o Existente, não é o Ator da oração, como ilustra o exemplo 75.

75	A vocação de Mozart	não	apareceu	do nada.
	Existente	polaridade negativa	processo existencial	Circunstância

(C#6. O segredo do sucesso, 07/2010)

Nesse exemplo, percebemos que o participante “A vocação de Mozart” apresenta o traço não agentivo, não pode ser considerado o Ator, justamente por não ser o termo que desencadeia a aparição, ou, no caso, em função do termo que designa a polaridade negativa, a não aparição. Podemos entender que existe um termo não especificado na oração que promove o aparecimento da vocação de Mozart. Com essa noção posta, identificamos o participante como Existente do processo existencial, e não como o Ator do processo material.

76	em intervalos mais longos	aparecem	algumas realmente violentas
	Circunstância	processo existencial	Existente

(H#6. A nova história do Brasil, 06/2010)

No exemplo 76, é necessário que tenhamos o contexto: “algumas” se refere a tipos de gripes que são mais violentas. Diante disso, interpretamos que “algumas realmente violentas” é um participante trazido à existência pelo processo existencial “aparecem”.

Por outro lado, consideramos processos materiais os verbos das orações em que o Agente é o quem desencadeia o processo. Nesse caso, o participante obrigatório desempenha os papéis de Sujeito gramatical, Sujeito psicológico e Sujeito lógico. Este último, principalmente, faz com que não o identifiquemos como o Existente de um processo existencial. Percebemos essa noção no exemplo 77.

77	O médium	também	aparecia	sob os olhos do país
	Ator	Circunstância	processo material	Circunstância

(H#5. Uma investigação: Chico Xavier, 04/2010)

Neste exemplo, percebemos a diferença de sentido para o participante “O médium” em relação ao processo “aparecia” se comparado aos exemplos anteriores. Aqui, não há um Existente, porque “O médium” não é trazido à existência pelo processo, mas sim há um Ator, que desempenha o papel de “aparecer” perante os olhos do país. Por isso, e pelo fato de “O médium” ser o Ator de “aparecia”, o Agente que faz o processo acontecer, classificamos o processo como material, não como existencial. A mesma relação é percebida no exemplo 78.

78	Jesus	apareceria	para os apóstolos
	Ator	processo material	Cliente

(H#8. Os anos ocultos de Jesus, 06/2011)

Mais uma vez, entendemos que o participante “Jesus” não tem a sua existência identificada pelo processo “apareceria” – logo, não é o Existente –, mas sim que ele desempenha o papel de “aparecer”, praticando diretamente essa ação. Assim, concluímos que, para ser identificado como processo existencial, o verbo “aparecer” precisa denotar a noção de que um participante vem à existência, o que não ocorre com os dois últimos exemplos mostrados.

4.1.8 “Surgir”

O verbo “surgir” apresentou uma das análises mais próximas na diferença entre as ocorrências como processo existencial e processo material. Afinal, em todas as ocorrências, ele apresenta apenas um (1) participante, o que não permite que afirmemos que ele seja um processo material transitivo – com dois (2) participantes. Assim, concluímos que, no *corpus*, sempre que o verbo “surgir” ocorre como processo material, esse processo é intransitivo – com apenas um (1) participante. É essa conclusão que aproxima as ocorrências desse verbo como processo material das ocorrências como processo existencial, o qual também apresenta apenas um (1) participante. Além disso, destacamos que a noção de Sujeito lógico também foi essencial para a identificação do processo “surgir” como existencial ou não.

Destacamos que, à exceção do verbo “haver”, a principal característica do processo existencial é possuir um Existente que funciona sempre como Meio, às vezes como Tema, mas nunca como Ator da oração. A diferença reside justamente no último caso: quando o verbo “surgir” assume a condição de processo material, o Ator desempenha também o papel de Agente. Podemos visualizar o verbo “surgir” servindo como processo existencial nos exemplos 79 e 80.

79	A verdadeira polêmica	surgiria	no outro filão do médium
	Existente	processo existencial	Circunstância

(H#5. Uma investigação: Chico Xavier, 04/2010)

No exemplo 79, temos “A verdadeira polêmica” como participante que é trazido à existência pelo processo “surgiria”. Percebemos que o Existente corresponde ao Meio, ao Tema, mas não corresponde ao Ator da oração, pois entendemos Ator como o termo que promove, que desencadeia o processo. Assim, nesse exemplo, não é “A verdadeira polêmica” que promove o seu próprio surgimento, mas sim algum termo que não se faz presente na oração. Por esse motivo, identificamos o processo “surgiria” como existencial, e não como material intransitivo.

80	Em pouco tempo	surgem	micro-organismos mutantes.
	Circunstância	processo existencial	Existente

(C#4. Donos do mundo, 08/2009)

Nesse exemplo, temos situação semelhante à do exemplo anterior: os “micro-organismos mutantes” não são responsáveis diretos pelo seu próprio surgimento, não desencadeiam esse processo. Sendo assim, identificamos esse participante (o Existente) como Meio do processo, mas não como Ator. Destacamos ainda que, nesse caso, diferentemente do exemplo anterior, ele também não é Tema do processo. Além disso, o verbo “surgir”, quando identificado como processo existencial, denota o aparecimento de uma entidade, isto é, o fato de que ela não existia sob determinada circunstância e, após o processo, passa a existir.

Em três exemplos, tivemos a ocorrência do processo “surgir” como material intransitivo. Analisamos essa possibilidade pelo fato de que, nos exemplos, o processo aparece identificando um participante que corresponde, ao mesmo tempo, ao Ator, ponto de partida da mensagem e ao Agente da oração. Com isso, principalmente pelo fato apresentar o traço agentivo, consideramo-lo o Ator de um processo material (o qual é intransitivo) como ilustra o exemplo 81.

81	Os espíritos	surgiam	por detrás do pano.
	Ator	processo material	Circunstância

(H#5. Uma investigação: Chico Xavier, 04/2010)

Nesse exemplo, o participante “Os espíritos” não pode ser identificado como “Existente” do processo justamente porque não é trazido à existência pelo processo. Pressupõe-se que “Os espíritos” já tinham uma existência pré-determinada, e eles apenas “surgiam” em um determinado local “por detrás do pano”, em um determinado momento (não especificado). Assim, entendemos “Os espíritos” como um Ator que corresponde não só ao Tema, mas também ao Agente, por ser responsável direto em desencadear o seu próprio surgimento.

Além disso, destacamos que não há como afirmar o conceito de que “quando o participante não for Tema, ele é sempre Existente”, pois a organização das mensagens é muito diversificada, mas é possível afirmar que, no corpus, nas ocorrências do verbo “surgir” como processo material, ele é o Tema e nunca, o Rema.

4.1.9 “Vir”

O verbo “vir” apresenta duas possibilidades de análise: como processo existencial ou como processo material transformativo. Percebemos que, nesse caso, a distinção se dá principalmente pela carga semântica do verbo, além da associação com a agentividade como já foi feito com os demais processos. Assim, quando o verbo “vir” serve como processo existencial, existe uma proximidade de sentido com

o verbo “surgir”, no sentido de “vir à existência”; quando serve como processo material-transformativo, o processo é intransitivo e existe uma ideia de deslocamento espaço-temporal. Vejamos, primeiramente, os exemplos 82 e 83, que mostram o verbo “vir” funcionando como processo existencial.

82	O sarampo	veio	da criação de bois
	Existente	processo existencial	Circunstância

(C#4. Donos do mundo, 08/2009)

Nesse exemplo, temos o participante “O sarampo” identificado como Existente do processo “veio”. Ele corresponde ao Meio e ao Tema da oração, porém não ao Agente, do qual não temos informação precisa. Como “criação” é uma nominalização de um processo, julgamos o Ator de difícil identificação.

83	Em 1940,	vieram	vitórias sobre Dinamarca, Noruega, Holanda, Bélgica, Luxemburgo e França.
	Circunstância	processo existencial	Existente

(H#4. A nova 2ª Guerra Mundial, 09/2009)

No exemplo 83, notamos que o Existente está posposto ao processo e, por isso, além de não corresponder Ator, não corresponde ao participante causador do processo. Destacamos ainda que não há a noção de que o participante “vitórias sobre Dinamarca, Noruega, Holanda, Bélgica, Luxemburgo e França” se deslocou em um espaço ou tempo, mas sim que ele foi trazido à existência pelo processo.

Por fim, como exemplos do verbo “vir” funcionando como processo material, apresentamos o exemplo 84. Ao contrário do que ocorre com esse verbo servindo como processo existencial, nesse caso, há sempre o sentido de deslocamento explícito.

84	a revelação divina	só	veio	até nós	por meio de mãos humanas
	Meta	Circunstância	processo material	Circunstância	Ator

(H#1. Quem escreveu a Bíblia?, 12/2008)

Nesse exemplo, temos o participante “a revelação divina” funcionando como Meta do processo “veio”, e “mãos humanas” como Ator. Percebemos que são as mãos humanas que carregam a agentividade responsável pelo processo. Assim, não identificamos o processo como existencial por, entre outros motivos, ele possuir o traço agentivo, o que não ocorre geralmente com os processos existenciais.

4.1.10 “Começar”

O verbo “começar” apresentou três diferentes ocorrências ao longo do *corpus*: como processo existencial, como processo material, como componente de locução verbal. Primeiramente, apresentamos dois exemplos do verbo “começar” funcionando como processo existencial, em orações nas quais um participante – o Existente – vem à existência a partir do “anúncio de uma revolução”. Destacamos, mais uma vez, que esse participante desempenha, nos exemplos como processo existencial do *corpus*, sempre o papel de Sujeito gramatical, às vezes o papel de Sujeito psicológico e nunca o papel de Sujeito lógico.

85	Os anos 2000	começaram	com o anúncio de uma revolução.
	Existente	processo existencial	Circunstância

(C#8. A genética fracassou?, 09/2010)

No exemplo 85, percebemos que o processo “começar” denota o início da existência do participante “Os anos 2000”, não sendo este, então, o Ator do processo, mas sim o Existente. O termo funciona como Meio, mas não como agente do processo.

86	em setembro de 1942	começou	a evacuação para o campo de extermínio de Treblinka
	Circunstância	processo existencial	Existente

(H#4. A nova 2ª Guerra Mundial, 09/2009)

No exemplo 86, “a evacuação para o campo de extermínio de Treblinka” é o participante trazido à existência – o Existente – e podemos identificar que este não apresenta o traço agentivo, pois não desempenha diretamente a ação de começar. Interpretamos que as pessoas que evacuaram para o campo de extermínio de Treblinka é que seriam o verdadeiro Ator da oração (e, portanto, termo carregado de agentividade), o qual está implícito no contexto. Por isso, não podemos identificar esse participante como Ator de um processo material.

Destacamos ainda que, nesse exemplo, o Existente também não corresponde ao Tema da oração, já que está posposto ao processo “começou”. Com isso, podemos fazer uma observação pertinente: em vários exemplos de verbos funcionando como processos existenciais percebemos a possibilidade de o Existente não ser o Tema da oração. Assim, observamos que o fato de o Meio estar posposto ao verbo contribui, de certa forma, para a identificação deste como Existente de um processo existencial, e não Ator de um processo material.

Quanto às ocorrências do verbo “começar” funcionando como processo material, ele sempre apresenta dois (2) participantes: o Ator, que pratica a ação de “começar”, e a Meta, que é iniciada pelo processo material-criativo. O exemplo 87 ilustra uma dessas ocorrências.

87	O governo americano	começou	um programa ultrassecreto.
	Ator	processo material	Meta

(C#3.Mundo paranormal, 07/2009)

Nesse exemplo, “O governo americano” é o Ator, Tema e Agente do processo material-criativo. É Ator, porque promove o início do participante “um programa ultrassecreto”. É Tema, porque é o ponto de partida da mensagem e é Agente porque é o responsável pela iniciação do programa. A Meta, por sua vez, aproxima-se muito do que seria identificado como Existente, já que “um programa ultrassecreto” é o termo que é trazido à existência pelo processo “começou”, só que desta vez pelo Agente “O governo americano”.

88	Os cientistas	começaram	uma nova área de estudos.
	Ator	processo material	Meta

(C#8. A genética fracassou?, 09/2010)

Em 88, temos “Os cientistas” como Ator, que desempenha os papéis de Agente e Tema do processo material “começaram”, ao promover a Meta “uma nova área de estudos”. O exemplo é muito similar ao que ocorre no exemplo 86 e, com isso, percebemos um padrão que nos permite afirmar que, em todos os casos nos quais o verbo “começar” funciona como processo material, a Meta aproxima-se muito do conceito de Existente para o verbo “começar”, funcionando como processo existencial.

Por último, temos a possibilidade de o verbo “começar” aparecer como componente de locução verbal, da mesma maneira que destacamos nas ocorrências do verbo “acabar”. Porém, destacamos aqui que a imensa maioria das ocorrências do processo “começar” corresponde a este caso, como ilustra o exemplo 89.

89	A imagem de Che	começava a ficar	maior
	Portador	processo relacional	Atributo

(H#2. A verdade sobre Che, 01/2009)

Logo, da mesma forma que ocorre com o verbo “aparecer”, o verbo “começar” denota a noção de início de uma existência quando funciona como processo existencial.

4.1.11 “Acabar”

O verbo “acabar” pode ser identificado como processo existencial em exemplos que denotam algo que deixa de existir em um determinado momento, como percebemos nos exemplos 90 e 91.

90	A parceria	acabou	nos anos 60
	Existente	processo existencial	Circunstância

(H#5. Uma investigação: Chico Xavier, 04/2010)

91	[A história de Jesus]	Não	acaba	Aí
	Existente	polaridade negativa	processo existencial	Circunstância

(H#8. Os anos ocultos de Jesus, 06/2011)

Consideramos a análise dos participantes “A parceria” e “A história de Jesus” como Existentes por serem participantes que deixaram de existir (exemplo 90) e não deixaram de existir (exemplo 91). Sugerimos que ambos não podem ser considerados Atores de processos materiais-criativos por não serem esses os termos que desencadeiam o processo de “acabar”. Afinal, consistem no Meio e, por isso, não possuem agentividade. Além disso, são participantes que não desempenham o papel de Sujeito lógico das orações em que figuram. Assim, interpretamos que, se “A parceria acabou”, é porque algo desencadeou esse processo de deixar de existir, e o Agente seria, portanto um termo que não aparece na oração, ou seja, um Sujeito lógico que não figura na oração.. A mesma interpretação poderia ser feita no exemplo 91, já que, se “A história de Jesus não acaba”, é porque algo não permite que isso ocorra.

Comparando esses exemplos com ocorrências em que o verbo “acabar” funciona como processo material-criativo e como processo relacional, percebemos que não houve dificuldades na análise, pois, quando o verbo “acabar” serve como um desses processos ele sempre apresenta dois (2) participantes, como demonstram os exemplos 92 e 93.

92	A nova historiografia	pode acabar	com isso
	Ator	processo material	Meta

(H#6. A nova história do Brasil, 06/2010)

93	A molécula de água absorvida pelas células	acaba	danificada.
	Portador	processo relacional	Atributo

(C#5. Você pode ser imortal, 02/2010)

Ainda, destacamos que o número considerável de ocorrências do verbo “acabar” como outros processos se deve também ao fato de ele poder figurar em locuções verbais, como ocorre no exemplo 94. Essas locuções verbais, por sua vez, compõem diferentes processos, os quais não foram levados em consideração na análise do verbo “acabar”.

94	Os EUA	acabam de aprovar	um tratamento à base de campos magnéticos
	Ator	processo material	Meta

(C#1. Memória – Esquecer para lembrar, 04/2009)

Assim, concluímos que, para diferenciar as ocorrências do verbo “acabar” como processo existencial das ocorrências como processo material e relacional, é necessário perceber, primeiramente, o sentido de “deixar de existir”. O processo denota que o seu participante obrigatório (o Existente) tem o fim de sua existência determinado. Além disso, é necessário identificar o número de participantes. Para diferenciar este verbo funcionando como processo material ou relacional, identificamos os participantes Ator e Meta, para os materiais, ou Portador e Atributo, para os relacionais.

4.1.12 “Continuar”

O verbo “continuar” apresentou quatro tipos de ocorrências no *corpus*. Primeiramente, destacamos exemplos de ocorrências desse verbo funcionando como processo existencial, em exemplos nos quais o processo representa a figura de continuar existindo, e o participante obrigatório é o Sujeito lógico da oração.

95	A imagem dele [Che Guevara]	continua	em todo lugar
	Existente	processo existencial	Circunstância

(H#2. A verdade sobre Che, 01/2009)

No exemplo 95, destacamos que o contexto refere-se à imagem de Che Guevara, que permanece até hoje em vários lugares pelo mundo: camisetas, tatuagens, revistas, entre outros. Assim, consideramos o participante “A imagem dele” como Existente pelo fato de o processo “continuar” significar que essa imagem continua existindo até hoje. A relação é muito próxima à dos processos relacionais circunstanciais, porém consideramos que o processo “continuar” não estabelece apenas uma relação entre “A imagem dele” e “em todo lugar”, mas sim confirma a permanência da existência dessa imagem em todo lugar. No exemplo 96, essa relação fica ainda mais clara.

96	O trabalho de Chico	continua	hoje	nas mãos de outros médiuns.
	Existente	processo existencial	Circunst.	Circunstância

(H#5. Uma investigação: Chico Xavier, 04/2010)

“O trabalho de Chico” é o participante que permanece existindo graças a outros médiuns. Portanto, podemos atribuir a possibilidade de esse trabalho continuar existindo às mãos dos outros médiuns. Portanto, faríamos a seguinte relação: “O trabalho de Chico” é o Existente, que desempenha o papel de Meio na oração; “nas mãos de outros médiuns” é uma Circunstância de localização espacial. Por extensão, podemos afirmar que os agentes que mantêm vivo o trabalho de Chico Xavier são os médiuns que seguem a doutrina pregada por ele. Assim, do mesmo modo com que foram feitas as demais análises, excluimos a possibilidade de o processo “continuar”, nessa oração, ser material pelo fato de não haver correspondência entre o Meio e o Ator. Afinal, o Ator de processos materiais é sempre o Meio da oração em que aparecem. Além disso, não consideramos o processo como relacional pela carga semântica do verbo, que não apenas relaciona dois participantes, mas sim indica a permanência de um deles sob determinadas circunstâncias.

O segundo tipo de ocorrência encontrado no *corpus* foi a do verbo “continuar” funcionando como processo material transitivo. Essa relação foi identificada sempre que encontramos dois (2) participantes: o Ator e a Meta, excluindo a possibilidade de processo existencial.

97	Vieira	continuou	seus estudos	no exterior
	Ator	processo material	Meta	Circunstância

(H#5. Uma investigação: Chico Xavier, 04/2010)

Em 97, Vieira é o Ator do processo e, por isso, corresponde ao Ator e ao Tema da oração, enquanto “seus estudos” é a Meta a qual tem a sua continuidade garantida pelo Ator. Destacamos mais uma vez a proximidade entre a Meta e o Existente, já que, nos exemplos encontrados com o processo “continuar”, podemos sempre perceber uma ideia de “continuar existindo” em ambos. Reiteramos, mais uma vez, que a diferença entre ambos se define pelo número de participantes envolvendo o processo e nos papéis a eles atribuídos. Assim, o processo material transitivo tem, no mínimo, dois (2) participantes – o Ator, que é o agente causador do processo, e a Meta, que é atingida pelo processo. Já o processo existencial apresenta apenas um (1) participante, o Existente, que tem a sua existência destacada, mas não é o Agente da oração.

Para exemplificar novamente essa relação observada, apresentamos o exemplo 98.

98	a máfia	continuava	sua distribuição local.
	Ator	processo material	Meta

(H#3. Máfia, 02/2009)

Nesse exemplo, temos dois (2) participantes: o Ator e a Meta, que tem sua existência mantida pelo Ator, o qual, por sua vez, desempenha os papéis de Sujeito gramatical, Sujeito lógico e Sujeito psicológico da oração. Assim, determinamos o processo como material, não como existencial.

A terceira possibilidade de ocorrência para o processo “continuar” foi a de processo relacional, com Portador e Atributo como participantes obrigatórios, como mostra o exemplo 99.

99	Futuro e passado	continuum	inacessíveis
	Portador	processo relacional	Atributo

(C#3. Mundo Paranormal, 07/2009)

Nesse caso, os participantes “Futuro e passado” e “inacessíveis” estão sendo relacionados numa condição de, respectivamente, Portador e Atributo, pelo processo “continuum”. Excluímos a possibilidade de processo existencial pelo conteúdo semântico do verbo, que não denota a existência de uma entidade. Destacamos, por isso, que a diferença entre os processos existenciais e relacionais é muito mais semântica do que estrutural (como é, em partes, estrutural a diferença entre os processos existenciais e os processos materiais, nos exemplos encontrados no *corpus*). Assim, nas orações analisadas, para diferenciar processos existenciais e relacionais, bastou considerar a carga semântica do verbo como afirmando a existência de uma entidade (processo existencial) ou não (processo relacional).

A última possibilidade foi a de o verbo “continuar” compor locuções verbais que correspondem a diferentes processos.

100	boa parte das pessoas	continua vendo	exemplos do sobrenatural	em coisas do dia-a-dia.
	Experenciador	processo mental	Fenômeno	Circunstância

(C#3. Mundo Paranormal, 07/2009)

No exemplo 100, o verbo “continua” é auxiliar do processo “ver”, que é identificado como processo mental realizado pelo Experenciador “boa parte das pessoas” e tem como Fenômeno “exemplos do sobrenatural”. Destacamos, ainda, que o número de ocorrências do processo “continuar” em locuções verbais é significativamente menor que o número de ocorrências dos verbos “acabar” e “começar” nessas mesmas condições.

4.1.13 “Ocorrer”

O verbo “ocorrer”, à semelhança do verbo “existir”, foi destacado como processo existencial em todas as suas ocorrências. Duas diferenças importantes entre ambos foram observadas. Primeiramente, a frequência das ocorrências no *corpus* foi significativa: enquanto o verbo “existir” apareceu 53 vezes, o verbo “ocorrer” foi encontrado apenas 5 vezes. Em segundo lugar, a posição atemática de “existir” foi uma constante, pois tem o Existente predominantemente no Rema da oração, e o verbo “ocorrer” tem o Existente predominantemente correspondente ao Tema. Assim, apresentamos os exemplos 101 e 102 para ilustrar nossas análises.

101	A conquista soviética da capital nazista do Reich	só	ocorreu	em 1945
	Existente	Circunstância	processo existencial	Circunstância
	Tema	Rema		

(H#4. A nova 2ª Guerra Mundial, 09/2009)

102	Existia	uma causa genética para o sucesso ou o talento de alguém
	processo existencial	Existente
	Tema	Rema

(C#6. O segredo do sucesso, 07/2010)

Em 101, o participante “A conquista soviética da capital nazista do Reich” tem a sua existência indicada pelo processo “ocorreu”. Acrescentamos que, assim como já foi destacado na análise do verbo “existir”, esse participante não é o Agente da oração, já que não promove a ocorrência, mas é o Meio e o Tema. Assim, não consideramos a possibilidade de analisar esse participante como o Ator de um processo material, mas sim como Existente de um processo existencial. Já em 102, o processo “existir” é o Tema, enquanto “uma causa genética para o sucesso ou o talento de alguém” é o Meio e o Rema. Percebemos, assim, que o fato de consistir no Tema ou no Rema de uma oração não influencia, nesses exemplos, para a identificação do participante obrigatório no processo – o Existente.

103	A primeira tentativa	ocorreu	por volta de 142
	Existente	processo existencial	Circunstância

(H#1. Quem escreveu a Bíblia, 12/2008)

Aqui, temos o verbo “ocorrer” servindo como processo existencial por destacar a existência do participante “A primeira tentativa” próximo ao ano 142. Diante disso, destacamos que não houve passagens do verbo “ocorrer”, apesar de termos encontrados diferentes ocorrências para o verbo “acontecer”, seu sinônimo. Acreditamos que isso se deve, também, ao pouco número de ocorrências para esse verbo.

4.1.14 “Permanecer”

O verbo “permanecer” tem apenas uma (1) ocorrência como processo existencial no *corpus*. Por isso, não nos foi permitido fazer generalizações acerca de sua análise como processo existencial. Essa única ocorrência está apresentada no exemplo 104.

104	Ela [a atração por idiomas diferentes]	permanece	em lares bilíngues
	Existente	processo existencial	Circunstância

(C#7. Nasce sabendo, 08/2010)

No contexto, “Ela” refere-se à “atração por idiomas diferentes”. Assim, temos que esse participante tem a continuidade de sua existência destacada mediante à Circunstância de lugar “em lares bilíngues”. Entendemos que o sentido da oração aponta para o objetivo de mostrar ao leitor a continuidade dessa existência. Por isso, teríamos o verbo “permanece” servindo como processo existencial. Existiria uma proximidade muito grande com os processos relacionais, na qual poderíamos ter a relação “Portador, processo e Atributo”, mas preferimos a opção pelo processo

existencial em função da carga semântica do verbo, na qual está claramente presente a intenção de destacar a continuidade da existência da “atração por idiomas diferentes”.

Assim, consideramos o processo “permanecer” como relacional em casos como o do exemplo 105.

105	(O príncipe Fruko)	permaneceu	atento à política do outro lado do Atlântico
	Portador	processo relacional	Atributo

(H#6. A nova história do Brasil, 06/2010)

Aqui, temos claramente a noção de processo relacional por dois principais motivos: primeiramente, a existência de dois (2) participantes: Portador e Atributo, o que não acontece nas orações existenciais, segundo Halliday & Matthiessen (2004); em segundo lugar, a noção semântica de relação entre os participantes, e não de existência do príncipe Fruko.

Com isso, destacamos a pouca ocorrência do verbo “permanecer” para que sejam feitas generalizações e a proximidade de sentido com o verbo “continuar”, já que ambos – quando identificados como processos existenciais – destacam uma continuidade ou uma permanência da existência de um participante – o Existente.

4.1.15 “Terminar”

O verbo “terminar” apresenta uma única ocorrência funcionando como processo existencial, na qual o participante obrigatório não apresenta noção de agentividade, sendo destacado como o Meio. Além disso, à semelhança de outras análises, também não desempenha o papel de Sujeito lógico da oração.

106	em 1965,	a principal insurreição	já	havia terminado
	Circunstância	Existente	Circunstância	processo existencial

(H#2. A verdade sobre Che, 01/2009)

No exemplo, temos que “a principal insurreição” é um participante identificado como Existente do processo “havia terminado” por, mesmo correspondendo ao Meio do processo, não corresponder ao Agente da oração. Assim, o processo “havia terminado” destaca um participante que deixa de existir sem que promova o seu próprio término. Por isso, não consideramos a possibilidade de “a principal insurreição” ser o Ator desse processo material intransitivo. Se comparamos essa ocorrência com outras do verbo “terminar” funcionando como processo material, percebemos claramente que os participantes são outros. No exemplo 107, em que “terminar” é processo material, observamos que existem dois (2) participantes: o Ator, que desencadeia o processo, e a Meta, que é atingida pelo processo.

107	aos 12 anos,	(Mozart)	terminou	sua primeira ópera.
	Circunstância	Ator	processo material	Meta

(C#6. O segredo do sucesso, 07/2010)

Nesse exemplo, recuperamos, pelo contexto o Ator “Mozart” que, além de ser Agente do processo, é o responsável por promover o término do participante “sua primeira ópera”, a Meta. Percebemos, à semelhança do que ocorreu com outros verbos, a proximidade de sentido entre a Meta de processos materiais criativos e o Existente de processos existenciais. Assim, ambos são diferenciados pelo número de participantes no processo e pela impossibilidade de a Meta funcionar como Meio da oração, enquanto o Existente apresenta essa possibilidade.

108	um	terminava de escrever	as frases	no papel
	Ator	processo material	Meta	Circunstância

(H#5. Uma investigação: Chico Xavier, 04/2010)

Em 108, observamos que o verbo “terminar” participa de uma locução verbal, a qual corresponde a outro processo. Assim, apenas utilizamos o exemplo para demonstrar tal possibilidade.

4.2 Participante do processo existencial

Sobre o Existente, único participante que integra o processo existencial, analisamos todas as ocorrências de processos existenciais no *corpus*, com a finalidade de categorizar este participante. Foram dois tipos de análises realizadas: a primeira buscando identificar os participantes como conscientes ou não conscientes, a segunda para destacar a posição desses participantes.

4.2.1 Existentes conscientes e não conscientes

Dividimos, com base em Martin, Matthiessen & Painter (2010), duas categorias: conscientes e não conscientes. Na primeira, encontram-se pessoas e animais dotados de consciência (vírus e bactérias, por exemplo, não integram essa categoria), na segunda, animais não dotados de consciência, estão objetos, entidades, ações, doenças, fatos históricos, entre outros. Os resultados são apresentados no Quadro 10.

Destacamos, a partir do quadro, que a maioria dos participantes foram categorizados como não conscientes tanto nas reportagens científicas quanto nas históricas, sendo que a diferenciação é ainda maior naquelas. Ainda, citamos algumas particularidades a respeito das ocorrências do Existente em alguns processos.

Com o processo “aparecer”, o Existente foi sempre não consciente (como mostra o exemplo 109), assim como em outros processos, porém em todas as ocorrências em que há um participante consciente para o processo “aparecer”, este participante é o Ator, e o processo é material (como mostra o exemplo 110).

109	Na evolução da Bíblia,	foram aparecendo	vários trechos machistas
	Circunstância	processo existencial	Existente não consciente

(H#1. Quem escreveu a Bíblia?, 12/2008)

	REPORTAGENS CIENTÍFICAS		REPORTAGENS HISTÓRICAS	
	CONSCIENTES	NÃO CONSCIENTES	CONSCIENTES	NÃO CONSCIENTES
ACABAR	0	1	0	6
ACONTECER	0	29	0	16
APARECER	0	18	0	6
COMEÇAR	0	5	0	7
CONTINUAR	0	3	0	2
EXISTIR	3	38	0	12
HAYER	0	49	6	16
MORRER	7	1	26	0
NASCER	10	0	20	4
OCORRER	0	1	0	4
PERMANECER	0	1	0	0
SURGIR	0	13	3	8
TER	3	15	1	6
TERMINAR	0	0	0	1
VIR	1	11	2	1
TOTAL	24	185	58	89

Quadro 10. O Existente nas reportagens científicas e nas reportagens históricas do *corpus*.

110	os soldados Ryans	apareceram	nas praias da Normandia
	Ator consciente	processo material	Circunstância

(H#6. A nova 2ª Guerra Mundial, 09/2009)

Os processos “existir” e “haver” apresentaram a maioria de Existentes não conscientes, como mostram os exemplos 111 e 112, respectivamente.

111	Na uva,	a substância	existe	em concentrações muito baixas
	Circunstância	Existente não consciente	processo existencial	Circunstância

(C#5. Você pode ser imortal, 02/2010)

112	há	uma complexidade biológica
	processo existencial	Existente não consciente

(C#8. A genética fracassou?, 09/2010)

Entretanto, as ocorrências de Existentes conscientes no *corpus* apareceram em reportagens com temáticas diferentes: os três (3) participantes conscientes do processo “existir” estão em reportagens científicas, como ilustra o exemplo 113, e os seis (6) participantes conscientes do processo “haver” estão em reportagens históricas, como ilustra o exemplo 114.

113	Devem existir	uns 6 bilhões de pessoas	com o mesmo problema.
	processo existencial	Existente consciente	Circunstância

(C#1. Memória – Esquecer para lembrar, 04/2009)

114	havia	agricultores, carpinteiros, músicos...
	processo existencial	Existente consciente

(H#6. A nova história do Brasil. 06/2010)

Quanto aos processos “morrer” e “nascer”, foram os únicos processos que apresentaram a maioria de participantes conscientes, como ilustram os exemplos 115 e 116.

115	ninguém mais	morra	de velho.
	Existente consciente	processo existencial	Circunstância

(C#5. Você pode ser imortal, 02/2010)

116	ovelhas	nascem	com olhos abaixo da boca
	Existente consciente	processo existencial	Circunstância

(H#3. Máfia, 02/2009)

O único participante não consciente do processo “morrer” está em uma reportagem científica, no exemplo 117; os participantes não conscientes do processo nascer estão em reportagens históricas, o que está ilustrado no exemplo 118.

117	[os vírus]	morriam	junto.
	Existente não consciente	processo existencial	Circunstância

(C#4. Donos do mundo, 08/2009)

118	nasceu	a mitologia israelita	
	processo existencial	Existente não consciente	

(C#7. Nasce sabendo, 08/2010)

Os processos “ter” e “vir” foram os únicos que apresentaram participantes conscientes e não conscientes em ambos os tipos de reportagens separados nesta dissertação. Os exemplos 119 e 120 mostram, respectivamente, exemplos do processo “ter” com participante consciente e não consciente; os exemplos 121 e 122 ilustram, respectivamente, exemplos do processo “vir” com participante consciente e não consciente.

119	uma hora	tinha	tanta gente infectada
	Circunstância	processo existencial	Existente consciente

(C#4. Donos do mundo, 08/2009)

120	não	tem	receita de sucesso
	polaridade negativa	processo existencial	Existente não consciente

(C#2. Dieta sem segredo, 05/2009)

121	o Kaká e o presidente Lula	não	vieram	ao mundo	com um sinal gravado (...)
	Existente consciente	polaridade negativa	processo existencial	Circunstância	Circunstância

(C#6. O segredo do sucesso, 07/2010)

122	Veio	a obsessão [em ocupar Stalingrado]
	processo existencial	Existente não consciente

(H#4. A nova 2ª Guerra Mundial, 09/2009)

Destacamos, portanto, que a noção de o participante de um processo ser dotado ou não de consciência é essencial para a identificação dos processos de acordo com o sistema de transitividade.

4.2.2 Posição do Existente no *corpus*

Quanto à posição do Existente no *corpus*, a análise foi baseada na relação entre Tema e Rema. Destacamos o Quadro 11 e o Quadro 12 que apresentam os

dados obtidos em reportagens científicas e históricas, respectivamente. Na maioria dos exemplos, o Existente estava em posição temática, anteposto ao processo. Ambos os quadros apresentam cada um dos quinze (15) processos analisados em relação com cada uma das dezesseis (16) reportagens, estando, à esquerda, o número de ocorrências de Existentes em posição temática e, à direita, o número de Existentes em posição remática.

	C#1		C#2		C#3		C#4		C#5		C#6		C#7		C#8	
<i>acabar</i>									1	0						
<i>acontecer</i>	7	2	1	0	4	0	6	1	1	1	2	0	1	0	3	0
<i>aparecer</i>	4	0	1	0	1	1	2	2	0	1	2	0			4	0
<i>começar</i>							3	0					1	0	1	0
<i>continuar</i>							1	0			2	0				
<i>existir</i>	3	5			5	8	2	7	1	2	1	3	1	2	1	0
<i>haver</i>	0	5	0	16	0	4	0	3	0	3	0	14			0	4
<i>morrer</i>							2	0	6	0						
<i>nascer</i>	1	0									4	0	5	0		
<i>ocorrer</i>			1	0												
<i>permanecer</i>													1	0		
<i>surgir</i>			1	1			0	7							4	0
<i>ter</i>	0	1	0	4	0	6	0	2	0	1	0	3			0	1
<i>terminar</i>																
<i>vir</i>	1	2					3	0			2	2			2	0
total	16	13	4	21	10	19	19	22	9	7	13	22	9	2	15	5

Quadro 11. Posição do Existente em reportagens científicas.

	H#1		H#2		H#3		H#4		H#5		H#6		H#7		H#8	
<i>acabar</i>	1	0	1	0	1	0							1	1	1	0
<i>acontecer</i>	1	0	4	0	1	0	1	0					5	0	3	0
<i>aparecer</i>	0	1			1	0			3	0					1	0
<i>começar</i>			1	0			1	2					3	0		
<i>continuar</i>			1	0					1	0						
<i>existir</i>	0	2			2	1	0	2	1	0	0	1	1	1	0	1
<i>haver</i>	0	3	0	1	0	3	0	1	0	3	0	7	0	2	0	2
<i>morrer</i>			1	0	4	0	8	0	7	0	2	0	2	1	1	0
<i>nascer</i>	4	0	2	0	2	1	1	0	1	1	1	0	2	1	8	0
<i>ocorrer</i>	1	0					2	0					1	0		
<i>permanecer</i>																
<i>surgir</i>	2	2			1	0	2	0	2	1			1	0		
<i>ter</i>	0	1			0	1	0	1	0	3	0	1				
<i>terminar</i>	1	0														
<i>vir</i>							0	1	0	1					1	0
total	10	9	10	1	12	6	15	7	15	9	3	9	16	6	15	3

Quadro 12. Contagem dos processos presentes no *corpus*.

A maioria dos processos apresentou o Existente em posição temática, o que demonstra que esse participante aparece em posição de destaque nas orações que envolvem processos existenciais. Entendemos, com isso, que a posição temática do Existente permite destacá-lo como participante na oração. Assim, o destaque é dado ao ser que terá a sua existência simplesmente informada, ou então, iniciada, continuada ou finalizada, de acordo com as figuras existenciais. Nos exemplos em que o Tema não corresponde ao Existente, esta posição é ocupada por uma Circunstância ou pelo próprio processo. Destacamos a importância dessas ocorrências pelo fato de que, em alguns exemplos, é essencial não apenas destacar a existência de um participante, mas sim quando ou onde esse participante existe.

Disso, surge o papel essencial das circunstâncias e, por isso, sua ocorrência em posição temática. Na próxima seção, destacamos dados finais relativos ao *corpus* desta pesquisa.

4.3 Dados finais do *corpus*

Halliday e Matthiessen (2004) afirmam que os processos existenciais compreendem apenas 3 ou 4% dos processos são existenciais. A contagem de todos os processos presentes no *corpus* e o recorte feito nesta pesquisa permitiram-nos algumas conclusões. O Quadro 13 apresenta alguns dados obtidos.

Reportagens	Nº de palavras	Nº de processos	Nº proc. existenciais	%
Científicas	27.150	3571	209	5,85%
Históricas	30.236	3519	147	4,17%
TOTAL	57.386	7.090	356	5,02%

Quadro 13. Contagem dos processos presentes no *corpus*.

Nossa análise demonstrou uma média de 5,02% de processos existenciais utilizados nas dezesseis reportagens da *SUPER*. Consideramos que essa porcentagem de ocorrências acima da média se deva principalmente aos objetivos do conteúdo das reportagens de capa da revista. As reportagens da *Superinteressante* têm como objetivo, em função do perfil da revista, apresentar algo novo ao seu leitor, ou seja, informar a existência de algo que era desconhecido por ele. Assim, seja para apresentar uma descoberta científica ou para resgatar uma informação importante da história do mundo que provavelmente seja desconhecida, os processos existenciais desempenham esse importante papel nas reportagens.

Dos 15 verbos apresentados, apenas 2 são prototipicamente existenciais; os outros 13 apresentam outros significados também, além de constituírem processos existenciais. No *corpus* em estudo, apenas “existir” e “ocorrer” são processos

somente existenciais. Já “acabar”, “acontecer”, “aparecer”, “começar”, “continuar”, “haver”, “morrer”, “nascer”, “permanecer”, “surgir”, “ter”, “terminar” e “vir” podem constituir orações materiais, relacionais e comportamentais. Nossa análise também nos permite agrupar os 15 verbos analisados em quatro (4) categorias (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004; MATTHIESSEN, 1995), sinalizadas no Quadro 14.

CATEGORIAS	VERBOS
estar existindo	acontecer, existir, haver, ocorrer, ter
vir a existir	aparecer, começar, nascer, surgir, vir
permanecer existindo	continuar, permanecer
deixar de existir	acabar, morrer, terminar

Quadro 14 – Proposta de categorização para os verbos que funcionam como processos existenciais no *corpus* da pesquisa.

Realizamos também uma tentativa de identificar as ocorrências de processos existenciais nas reportagens do *corpus* de acordo com a sua temática. Assim, das dezesseis (16) reportagens, pesquisamos quantas ocorrências de processos existenciais foram encontradas em reportagens com temática científica, e quantas foram encontradas em reportagens com temática histórica. Foram analisados 356 processos, e o Quadro 15 apresenta os resultados que foram obtidos.

PROCESSOS EXISTENCIAIS	NÚMERO TOTAL DE OCORRÊNCIAS	NUMERO PERCENTUAL DE OCORRÊNCIAS
<i>REPORTAGENS CIENTÍFICAS</i>	209	59%
<i>REPORTAGENS HISTÓRICAS</i>	147	41%

Quadro 15 – Números total e percentual de ocorrências como processos existenciais.

Assim, os números foram muito próximos, com uma leve vantagem das reportagens científicas. Percebemos que os processos existenciais têm papel importante tanto nas reportagens científicas quanto nas reportagens históricas, apesar de possuírem objetivos diferentes. Na maioria das reportagens científicas, os

processos existenciais são utilizados com o objetivo de apresentar ao leitor a existência de alguma novidade no mundo científico que, presumimos, não é de conhecimento do leitor. Já nas reportagens históricas, a finalidade da maioria dos processos existenciais é destacar a existência de alguém ou algum fato importante em determinado momento histórico. A identificação dos processos existenciais nas reportagens científicas e históricas permitiu-nos elaborar uma distribuição por texto, o que demonstramos no Quadro 16.

Reportagens	Nº processos existenciais	Processos existenciais
C# 1	31	acontecer, aparecer, existir, haver, nascer, ter, vir
C #2	25	acontecer, aparecer, haver, surgir, ocorrer, ter
C# 3	29	acontecer, aparecer, existi, haver, ter
C #4	41	acontecer, aparecer, começar, continuar, existir, haver, morrer, surgir, ter, vir
C# 5	17	acabar, acontecer, aparecer, existir, haver, morrer, ter
C# 6	35	acontecer, aparecer, continuar, existir, haver, nascer, ter, vir
C# 7	11	acontecer, começar, existir, nascer, permanecer,
C# 8	20	acontecer, aparecer, começar, existir, haver, surgir, ter, vir
H# 1	19	acabar, acontecer, aparecer, existir, haver, nascer, ocorrer, surgir, ter, terminar
H# 2	11	acabar, acontecer, começar, continuar, haver, morrer, nascer
H# 3	19	acabar, acontecer, aparecer, existir, haver, morrer, nascer, surgir, ter
H# 4	22	acontecer, começar, existir, haver, morrer, nascer, ocorrer, surgir, ter, vir
H #5	24	aparecer, continuar, existir, haver, morrer, nascer, surgir, ter, vir
H #6	12	existir, haver, morrer, nascer, ter
H# 7	22	acabar, acontecer, começar, existir, haver, morrer, nascer, ocorrer, surgir
H #8	18	acabar, acontecer, aparecer, existir, haver, morrer, nascer, vir
TOTAL	356	

Quadro 16. Processos existenciais separados por reportagem do *corpus*.

Em relação aos verbos que funcionaram como processos existenciais nas reportagens, nenhum verbo apareceu em todas. Os verbos que figuraram em um maior número de reportagens foram “haver” e “existir”, em quinze reportagens cada um, não comparecendo apenas nas reportagens C#7 e H#2, respectivamente. O terceiro verbo que mais figurou foi “acontecer”, que não esteve presente em apenas duas reportagens: H#5 e H#6. Esse resultado vai ao encontro do fato de que os três verbos foram os mais recorrentes no *corpus* como processos existenciais e também de que são considerados verbos prototipicamente existenciais.

Também elaboramos o Quadro 17, que mostra as ocorrências de cada um dos quinze (15) verbos analisados, e das quais se podem fazer conclusões pertinentes para o nosso trabalho.

VERBO	OCORRÊNCIAS COMO PROCESSOS EXISTENCIAIS EM REPORTAGENS CIENTÍFICAS	OCORRÊNCIAS COMO PROCESSOS EXISTENCIAIS EM REPORTAGENS HISTÓRICAS
ACABAR	1	6
ACONTECER	29	16
APARECER	18	6
COMEÇAR	5	7
CONTINUAR	3	2
EXISTIR	41	12
HAYER	49	22
MORRER	8	26
NASCER	10	24
OCORRER	1	4
PERMANECER	1	0
SURGIR	13	11
TER	18	7
TERMINAR	0	1
VIR	12	3
TOTAL	209	147

Quadro 17 – Ocorrência de processos existenciais em reportagens científicas e históricas.

A partir do quadro, destacamos que os verbos com maior número de ocorrências como processos existenciais nas reportagens científicas foram “haver”, “existir” e “acontecer”, com 49, 41 e 29 ocorrências, respectivamente. Quanto aos verbos “haver” e “existir”, identificamos que, nos exemplos, é geralmente utilizado com o objetivo de destacar a existência – ou, em muitos casos, a não existência – de algo que se presume como sendo desconhecido pelo leitor. Identificamos que este uso vai ao encontro do que é proposto pela revista *Superinteressante* que, como o próprio nome já denota, objetiva informar ao seu leitor algo que seja interessante a ele, isto é, que seja desconhecido. Os exemplos 123 e 124 demonstram essas ocorrências.

123	Ou seja, ainda não há consenso entre os cientistas de que exista talento para futebol (ou pra música ou pra gerir uma empresa). Pelo menos, não um ditado pelo DNA.
-----	--

(C#6. O segredo do sucesso, 07/2010)

Neste exemplo, temos a indicação da não existência do participante “consenso entre os cientistas”. Pelo contexto, percebemos que não são todos os cientistas que concordam com a existência de um talento genético para o futebol ou para outras profissões. Sendo assim, o verbo “haver” é utilizado para denotar essa não existência.

124	Em outra frente, a da física que explica a geometria do espaço e do tempo, está provado que o tempo da forma como o percebemos simplesmente não existe .
-----	---

(C#3. Mundo paranormal, 07/2009)

Em 124, temos a explicitação da não existência do participante “o tempo”, o que presumimos que seja de desconhecimento do leitor, já que partimos do senso comum de que a noção de tempo é comum a todos. O contexto especifica que a parte

da física que se encarrega da geometria do espaço e do tempo é quem prova essa teoria.

Diante disso, destacamos que, somados, os verbos alcançam 90 ocorrências como processos existenciais no total de 209. Destacamos que esses números demonstram claramente a proposta de dar destaque à existência (ou à não existência) de algo ou de alguém no mundo científico.

Já quanto aos usos do verbo “acontecer”, percebemos que objetivam identificar algo que é tomado como fato pelo leitor, mas que o obriga a modificar seus conceitos já que são apresentadas novidades que contrariam tal fato. Os exemplos 125 e 126 demonstram como as novidades são apresentadas pelo uso do verbo “acontecer” funcionando como processo existencial.

125	Quando uma célula se divide, essa tampinha tende a ficar menor - e a célula, a se deteriorar. O processo, repetido a cada divisão celular, faz com que ela envelheça. Ou melhor: que você envelheça. Mas em células cancerosas isso não acontece : elas se dividem sem sofrer danos.
-----	--

(C#5. Você pode ser imortal, 02/2010)

O exemplo mostra que o acontecimento que se dá com a maioria das células do corpo humano não ocorre em células cancerosas. Assim, o objetivo é apresentar ao leitor uma diferença entre as células cancerosas e as células normais, o que, mais uma vez, presumimos ser desconhecido por parte dos leitores da revista.

126	Boa parte das suas lembranças é falsa. Jamais aconteceu . Não passa de mentiras inventadas pelo seu cérebro.
-----	---

(C#1. Memória – Esquecer para lembrar, 04/2009)

No exemplo 126, temos um destaque ao fato de que “Boa parte das suas lembranças” não aconteceu, isto é, não existiram. O uso do verbo “acontecer” funcionando como processo existencial, nesse exemplo, objetiva aludir ao leitor o

fato de que algo que ele tomava como existente, na verdade jamais aconteceu e, portanto, nunca existiu.

Nas reportagens históricas, os verbos com maior número de ocorrências como processos existenciais foram “acontecer”, “morrer” e “nascer”, com 26, 26 e 24 ocorrências, respectivamente.

Nas reportagens com temática histórica, o objetivo é destacar algum acontecimento importante que não tenha sido destacado previamente nos livros didáticos, algum fato que se perdeu ao longo do tempo, mas que foi resgatado e aprofundado pela revista. Assim, as ocorrências do verbo “acontecer” denotam algo que aconteceu em algum momento da história do mundo – como mostram os exemplos 127 e 128 – mas que provavelmente não era de conhecimento dos leitores.

127	Os artesãos de crânios de Jericó não tinham escrita - aliás, passariam mais de 5 mil anos até que essa tecnologia fosse inventada. Quando isso finalmente aconteceu , em torno do ano 2000 a.C., os deuses ficaram bem mais sofisticados.
-----	--

(H#7. Deus – Uma biografia, 11/2010)

Neste exemplo, temos a ocorrência do processo “acontecer” destacando o participante “isso”, que remete à invenção da escrita. Portanto, notamos que o objetivo do uso do verbo “acontecer” como processo existencial remete ao destaque para o surgimento da escrita, ou seja, o momento em que a escrita foi trazida à existência na história mundial.

128	Lucas coloca o nascimento na época do primeiro censo que o Império Romano promoveu na Judeia. E isso aconteceu , segundo as fontes históricas romanas, em 6 a.C.
-----	---

(H#8. Os anos ocultos de Jesus, 06/2011)

O exemplo destaca, novamente, a existência do participante “isso”, o qual, dessa vez, remete ao “primeiro censo que o Império Romano promoveu na Judeia”. Assim, o objetivo do uso do verbo “acontecer” é informar a data em que este censo veio à existência. Destacamos, então, que o uso do verbo “acontecer”, nas reportagens históricas, difere bastante do seu uso nas científicas.

Com os verbos “morrer” e “nascer”, percebemos claramente a intenção de dar destaque ao nascimento ou à morte de algum personagem importante na história, ou ainda destacar o término ou o surgimento de algum fato importante, como demonstram os exemplos 129 e 130.

129	Só vou morrer no dia em que o Brasil todo estiver feliz", dizia Chico. E morreu mesmo. O médium teve uma parada cardíaca no dia 30 de junho, horas antes de o Brasil ganhar a Copa do Mundo de Futebol.
-----	---

(H#5. Uma investigação: Chico Xavier, 04/2010)

No exemplo 129, o verbo “morrer” aparece em duas ocorrências, ambas referindo-se a Chico Xavier. A primeira destaca uma previsão feita pelo médium, a segunda informa a ocorrência de sua morte, seguida da informação detalhada de como e quando ela ocorreu. Com isso, percebemos a intenção de destacar a morte de personagens históricos. Nesse caso, temos o destaque para a morte do personagem que é o tema principal da reportagem: Chico Xavier.

130	A visão clássica do Brasil colonial nasceu com o intelectual paulista Caio Prado Júnior em 1933.
-----	---

(H#6. A nova história do Brasil, 06/2010)

Em 130, temos a indicação do surgimento de uma visão, a clássica do Brasil colonial. Assim, percebemos que o verbo “nascer” (à semelhança do verbo “morrer”) não ocorre somente com participantes animados, mas também com substantivos abstratos, nos quais atua com o sentido de surgimento (ou término, no caso do verbo “morrer”).

Notamos, assim, que o resultado obtido com a quantidade de ocorrências dos verbos “morrer” e “nascer” como processos existenciais, na sua maioria, em reportagens históricas, corresponde às expectativas criadas no início da pesquisa e ao objetivo das reportagens históricas da revista *Superinteressante*.

Tendo apresentado os resultados quantitativos e qualitativos de nossa pesquisa, passamos, no capítulo a seguir, a tecer as considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, realizado na perspectiva dos estudos sistêmico-funcionais, é uma produção vinculada à linha de pesquisa Linguagem no Contexto Social do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), nível Mestrado, da Universidade Federal de Santa Maria. Também é fruto de investigações realizadas no Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa (NELP- UFSM), que utiliza a linguística sistêmico-funcional voltada para as pesquisas em língua portuguesa.

Nosso objetivo principal era identificar e mapear processos existenciais em um corpus de dezesseis reportagens de capa da Revista Superinteressante, de modo a analisar os verbos prototípicos e os não prototípicos instanciados nos textos. Também era nossa intenção distingui-los de outros processos de fronteira, como os relacionais e os materiais criativos, identificar os tipos de Existentes e também discutir os resultados da análise realizada em relação ao gênero e à concepção de linguagem como sistema, foco da linha de pesquisa Linguagem no Contexto Social.

Para isso, abordamos, no Capítulo 1, conceitos como linguagem, transitividade e metafunções. No Capítulo 2, trabalhamos com gêneros discursivos e caracterizamos o gênero reportagem de popularização da ciência. No Capítulo 3, Metodologia, descrevemos as etapas que seguimos para a realização do estudo e os recursos computacionais que utilizamos para tal. Em Resultados e Discussão, Capítulo 4, apresentamos os resultados obtidos no exame do *corpus*, primeiramente de modo global e logo após de modo particular, verbo a verbo. Também fizemos considerações a respeito dos tipos de Existentes que encontramos.

Em relação às reportagens do *corpus*, concluímos que, das três possibilidades de classificação sugeridas por Sodré e Ferrari (1986) - reportagens de fatos, de a o ou documental -, ocorre uma mistura das três em nosso *corpus*. Afinal, em alguns pontos, a reportagem se assemelha a um relato objetivo de acontecimentos; em outros, apresenta uma história sendo narrada, incluindo a presença de um clímax e, em outras ainda, trata de um tema polêmico, geralmente envolvendo algum aspecto de populariza o da ciência, com cita es que reforçam

os argumentos do autor. Os autores já destacaram a possibilidade de que essas características apareçam misturadas em um texto.

A linguagem utilizada pelos jornalistas, ao comporem seus textos, mostrou ser próxima ao português falado, cotidiano, coloquial. São comuns construções como: "Ou, no mínimo, bem mais do que você acha possível." (C#1); "Depois, o pessoal vai bater os resultados com os dos exames de verdade para ver se alguma coisa coincide." (C#3); "Pois é: se não pode vencê-los, junte-se a eles." (C#4); "Mas, vai entender, era dele que as meninas gostavam mais." (H#2); "Os caras não procuravam briga, mas não fugiam: calcula-se que chegaram a matar 400 inimigos." (H#4); "Se você pudesse entrar num De Lorean do De Volta para o Futuro e viajar para 2 ou 3 séculos atrás, poderia, sim, topa com a imagem que os professores descrevem na escola" (H#6). Isso demonstra um estilo mais conversacionalizado, uma vez que o público leitor da Superinteressante está constituído de jovens interessados em novos estudos científicos. Como gênero, a reportagem executa uma ação social que, neste caso, é a de informar e discutir temas instigantes da ciência de forma popularizada.

Encontramos, no *corpus*, 15 processos existenciais, fraseados em 356 formas, que constituem 5,85% dos processos empregados nas reportagens científicas e 4,17% dos em reportagens históricas. A média de 5,02% aponta-nos para um dado interessante em relação a esse corpus: a superioridade em relação à afirmativa de Halliday & Matthiessen (2004) de que somente cerca de 3 ou 4 por cento dos processos em língua inglesa são existenciais. Acreditamos que essa superioridade é significativa por demonstrar que, neste *corpus*, os processos existenciais apresentam um objetivo importante para a construção do texto, não sendo, como os próprios autores destacam, os menos significativos. Concluimos, assim, que, nestes textos, os processos existenciais têm o papel fundamental de destacar a existência (ou a não existência) de participantes, de acordo com a temática de cada reportagem.

Os verbos encontrados são: "acabar", "acontecer", "aparecer", "começar", "continuar", "existir", "haver", "morrer", "nascer", "ocorrer", "permanecer", "surgir", "ter", "terminar" e "vir".

A relação feita entre os dois grupos (reportagens científicas e reportagens históricas) permitiu-nos perceber algumas particularidades do sistema de transitividade no *corpus*. Apesar de a maioria dos verbos pesquisados estarem presentes em ambos os tipos de reportagens, alguns claramente tenderam para um tipo específico, o que se mostrou diretamente dependente da temática da reportagem. Os verbos “haver” e “existir” predominaram nas reportagens científicas, e “morrer” e “nascer” predominaram nas históricas. Nossa interpretação é a de que as reportagens de capa da *Super*, que têm por objetivo informar ao leitor algo que ele não saiba, utiliza, pragmaticamente, os processos existenciais fraseados em “haver” e “existir” para apresentar algo novo (pesquisa, descoberta, substância, dieta) que veio à existência ou que permanece existindo. O mesmo veículo utiliza os processos existenciais fraseados em “morrer”, “nascer” e “acontecer” (esses dois últimos com o mesmo número de ocorrências), em reportagens históricas, para contar novidades sobre alguém ou algo que já deixou de existir ou que veio à existência. Também diz respeito a seres ou coisas que continuam existindo, ao utilizar, em terceiro lugar, o verbo “haver”

Em relação à identificação do participante Existente, foi importante a noção de agentividade, o que nos permitiu diferenciá-lo do Ator e do Portador ou Identificado. A partir da afirmação de Matthiessen (1995) de que são os participantes obrigatórios dos processos materiais, mentais, verbais e comportamentais que possuem agentividade, pudemos identificar mais facilmente os processos em questão nas orações do corpus. Quanto à divergência entre processos existenciais e relacionais, a análise foi mais complexa em função de o próprio autor considerar que aqueles são na verdade um subtipo destes. No entanto, conseguimos estabelecer a identificação com base na significação dos verbos, no uso dos processos existenciais com o objetivo de determinar que um participante vem à existência, está existindo, permanece existindo ou deixa de existir, mediante o processo. O Existente nunca é um Ator, ele é sempre o Meio provocado por um agente externo, quase nunca explícito na oração. Em alguns casos demonstrados no Capítulo 5, esse agente está inserido em uma circunstância.

A análise dos Existentes, no corpus, demonstrou que são fraseados através de grupos nominais que representam seres conscientes e também seres

inconscientes. Encontramos ocorrências de participantes pessoas, animais, instituições, ações, doenças, fatos históricos, entre outros. Percebemos que são diversas as noções de grupos nominais que podem assumir a condição de participante obrigatório de um processo existencial. Quanto à posição na oração, os Existentes têm comportamento diverso: nas reportagens científicas aparecem ora antepostos (com os verbos “acontecer” e “existir”, ora pospostos (com “haver” e “existir”), e nas reportagens históricas prevalece a anteposição, especialmente com os verbos “morrer”, “nascer” e “acontecer”.

Numa possibilidade de aplicação dos estudos da abordagem funcionalista em sala de aula, com alunos do ensino médio, consideramos a atividade proveitosa. Esta abordagem, por priorizar o sentido, pode auxiliar a esclarecer dúvidas de alunos que têm dificuldade em ler e compreender textos. Em meio a discussões feitas sobre qual gramática deve ser estudada na escola, por autores como NEVES (2004), que ressalta a necessidade de se estudar a linguagem como um meio científico, a partir da abordagem funcionalista, este trabalho destaca uma possibilidade de utilização de uma categoria do sistema de transitividade para identificar, na leitura, participantes que são trazidos à existência em um determinado contexto.

Acreditamos, assim, que a perspectiva da LSF permite o entendimento do sistema da língua portuguesa, entendendo-a como uma rede de relações na qual as palavras se articulam de tal maneira a constituir sentido para os falantes e ouvintes. A gramática deve ser ensinada nas escolas não como um fim em si mesma, mas com uma perspectiva de auxiliar no entendimento do texto.

Diante disso, entendemos que este trabalho não se encerra aqui e pode incentivar a investigação, por parte de pesquisadores, em inúmeras direções. Destacamos as principais:

1. Aprofundamento das relações entre os demais processos que compõem o sistema de transitividade da gramática sistêmico-funcional. Afinal, do mesmo modo que os processos existenciais se mostraram de fundamental importância na composição das reportagens de capa da Revista *Superinteressante*, podemos certamente supor que outros processos terão tamanha importância em outros gêneros discursivos.

2. Aplicação dos estudos da gramática sistêmico-funcional em sala de aula, numa tentativa de levar para a realidade dos profissionais de Licenciatura em Letras os estudos realizados na pós-graduação. O aprofundamento direcionado a questões de ensino-aprendizagem permitiram uma maior amplitude para os estudos funcionalistas.
3. Investigação do funcionamento dos processos existenciais em outros gêneros discursivos. Afinal, supomos que em outros textos, surgirão outros verbos que funcionem como processos existenciais com as mesmas ou com diferentes funções relacionadas a tais textos, em contextos sociais específicos.
4. Análise da posição temática ou remática do Existente, de modo a entender os fatores pragmáticos que levam a tais escolhas. Percebemos que, em vários exemplos, o Existente não ocupa a posição temática, estando posposto ao processo. Acreditamos que uma análise minuciosa poderia ilustrar os motivos para essas ocorrências.

A abordagem sistêmico-funcional dos modos de falar e de escrever que materializam os textos nos auxilia a entender as práticas discursivas que estão em vigor na sociedade. Discutir a linguagem é, antes de tudo, entender que construções da realidade são feitas e como valores e crenças afloram no discurso.

REFERÊNCIAS

BAHIA, J. **As técnicas do jornalismo**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1990.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Os gêneros do discurso. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARBARA, L; GOMES, M. C. **A Representação de Dilma Rousseff pela Midia impressa brasileira: analisando os processos verbais**. Letras (UFSM), v. 20, p. 67-92, 2010.

BARBARA, L; MACÊDO, C. (2009). **Linguística Sistêmico-Funcional para a Análise de discurso: um Panorama Histórico**. Cadernos de Linguagem e Sociedade. Brasília, v. 10, n. 1, p. 89-107.

BAZERMAN, C.; A. P. DIONÍSIO; J. C. HOFFNAGEL. (Orgs.). **Gêneros, Agência e Escrita**. São Paulo: Cortez, 2006.

BONINI, A. **Em busca de um modelo integrado para os gêneros do jornal**. 2001. Texto não publicado.

BONINI, A. **Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil?** In: Revista Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, vol. 4, n. 1. 2003.

CABRAL, S. R. S. **Carta do leitor: uma análise da estrutura textual e da transitividade**. Logos (Canoas), Canoas - RS, v. 17, n.2, p. 69-77, 2006.

CABRAL, S. R. S; FUZER, C. **Introdução a gramática sistêmico-funcional da língua portuguesa**. Santa Maria, Rio grande do Sul, 2010.

CABRAL S. R. S; FUZER, C; OLIONI, R. C. **A seleção brasileira de futebol a serviço da cerveja: análise multifuncional de texto na perspectiva da gramática sistêmico-funcional**. Revista Calidoscópico, Vol. 9, n. 3, 2011.

CALSAMIGLIA, H; VAN DIJK, T. **Popularization discourse and knowledge about the genome**. Discourse & Society, v. 15, n.4, p. 369-389, 2004. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

CERRATO, S. **Pop-science on the Internet: how ULISSE makes the ends meet.** In: INFORMING SCIENCE + IT EDUCATION CONFERENCE. Cork, Ireland. Proceedings of the... knowledge. Madison: University of Wisconsin Press, 1990.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso: modos de organização.** São Paulo: Contexto, 2009.

COIMBRA, O. **O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura.** São Paulo: Ática, 1993.

CUNHA, C. **Gramática do Português Contemporâneo** : edição de bolso. Rio de Janeiro:Lexikon. Porto Alegre, RS:L&PM. 2010.

DITTRICH, I. J. **Linguística e jornalismo: dos sentidos à argumentação –** Cascavel: EDUNIOESTE, 2003.

DUARTE, V. M. **A reportagem e seus aspectos relevantes.** 2011. Disponível em <<http://portugues.com.br/redacao/generostextuais/a-reportagem-seus-aspectos-relevantes-.html>>. Acesso em maio de 2012.

FARIA, M A; ZANCHETTA, J. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula.** SP, Contexto, 2002.

FARIA, M A; ZANCHETTA, J. **Para ler e fazer o jornal na escola: 2 ed. –** São Paulo: Contexto, 2005.

FERREGUETTI, K. **Significados existenciais no português brasileiro: um estudo contrastivo em textos traduzidos e não traduzidos.** Belo Horizonte:UFMG. 2011.

FIGUEREDO, G. **Introdução ao perfil metafuncional do português brasileiro.** Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SOUZA, M. **Transitividade e seus contextos de uso.** Rio de Janeiro: Lucerna. 2007.

FUZER, C. **Vítimas e vilões em reality shows no Brasil: representações e avaliações com base em evidências léxico-gramaticais.** Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Online), v. 56, p. 403-425, 2012.

GERMANO, M. G. **Popularização da ciência como ação cultural libertadora.** In: V Colóquio Internacional Paulo Freire: Desafios à Sociedade Multicultural, 2005, Recife. Anais. Recife: UFPE/ V Colóquio Internacional Paulo Freire, 2005.

GOUVEIA, C. A. M. **Texto e gramática: uma introdução a linguística sistêmico-funcional.** Matruga, Rio de Janeiro, v.16, n.24, p. 13-47, jan./jun. 2009

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar.** 2. ed. London:ROUTLEDGE, 1994.

HALLIDAY, M. A. K; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Construing Experience through meaning: A language approach to cognition.** London / New York: Continuum. 1999.

HALLIDAY, M. A. K; MATTHIESSEN C. M. I. M. **An introduction to functional grammar.** 3. ed. London:HODDER EDUCATION, 2004.

HILGARTNER, S. The dominant view of popularization: conceptual problems, political uses. **Social studies of science**, v. 20, n. 3, p. 519-139, 1990.

INSÚA, A. E. M. **On the Nature of the Verb in Present Day English (Existential) There-Constructions. Formal and Communicative Implications.** Revista Alicantina de Estudios Ingleses (Universidad de Alicante). Disponível em <http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/5258/1/RAEI_15_09.pdf>. Acesso em 12 de dezembro de 2012. 2002

KINDERMANN, C. A. **A reportagem jornalística no Jornal do Brasil: desvendando as variantes do gênero.** [Dissertação]. Universidade do Sul de Santa Catarina. Tubarão, 2003.

KINDERMANN, C. A.; BONINI, A. **A reportagem jornalística: uma caracterização inicial do gênero a partir de exemplares publicados no Jornal do Brasil.** In: MOTTA-ROTH, D.; BARROS, N. C.; RICHTER, M. G. (Orgs.). Linguagem, cultura e sociedade. Santa Maria: PPGL/ UFSM-GRPesq/CNPq. 2006.

LAGE, N. **A estrutura da Notícia**. São Paulo: Ática, 1987.

LEIBRUDER, A. P. **O discurso de divulgação científica**. In: Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político e divulgação científica. São Paulo: Cortez, p.229-253, 2000.

LIMA-LOPES, R. E; VENTURA, C. S. M. **A transitividade em português**. In: Direct Papers 55. Pontifícia Universidade Católica: São Paulo. 2008.

LOVATO, C. S; MOTTA-ROTH, D. **Organização retórica do gênero notícia de popularização da ciência**: um estudo comparativo entre português e inglês. Linguagem em (Dis) curso. v. 9, n. 2, maio/ago., p. 273-302, 2009.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros Textuais: Configuração, Dinamicidade e Circulação**. In: A. M. KARWOSKI; B. GAYDECZKA; K. S. BRITO. (Orgs.) Gêneros Textuais: Reflexões e Ensino. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue. 2005.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTIN, J.R; MATTHIESSEN, C. M. I. M.; PAINTER, C. **Deploying Functional Grammar**. Beijing:THE COMERCIAL PRESS, 2010.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Lexicogrammatical cartography: english systems**. Sidney:Macquarie University. 1995.

MATTHIESSEN, C. M. I. M; TERUYA, K; LAM, M. **Key Terms in Systemic Functional Linguistics**. New York:CONTINUUM, 2010.

MELO, J. M. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994

MEURER, J. L. **O conhecimento de gêneros textuais e a formação do profissional da linguagem**. In M. B. M. Fortkamp & L. M. B. Tomitch (Eds.), Aspectos da Lingüística Aplicada:Estudos em homenagem ao Professor Hilário Inácio Bohn (pp. 149-166). Florianópolis SC:Editora Insular. 2000.

MOREIRA, T. M; MOTTA-ROTH, D. **Popularização da ciência: uma visão panorâmica do Diário de Santa Maria**. In.: Círculo de Estudos Linguísticos do Sul (CELSUL), 8, 2008. POA. Anais. Porto Alegre: UFRGS/CELSUL, 2008. 1 CD-ROM.

MOTTA-ROTH, D. **A popularização da ciência como prática social e discursiva**. In: MOTTA-ROTH, D.; GIERING, M. E. (Org.). Discursos de popularização da ciência (Anais do Encontro do Núcleo de Estudos Avançados “Linguagem Cultura e Sociedade” - GT Labler), 2009. Santa Maria: LABLER-PPGL/UFSM, 2009.

MYERS, G. **Discourse studies of scientific popularization: questioning the boundaries**. Discourse studies, v. 5, n. 2, p. 265-279, 2003.

MYERS, G. **Writing biology: texts in the social construction of scientific knowledge**. Madison: University of Wisconsin Press, 1990

NEVES, M. H. M. **Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa**. 2ª ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

OLIONI, R. **Tema e N-Rema: a construção do fluxo de informação em textos narrativos sob uma perspectiva sistêmico-funcional**. Tese de doutorado. Porto Alegre. 2010.

PAUL, D. **Spreading chaos: the role of popularizations in the diffusion of scientific ideas**. Written communication, v. 21, n. 1, p. 32-68, 2004.

PENA, F. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005

RODRIGUES, D. L; CABRAL, S. R. S. **Gradação e coluna de opinião: investigação da categoria de força em textos de Eliane Cantanhêde**. Intersecções (Jundiaí), v. 7, p. 141, 2012.

SARDINHA, T. B. **Linguística de Corpus**. Barueri. SP: Manole, 2004.

SCOTT, M. **WordSmith Tools 5.0**. Oxford: Oxford University Press, 2008

SILVA, T. S. **Homossexualidade: dos primórdios ao queer**. Revista Querubim, v. 9, p. 138-143, 2009.

SODRÉ, M; FERRARI, M, H. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986

SOUZA, M. M.; DIONISIO, A.P. 2008. **Transitividade, editorial e opinião: uma análise sistêmico-funcional**. Disponível em: http://www.cchla.ufrn.br/odisseia/numero1/arquivos/LIN01_PT06.pdf. Acesso em: 23/10/2011.

SUPERINTERESSANTE, Revista. **Acervo de reportagens**. São Paulo, 2010. Disponível em <<http://super.abril.com.br>>. Acesso em dezembro de 2010.